



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL**

MARIA DE LOURDES CUSTÓDIO DE FARIA

**A ESCRITA É LIVRE?
CONTRIBUIÇÕES DA POESIA LÍRICA PARA ALÉM DAS GRADES**

CASCAVEL – PR
2016

MARIA DE LOURDES CUSTÓDIO DE FARIA

**A ESCRITA É LIVRE?
CONTRIBUIÇÕES DA POESIA LÍRICA PARA ALÉM DAS GRADES**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Nível de Mestrado Profissional (Profletras).

Linha de Pesquisa: "Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes".

Orientadora: Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira

CASCADEL – PR
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F235e

Faria, Maria de Lourdes Custódio de
A escrita é livre? Contribuições da poesia lírica para além das grades.
/Maria de Lourdes Custódio de Faria.— Cascavel (PR), 2016.
190 f.

Orientadora: Prof^ª. D^ª. Valdeci Batista de Melo Oliveira

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual do Oeste do
Paraná, Campus de Cascavel, 2016
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras

1. Expressividade. 2. Poesia lírica. 3. Alunos encarcerados. 4.
Humanização. I. Oliveira, Valdeci Batista de Melo. II. Universidade Estadual
do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 400
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Beijo – CRB 9^ª/965

MARIA DE LOURDES CUSTÓDIO DE FARIA

**A ESCRITA É LIVRE? CONTRIBUIÇÕES DA POESIA LÍRICA PARA ALÉM DAS
GRADES**

Esta dissertação foi julgada e avaliada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Nível de Mestrado Profissional (Profletras), área de concentração em "Linguagens e Letramentos", da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Valdeci Batista de Melo Oliveira
UNIOESTE – Orientadora

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –
1º Membro Titular



Profa. Dra. Cristiane Grando
Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA –
2º Membro Titular

Prof. Dr. Jefferson Fernando Voss dos Santos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –
3º Membro Titular

Cascavel, novembro de 2016.

Dedico este trabalho ao meu pai (*in memoriam*) e à minha mãe, que, apesar da falta de oportunidades para estudar, nunca negligenciaram a minha educação.

Às minhas filhas de coração, Meiri e Yasmim, pela oportunidade de caminharmos e aprendermos juntas nesta vida.

Ao pequeno Gabriel, luz dos meus olhos.

E a Deus, “inteligência suprema e causa primária de todas as coisas”.

Amanhã

Eu quero hoje que o amanhã
Seja diferente... Apenas diferente
Do hoje que vivi.
Eu quero hoje que o amanhã
Não seja igual
Que não tenha todo o mal
Que hoje eu vivi.

Eu quero hoje que os ventos
Do amanhã
Sejam suave brisa em minha vida.
Eu quero hoje que amanhã minha estrada
Seja comprida e florida.

Eu quero hoje que o sol do amanhã
No horizonte
Me aponte uma direção
Eu quero hoje que o amanhã
Me faça livre o coração.

Eu quero hoje que o ontem como poeira
No vento desapareça.
Eu quero hoje que o amanhã
Como primavera floresça.

Eu quero hoje apenas sonhar
Com um amanhã... diferente.

(N. A. P.)

No momento, esposo o ponto de vista de que a questão penitenciária não tem solução "em si", porque não se trata de um problema "em si", mas parte integrante de outro maior: a questão criminal, com referência ao qual não desfruta de qualquer autonomia. A seu turno, a questão criminal também nada mais é que mero elemento de outro problema mais amplo: o das estruturas sócio-político-econômicas. Sem mexer nestas, coisa alguma vai alterar-se em sede criminal e, menos ainda, na área penitenciária.

(Augusto Thompson)

AGRADECIMENTOS

À professora Valdeci Batista de Melo Oliveira, pela orientação, dedicação e sabedoria nos momentos adequados, demonstrando um profundo conhecimento de sua profissão e de mundo, conhecimento tão necessário a nós.

À CAPES/CNPq, pela concessão da bolsa durante o período de novembro de 2014 a novembro de 2016, o que contribuiu significativamente com a qualidade da pesquisa efetivada.

Aos meus professores, pessoas de fundamental importância para esse processo, os quais são modelos de luta, perseverança e profissionalismo.

À Danielle Bin dos Reis, colega de trabalho e amiga, pela força, incentivo e sugestões. Obrigada por não me deixar abandonar essa que foi uma das grandes empreitadas da minha vida.

À Lila, um ser humano essencial, que Deus colocou em minha vida. Trabalhar ao seu lado torna todas as tarefas mais humanas e acolhedoras.

Aos meus alunos (homens privados de liberdade), sujeitos que gentilmente concordaram em participar da minha pesquisa – a eles o meu eterno agradecimento.

Aos meus colegas de turma, pessoas que estiveram sempre comigo, sofrendo, lutando, dividindo... Muito obrigada.

À Cristina, secretária do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, pela colaboração incansável, pelo bom humor e dedicação que nos acompanhou durante estes últimos dois anos.

Aos diretores da Unidade Penal e à diretora do CEEBJA, por oportunizarem que a pesquisa pudesse ser realizada.

FARIA, Maria de Lourdes Custódio de. **A escrita é livre?** Contribuições da poesia lírica para além das grades. 2016. (190 f.) Dissertação (Mestrado em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

RESUMO

“A escrita é livre? Contribuições da poesia lírica para além das grades”: trata-se de uma pesquisa que busca contribuir, por meio da leitura e escrita de poesia lírica, na formação educacional de alunos encarcerados. Esses alunos estudam em um Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos – CEEBJA, localizado em uma penitenciária no Estado do Paraná. Esse estudo se propôs desenvolver três objetivos específicos: i) trabalhar a concepção de literatura, de poesia lírica e de recursos da linguagem, estimulando o aluno a ler e a compreender o texto poético; ii) propor práticas pedagógicas que auxiliem o aluno a escrever e a se expressar por meio da escrita de poemas do cotidiano; e iii) estimular o aluno a ler e a escrever poemas, compreendendo a escrita como uma forma de expressividade possível no processo de ensino-aprendizagem atrás das grades da prisão. A pesquisa se sustentou em pressupostos teóricos que apontam o papel potencializador e humanizador da literatura, segundo o entendimento de Antonio Candido (1995), trabalhado pelo viés da poesia lírica, que pode ser posta a serviço da educação, oportunizando ao aluno privado de liberdade aprender mais, tanto para si, quanto para a sua vida social. Isso o auxilia a ter uma visão mais ampla de mundo. A base teórica do trabalho foi buscada em pensadores como Michel Foucault (2013), Paulo Freire (2003), Antonio Candido (1995), G. W. Friedrich Hegel (1980), Massaud Moisés (2003), Salvatore D’Onófrío (1995), Cesare Beccaria (2009). E, para embasar a elaboração de nossa Proposta de Aplicação Didática, recorremos às proposições do Método Recepcional de Maria da Glória Bordini (1993) e Vera Teixeira Aguiar (1993), articuladas à Estética da Recepção, concebida por Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1979). Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfico-qualitativa, cujos procedimentos foram desenvolvidos por meio da pesquisa-ação. Como resultado desse processo didático-pedagógico, percebemos que o trabalho em sala de aula com a poesia lírica pode ocorrer de forma didática e espontânea, servindo para a humanização e a emancipação dos alunos alcançados por essa prática.

Palavras-chave: expressividade, poesia lírica, alunos encarcerados, humanização.

FARIA, Maria de Lourdes Custódio de. **The writing is free?** Contributions of lyric poetry to beyond the bars. 2016. (190 pages) Dissertation (Professional Master in Languages – PROFLETRAS) – State University of West Paraná. Cascavel.

ABSTRACT

“The writing is free? Contributions of lyric poetry to beyond the bars”: is a research that longs to contribute, through the reading and writing of lyric poetry, to the educational formation of incarcerated students. These students study at a State Center of Basic Education for Young people and Adults (*Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos – CEEBJA*), located in a penitentiary in Paraná. The development of this study is supported by three specific goals: i) to work the concept of literature, lyric poetry and language resources, encouraging the student to read and comprehend poetical texts; ii) to propose pedagogical practices that help the student to write and express himself through the writing of daily life poems; iii) to encourage the student to read and write poems, comprehending the writing activity as a possibility to express himself during the teaching-learning process behind the prison bars. The research was based on theoretical assumptions that point to the humanizing role that literature plays, accordingly to what is proposed by Antonio Candido (1995), giving to the student the opportunity of learning more. That will help him develop a wider perspective of the world. The theoretical support of this work was based on intellectuals such as Michel Foucault (2013), Paulo Freire (2003), Antonio Candido (1995), G. W. Friedrich Hegel (1980), Massaud Moisés (2003), Salvatore D’Onófrío (1995), Cesare Beccaria (2009). And, to support the elaboration of our Proposal of Pedagogical Expansion, we consulted the propositions of the *Método Recepional* by Maria da Glória Bordini (1993) and Vera Teixeira Aguiar (1993), combined to the Reception Theory, by Hans Robert Jauss (1994) and Wolfgang Iser (1979). Therefore, this is a bibliographic qualitative research, in which the procedures were developed through a research and action method. As a result of this didactic-pedagogical process, it is possible to notice that the classroom work with lyric poetry can happen in an didactic and spontaneous way, being useful to the humanization and emancipation of the students reached by this practice.

Key-words: expressiveness, lyric poetry, incarcerated students, humanization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do filme Dead Poets Society	70
Figura 2 – Caricatura de Carlos Drummond de Andrade	86
Figura 3 – Metáfora (1) - Essa rua é um verdadeiro deserto.	93
Figura 4 – Metáfora (2) - Minha boca é um túmulo.	93
Figura 5 – Metáfora (3)	94
Figura 6 – Comparação	94
Figura 7 – (montagem) - Antíteses	94
Figura 8 – Hipérbole (1)	95
Figura 9 – Hipérbole (2)	95
Figura 10 – Prosopopeia (1) – O Sol amanheceu triste e escondido.....	95
Figura 11 – Prosopopeia (2) – A lua beijava a face do lago adormecido.....	96
Figura 12 – Retrato	107
Figura 13 – Ilustração: Manih, arquiteta e urbanista. Dedicou-se à pintura e ao desenho, sendo este seu primeiro trabalho como ilustradora:	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sequência de Atividades	87
Quadro 2 – Sequência de Atividades	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 HISTÓRIA DA PRISÃO	23
1.1 Um Breve Histórico das Prisões	23
1.2 O Sistema Penitenciário Brasileiro	30
2 LITERATURA LÍRICA	41
2.1 Poesia Lírica.....	41
2.2 Literatura, Escola e Poesia Lírica no Ambiente Prisional	47
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA	59
3.1 Contexto da Pesquisa: local de aplicação da proposta	59
3.2 Metodologia Didática: Estética da Recepção	60
4 DESENVOLVIMENTO SISTEMÁTICO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	69
4.1 Módulo I – Acordando os sentidos – 4 h/a	69
4.1.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas	70
4.1.2 Ruptura do horizonte de expectativas	71
4.1.3 Questionamento do horizonte de expectativas	71
4.1.4 Ampliação do horizonte de expectativas	72
4.2 Módulo II – Sensibilização – 4 h/a	74
4.2.1 Determinação do horizonte de expectativas	75
4.2.2 Atendimento ao horizonte de expectativas	75
4.2.3 Ruptura do horizonte de expectativas	81
4.2.4 Questionamento do horizonte de expectativas	81
4.2.5 Ampliação do horizonte de expectativas	81
4.3 Módulo III – Oficina de poemas – 4h/a	84
4.3.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas	84
4.3.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas	86
4.3.3 Ampliação do horizonte de expectativas	87
4.4 Módulo IV – Entendendo as figuras de linguagem – 4 h/a.....	92
4.4.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas	93
4.4.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas	97
4.4.3 Ampliação do horizonte de expectativas:.....	98
4.5 Módulo V – Poema e poesia – 4 h/a	99
4.5.1 Determinação do horizonte de expectativas	99

4.5.2 Atendimento do horizonte de expectativas:	100
4.5.3 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas	101
4.5.4 Ampliação do horizonte de expectativas	101
4.6 Módulo VI – Lendo, entendendo e interpretando poemas – 4 h/a	104
4.6.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas	104
4.6.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas	112
4.6.3 Ampliação do horizonte de expectativas	112
4.7 Módulo VII – Eu sou poeta – 4 h/a	114
4.7.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas	114
4.7.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas	115
4.7.3 Ampliação do horizonte de expectativas	115
5 POEMAS ESCRITOS PELOS ALUNOS	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXOS	153

INTRODUÇÃO

Escrever é maldição. [...] uma maldição que salva – maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. (CLARICE LISPECTOR, 1999).

A citação de Clarice Lispector abre a presente pesquisa pela mestria e beleza do conceito estético-filosófico com que a autora aponta o caráter afirmativo do trabalho de escrever, apesar de ser maldição e vício, e pela dimensão existente entre escrita e as dificuldades, lutas e obstáculos da vida social humana. A autora foi feliz ao colocar que a escrita é salvação: salva a alma presa. E nos permitiu pensar as potencialidades da escrita para além do sentido figurado, pois, se o vocábulo "presa" posto no excerto expressa um sentido metafórico, para dizer das prisões que a vida humana impõe aos afetos, ao pensamento, às subjetividades e às coletividades, também pode dizer no sentido literal, salvar a pessoa que se sente inútil e desvalida, dentro das imensas 24 horas atrás das grades de uma prisão a cumprir pena.

E "pena" aqui não quer dizer apenas o tempo de privação da liberdade determinada pelo juiz em cumprimento de lei de execução penal. Para grande parte da população brasileira, gente mergulhada na ideologia autoritária, como é nossa cultura desde as origens, "pena" quer dizer tormentos e sofrimentos que podem ser materializados em serem as prisões lugares insalubres, superlotados, com violência física, humilhações, péssima alimentação, enfim, todo o ritual da não humanidade que as prisões e as sociedades impõem aos julgados e condenados e àqueles que mofam, por anos, nas prisões, sem, sequer, terem sido julgados e condenados – apesar de que, no seu artigo 40, essa mesma lei enfatize a dignidade da pessoa humana, legislando que “[...] impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e presos provisórios”.¹

¹ BRASIL. Lei de Execução Penal nº 7.210, Seção II, Dos Direitos, Artigo 40, de julho de 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Dentro desses espaços tão sombrios, poderão os professores que atuam dentro do sistema EJA das escolas prisionais realizar alguma ação afirmativa, ou deverão cumprir tabelas e horários num eterno faz de conta? Sabemos que é muito mais fácil deixar a situação nas condições em que elas se encontram e essa é a postura de muitos, mas há aqueles que ainda acreditam que o conhecimento, a educação e a formação são armas do esclarecimento, da mudança e da redenção, conforme proposto, categoricamente, por Theodor W. Adorno, na última das *Minima Moralia*: “[...] o conhecimento não tem nenhuma luz senão que a que brilha sobre o mundo a partir da redenção” (2008, p. 242).

Parece ser esse o nosso caso e, dentro das exíguas condições e possibilidades como professora de Língua Portuguesa em uma unidade prisional, acreditamos numa proposta de leitura e de escrita com alunos encarcerados dentro desse tipo de estabelecimento. Sabemos que na atividade de escrita temos de refletir e de nos expor, pois, ao escrever, somos levados a pensar em nós, na vida e nos outros, e, assim, somos obrigados a tomar consciência das nossas próprias misérias, de nossos problemas, de nossas frustrações e mesmo de nossas alegrias, assim como da vida daqueles que nos são caros e daqueles que não são, dos colegas de infortúnio, da complexidade da vida social em que estamos mergulhados e, talvez, apenas talvez, da vida daqueles que prejudicamos.

Há muitas formas de expressão para refletir sobre o mundo e sobre o estar no mundo. Uma delas é a escrita e, no caso em tela, a escrita de poesia lírica, que, como um processo cultural, social e humanizador, é considerada, pelos grandes estetas, literatos e poetas, como ferramenta capaz de ampliar nossa percepção acerca de nós mesmos, das pessoas e do mundo (CANDIDO, 1995, p. 175). Dentre os gêneros de escrita literária para a consecução das atividades de leitura e de escrita que aqui propomos, escolhemos a poesia lírica, mas sabemos que o papel potencializador da escrita literária está posto em todos os seus gêneros e em todas as formas dessa arte. Por isso também estaremos a falar da literatura *tout court*.

Para Candido, a literatura “[...] é a arte que transforma, que humaniza o homem e a sociedade na qual vive. Como produção humana, a literatura está intrinsecamente ligada à vida social” (1972, p. 803-809). A humanização e a transformação do humano se efetivam no momento que for capaz de, ao sentir-se, desenvolver a capacidade reflexiva de relacionar, de perceber e de ultrapassar, ainda que no pensamento e na imaginação – e isso já é muito –, a realidade pessoal

e a social em que estiver inserido. E a literatura contribui para essa ultrapassagem. O autor atribui à literatura três funções: a psicológica, a formadora e a social.

Para Candido (1972), a função psicológica responde ao homem a necessidade de ficção e de fantasia, possibilitando-lhe momentos de reflexão, de identificação e de catarse. Na função formadora, por ter base na sociedade, a literatura atua na formação e na educação do sujeito ao retratar a realidade. A função social, por sua vez, é a forma como a literatura retrata os diversos segmentos da sociedade. Assim, ela é verdadeiramente sentida quando o leitor consegue incorporar a realidade da obra às suas próprias vivências e experiências pessoais. Candido (2002) afirma que:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. É um dos meios com que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona lhe escamotear [...]. (CANDIDO, 2002, p. 83 e 84).

Vemos aqui que a contribuição da literatura na formação humana não se atrela ao sistema de poder. Cabe à literatura, como figuração do real, ser a forma discursiva com maiores condições de possibilidades para formação, construção e reconstrução das identidades sociais para além daquela imposta pelo sistema mercantilista. Esta pesquisa considera muito significativa a afirmação posta no excerto citado acima, considerando o papel que a literatura, como artefato cultural, pode exercer no meio social e na consciência do homem enquanto ser de relação, participante sem direito a réplicas do discurso do *establishment*, que defende como autômato e que precisa do conhecimento para puxar as pontas dos assujeitamentos lançando luz ao obnubilado do mundo social.

Antonio Candido, na obra *O Direito à Literatura* (1995, p. 242), explica que a literatura é uma "[...] manifestação universal de todos os homens em todos os tempos [...]", sendo imprescindível para a existência humana. Segundo ele, não há homem ou sociedade que possa viver sem literatura e não há possibilidade de que uma pessoa possa "[...] passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da

ficção e da poesia [...]” (idem). Ainda segundo Candido, a literatura deve ser posta no mesmo patamar de importância de quaisquer outros direitos humanos, afirmando categoricamente que ela é uma necessidade tão vital que está presente em todos os seres humanos, sejam analfabetos ou eruditos, estejam acordados ou em sonho.

Para Colomer:

A literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que ensina "a se perceber" que há mais do que o que se diz explicitamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a elipse e a confusão foram organizadas deliberadamente. Como quem aprende a andar pela selva notando as pistas e sinais que lhes permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar [...]. (2007, p. 70).

O excerto confirma a importância da literatura na aquisição do conhecimento e da experiência na formação do aluno, como quem aprende a andar nos caminhos tortuosos dos signos linguísticos em que leitor está inserido e, se considerarmos a realidade das prisões, em se tratando do ambiente escolar dentro do sistema prisional, veremos as potencialidades que a literatura apresenta ao trabalhar com jovens e adultos privados de liberdade. Cabe aqui considerar que, dos jovens aprisionados, muitos acabam por se tornar leitores, quase que a contragosto, pois dentro das prisões as astúcias comezinhas do mundo da mercadoria travestidas de Cila e Caribdes² são silenciadas pelas forças das grades, o que faz o jovem preso, quase que à revelia da vontade, ser levado a momentos de contemplação nos quais uma avaliação dos seus valores e da conduta da sua vida pregressa sejam postos sob o clivo de um olhar mais além da superficialidade.

Nesses momentos, a literatura pode auxiliá-lo a ver para além do burburinho do cotidiano reificado e a refletir sobre si e sobre o mundo, e ir além dos seus conhecimentos e valores. Ou seja, a leitura que outrora podia ser uma atividade enfadonha e obrigatória, pode vir a ser fonte de lazer e contemplação. Essa é a

² A expressão “entre Cila e Caribdes” (*Grande Dicionário Enciclopédico do Verbo*, 1997) ou “entre Cila e Caribdis” (*Dicionário de Frases Feitas*, de Orlando Neves, 1991) é uma forma invulgar que corresponde à tão conhecida “entre a espada e a parede” e que representa a sensação de se estar “num dilema, em perigo iminente, em grande dificuldade”. A expressão se deve a uma realidade de grande perigo por que passavam os marinheiros no estreito de Messina, pois, ao fugirem do Caribdes (um turbilhão que aí se formava), iam muitas vezes contra Cila, rochedo pouco distante da costa de Itália. Por isso também existe a expressão “fugir de Cila para cair em Caribdes” para exprimir a ideia de “evitar um perigo e cair noutro maior”. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/entre-cila-e-caribdis/18728>>. Acesso em: 13 out. 2015.

hipótese que esta pesquisa propõe para falar da importância da literatura nos ambientes prisionais. Ainda mais porque vivemos em uma sociedade de leitores com pouco letramento para além do trivial, o que contribui para o aprisionamento de um grande número de jovens oriundos da classe trabalhadora.

A respeito da literatura, Candido (1995) ressalta:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Nessa perspectiva, a literatura desempenha um papel fundamental e é um importante fator de humanização. Como afirma Candido (2002, p. 175), “[...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade”. Nesse trecho é possível notar que a literatura é algo vital a todo ser humano.

Considerando a leitura do texto acima citado, cabe afirmar que a literatura é um instrumento importante de humanização do leitor, sendo-o na medida em que lhe faculta perceber as dificuldades da vida e lhe possibilita pensar:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes elegem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 1995, p. 243).

Vale destacar que essa afirmação propõe que o homem pode se tornar capaz de compreender a si mesmo, compreender o mundo em que vive e a sociedade que compartilha com os outros seres em sua vida social. Ainda, segundo esse mesmo autor, “[...] cabe aos autores, nas diferentes épocas, a escolha da melhor maneira de organizar as emoções e a visão de mundo que desejam transmitir para seus leitores” (CANDIDO, 1995). Também deixa entender que a literatura não tem responsabilidade com a moralidade burguesa maniqueísta posta na dicotomia e na

superficialidade dos fenômenos; daí a necessidade de entender que é por meio da literatura que se pode ampliar a compreensão a respeito da natureza, da sociedade e do semelhante.

Sob essas reflexões a respeito da literatura propomos, como objetivo principal desta dissertação de mestrado, trabalhar com leitura e escrita da poesia lírica com alunos encarcerados. Quiçá essas atividades lhes forneçam pelo menos um *quantum* mínimo de condições e possibilidades de pensar e de construir uma nova história pessoal para além das grades. A expressão “para além das grades” justifica-se por lembrarmos que o homem preso hoje, esse mesmo homem amanhã retornará à vida social, salvo raras exceções. E fica aqui de pronto a indagação: Qual lugar ele irá ocupar nessa vida social após as grades? Irá reincidir e voltar para as grades de uma prisão ou conseguirá encontrar um espaço de atuação para o exercício da cidadania?

O interesse por essas questões e temas se deve ao fato de eu trabalhar como professora de Língua Portuguesa com alunos encarcerados do Ensino Fundamental – Fase II, em uma penitenciária no Estado do Paraná, desde o ano de 2007. Também se deve ao fato de haver interesse e reconhecimento, por parte dos alunos especialmente, em expressar seus pensamentos, sentimentos, medos, desejos, frustrações, esperanças, por meio das palavras. São alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) cujo perfil aponta que são do sexo masculino e com idade mínima de dezoito anos. Alguns já foram julgados pela lei e outros ainda aguardam julgamento. Vale lembrar que a maioria absoluta dos que estão na prisão vêm dos segmentos mais pobres da população.

A partir dessas considerações, proponho trabalhar com atividades de leitura de poesia lírica e de escrita de poemas, considerando a perspectiva de que a lírica carrega em si as demandas da subjetividade expressas em uma linguagem cheia de significados, reflexão, ritmo, emoção, imagens, perceptos, sentimentos, além do caráter humanizador.

Segundo G. W. Friedrich Hegel (1993, p. 608), o lirismo se centra na subjetividade humana e em suas relações com a vida social e suas demandas, conseqüentemente, nas situações e objetos particulares em que “[...] o conteúdo da poesia lírica é, pois, o modo como a pessoa e seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações consegue construir a consciência de si mesma no âmago desse conteúdo”. Acrescente-se que, para Hegel, a “[...] função mais nobre

da poesia, [é] libertar no sentimento e não do sentimento” (HEGEL, 1980, p. 105). Como a maioria dos presos são jovens, então eles, antes das grades da prisão, provavelmente desconheciam a si próprios e os sentimentos que animam ou desanimam sua libido e catexias³. A poesia, como outros discursos, convida à interlocução. A diferença é que a interlocução exigida pela poesia consegue maior aproximação das “[...] galáxias de sonhos e fantasias, de ímpetos insatisfeitos de desejos e amores, abismos de infelicidades, vastidões de fria indiferença, ardores de astro em chamas, ímpetos de ódio, débeis anomalias, relâmpago de lucidez, tempestades furiosas” (MORIN, 2011, p. 44) do apreciador.

Conforme Salvatore D’Onófrío (1995), no gênero lírico, o conteúdo subjetivo faz com que o poeta utilize recursos estilísticos próprios da linguagem poética. A lírica poética estabelece relações que enlaçam nossas experiências do presente com as recordações do passado e o pressentimento do futuro, sendo intrínseca, ou seja, própria da condição humana.

Entretanto, apesar de toda a abordagem feita à lírica, é necessário esclarecer que os alunos encarcerados que fizeram parte desta pesquisa optam sempre pela liberdade da palavra, pelo acaso e, na situação em que se encontram, tornam-se mais inspirados a escrever. Então foi meu compromisso desenvolver um trabalho de intervenção que permitisse ao meu aluno expressar-se de forma natural e livre.

No trabalho com esses alunos encarcerados, constatamos muitas das inúmeras dificuldades de aprendizagem que eles carregam consigo (ler, escrever, interpretar, inferir) a respeito de diversos assuntos. Assim, sentimos a necessidade de obter maior qualificação para o exercício da prática docente desejando auxiliá-los no desenvolvimento dessas habilidades e nos propusemos a fazê-lo por meio de atividades de leitura e da escrita de poesia lírica, estimulando o prazer estético, uma ocupação mental que os ajudasse à reflexão acerca de si e do mundo.

Em análise de textos para a produção deste trabalho, e principalmente no ato da escrita, e mediante o exposto, é importante destacar que o produto final que esta dissertação tenciona é apresentar, na sua conclusão, a produção escrita de poemas de alunos encarcerados. Sabemos, porém, que ler é uma das competências fundamentais que deve ser trabalhada com o aluno, não apenas a decodificação,

³ Do grego káthexis. Catexia: ação de parar ou deter. S.M. Ideia ou imagem mental dotada de carga afetiva. BORBA, Francisco S. et al. *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edições Piá, 2011. p. 254.

mas a leitura no seu ato completo de compreender, interpretar e construir significados.

Para Irandé Antunes,

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe-se muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo [...]. (ANTUNES, 2003, p. 67).

Diante desse processo, leitura e escrita entrelaçam-se neste trabalho, porque a leitura vai colhendo ideias, reunindo conhecimentos e produzindo inferências. Isso produz o enriquecimento do pensamento humano, no qual poderemos formar e reformar nossas opiniões, para finalmente expor, por meio de palavras, os sentimentos – assim propiciando ao cidadão condições para que ele se reumanize.

Seguindo a nossa proposta a respeito da educação no ambiente prisional, sabemos que a sociedade insiste em ignorar a realidade das prisões no Brasil. Muitas pessoas acreditam que, quando o indivíduo é preso, o problema acabou, está tudo resolvido. De fato, porém, não é apenas isso: Há a questão da permanência, da saída e da reintegração dos presos à sociedade. O que ele aprendeu durante a sua permanência no sistema penal? Recuperou-se ou reincidirá? A educação oferecida cumpriu seu papel? Então, por meio de reflexões e de apontamentos anteriores, cheguei ao problema norteador mediante o seguinte questionamento: –Como a leitura e escrita de poesia podem contribuir para o apenado de maneira que ele compreenda o processo de aprendizagem como formador de si mesmo, humanizando-o, principalmente para além das grades e para além do tempo da remição⁴?

Desse modo, temos como objetivo, nesta pesquisa, por meio da leitura e escrita de poesia lírica nas aulas de Língua Portuguesa, contribuir na formação educacional de alunos encarcerados no sistema prisional. Para esse fim, propomos:

⁴ “Remição”, como forma de pagamento da pena privativa de liberdade (remição, com “ç”, significa pagamento; e não perdão: perdão é sinônimo de remissão com “ss”), está diretamente relacionada com a execução da pena, portanto, adstrita ao objeto do Direito Penitenciário. A remição, prevista no artigo 126 da Lei de Execuções Penais, afirma que, para cada três dias trabalhados, o recluso terá descontado um dia da pena. A jurisprudência atual concede a remição também pelo estudo. Disponível em: <http://www.seguranca.pr.gov.br/arquivos/File/admin_penitenciaria/parecerleitura.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.

- a) trabalhar a concepção de literatura, de poesia lírica e de recursos da linguagem, estimulando o aluno a ler e compreender o texto poético;
- b) desenvolver práticas pedagógicas que auxiliem o aluno a escrever e a expressar-se por meio da escrita de poemas no cotidiano, despertando a sua compreensão a respeito desse trabalho na sua formação intelectual, pessoal e social;
- c) estimular o aluno a ler e a escrever poemas, compreendendo a escrita como uma forma de expressividade possível, dentro das grades da prisão, e relevante no processo de ensino-aprendizagem.

É importante salientar que, no decorrer de todo o processo de ensino-aprendizagem, o aluno/preso teve aulas de leitura de poesias como conteúdo curricular.

Intentando desenvolver os objetivos levantados anteriormente, esta dissertação se compõe de quatro partes, estas apresentadas como capítulos, quais sejam: Capítulo 1: "A prisão"; Capítulo 2: "Poesia lírica"; Capítulo 3: "Abordagem metodológica da pesquisa"; e Capítulo 4: "Desenvolvimento sistemático das atividades propostas e análise dos resultados".

Assim, o Capítulo 1, intitulado "A prisão", mais a subdivisão intitulada "As prisões e o sistema prisional brasileiro", trata desde a origem das prisões, perpassando pelo suplício das praças públicas até a ineficiência do atual sistema penal. Delimitamos e discutimos a respeito do tema proposto por meio de bases teóricas, buscando um diálogo com alguns autores que tratam sobre esse assunto.

O Capítulo 2, intitulado "Poesia lírica", está subdividido em uma parte destinada a "Poesia lírica" e outra a "Literatura, escola e poesia lírica no ambiente prisional", que trata sobre a poesia, apresenta autores e influências até a lírica moderna apresentada por Charles Baudelaire. Em seguida, discute a respeito da sua função social e da importância de trabalhar a sensibilização da pessoa humana por meio da poesia.

No Capítulo 3, sob o título de "Abordagem metodológica da pesquisa", são apresentados o "Contexto da pesquisa: local de aplicação da proposta" e a "Metodologia didática: Estética da Recepção".

Por fim, a partir da aplicação da Proposta Didática, propõe-se o Capítulo 4 – "Desenvolvimento sistemático das atividades propostas e análise dos resultados",

para desenvolver considerações a respeito das possibilidades de alcançar o objetivo proposto pelo trabalho.

Após essas partes estão postos os anexos em cópias digitalizadas de parte das produções poéticas compostas pelos alunos durante as oficinas da Proposta de Aplicação Didática, produções que ocorreram entre os dias 25 de abril e 10 de maio de 2016.

1 HISTÓRIA DA PRISÃO

Um filósofo produz ideias, um poeta versos, um pastor sermões, um professor, manuais etc. Um criminoso produz crimes. Se considerarmos um pouco mais de perto a relação que existe entre este ramo da produção e o conjunto da sociedade, revelaremos muitos preconceitos. O criminoso não produz apenas crimes, mas ainda o Direito Penal, o professor que dá cursos sobre Direito Penal e até o inevitável manual onde esse professor condensa o seu ensinamento sobre a verdade. Há, pois, aumento da riqueza nacional, sem levarmos em conta o prazer do autor. O criminoso produz ainda a organização da polícia e da Justiça penal, os agentes, juízes, carrascos, jurados, diversas profissões que constituem outras categorias da divisão social do trabalho, desenvolvendo as faculdades de espírito, criando novas necessidades e novas maneiras de satisfazê-las. Somente a tortura possibilitou as mais engenhosas invenções mecânicas e ocupa uma multidão de honestos trabalhadores na produção desses instrumentos. O criminoso produz uma impressão, que pode ser moral ou trágica; desta forma ele auxilia o movimento dos sentimentos morais e estéticos do público. Além dos manuais de Direito Penal, do Código Penal e dos legisladores, ele produz arte, literatura, romances e mesmo tragédias. O criminoso traz uma diversão à monotonia da vida burguesa; defende-a do marasmo e faz nascer essa tensão inquieta, essa mobilidade do espírito sem a qual o estímulo da concorrência acabaria por embotar. O criminoso dá, pois, novo impulso às forças produtivas...

(Karl Marx)⁵

1.1 Um Breve Histórico das Prisões

Segundo Compagnon, “[...] a epígrafe é a citação por excelência, a quintessência da citação, a que está gravada na pedra para a eternidade, no frontão dos arcos do triunfo ou no pedestal das estátuas” (1996, p. 79). Julgamos o texto de Marx uma epígrafe afiada com acicate desses bem agudos para abrir o capítulo sobre as prisões, sem a hipocrisia da má-fé ou da inocência da boa-fé, pois sabemos que as prisões não nasceram por motivos humanitários ou idealistas, sequer como uma proposta de reabilitação ou de ressocialização dos transgressores, embora seja esse o discurso oficial. Prisões existem desde priscas eras e sua existência marca a memória humana e o imaginário humano em lugares

⁵ Karl Marx. In: LEFEBVRE, Henri. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1968. p. 79-80.

e tempos diversos pelo sofrimento, pela barbárie, pela tortura e pelas crueldades impostas aos corpos dos condenados. As civilizações mais antigas já conheciam o seu significado quando violados os direitos de outrem, ou quando o vencedor não queria eliminar fisicamente o vencido⁶. De qualquer forma, não devemos nos esquecer de que todo sistema de produção descobre um sistema de punição que corresponda às suas relações produtivas.

Inicialmente, as prisões eram usadas para a reclusão de escravos e de prisioneiros de guerra. Antessalas de suplícios e de torturas, elas eram impostas como forma de humilhação e de custódia dos inimigos vivos, para os quais a morte seria um sofrimento menor, e, para os infratores, significavam local de espera para o julgamento e para a punição a ser aplicada. Na cultura grega antiga podemos ver que Hermes era o Deus guardião da guerra, da prisão e de libertação. E, na *Odisseia*, de Homero, vemos Ulisses ser feito prisioneiro do gigante Polifeno, depois de Circes e da ninfa Calípsos⁷. Sua finalidade, porém, não era a de ressocialização, proposição social que só acontece depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁸, sabendo-se que, entretanto, mesmo depois da declaração, nos mais diversos países do mundo, as prisões são tidas como a principal ação do poder nas lides com os considerados criminosos.

Quanto à prisão, podemos vê-la em pleno vigor na própria bíblia, no *Livro de Gênesis*, cap. 40:

E indignou-se Faraó contra os seus dois eunucos, contra o copeiro-mor e contra o padeiro-mor. Entregou-os à prisão, na casa do capitão da guarda, na casa do cárcere, no lugar onde José estava preso. E o guarda do cárcere entregou-os a José, que também os servia. (LYRA, 2009, p. 57).⁹

As civilizações que viveram entre 3000 e 400 anos antes de Cristo, muito cedo produziram seus códigos penais. Um dos mais conhecidos é o *Código de Hamurabi* – 1750-1730 a.C., escrito em acádio ou babilônio antigo, tratando sobre delitos e penas. Além dos códigos e das normas para a prisão, esse antigo código

⁶ GRECO, Rogério. *Direitos humanos, sistema prisional e alternativas à privação de liberdade*. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 143.

⁷ HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003.

⁸ Mesmo antes do surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Criação da House of Correction, inaugurada em 1552, na cidade britânica de Bridewell, já considera a prisão como pena a ser aplicada com vistas à ressocialização do delinquente e, depois dela, foram criadas várias outras prisões nos países com o intuito de reeducar o preso.

⁹ LYRA, Roberto, *Origem e evolução das prisões*. Disponível em: <http://www.adv.br/link_geral.pmp?Item=geral308&título=Origem+e+Evolu%7%E30+dasPris%F5es>. Acesso em: 31 jul. 2015.

da Babilônia apresentava uma série de punições, como variadas formas de pena de morte e de mutilação¹⁰.

Alguns conceitos do *Código de Hamurabi*¹¹:

Se alguém arranca o olho a um outro, se lhe deverá arrancar o olho; Se ele quebra o osso a um outro, se lhe deverá quebrar o osso; Se alguém parte os dentes de um outro, de igual condição, deverá ter partidos os seus dentes; Se alguém espancar outro mais elevado que ele, deverá ser espancado em público sessenta vezes, com o chicote de couro de boi; Se alguém golpeia outro em uma rixa e lhe faz uma ferida, ele deverá jurar: “Eu não o golpeei de propósito”, e pagar o médico; Se alguém atinge uma mulher livre e a faz abortar, deverá pagar dez siclos¹² pelo feto; Se essa mulher morre, se deverá matar o filho dele.

Na certeza do horror de uma tal justiça, mesmo assim, no entanto, a severidade do tratamento dado ao infrator, no caso do *Código de Hamurabi*, era um avanço contra a crueza das penas anteriormente aplicadas aos considerados culpados, pois antes os sofrimentos impostos, aos que caíam em desgraça ou que efetivamente eram aprisionados por algum delito, eram muito mais cruéis. Sendo assim, podemos dizer que esse código foi um avanço e que suavizou as penas dos condenados. Por outro lado, o *Código de Hamurabi* tem semelhança com estatuto da vingança privada que vigorava no mundo antigo, cujas leis dos costumes e dos Deuses determinavam a vingança que a vítima de uma ofensa, seus parentes e até seu grupo social em que a vítima vivia, deviam cobrar, retaliar, sem proporção ao tamanho da ofensa, e atingir não só o ofensor, como todo o grupo a que ele pertencia. A tragédia grega nasce justamente do confronto dessas duas ordens, quando as leis do estatuto da vingança privada são questionadas pelas leis da *polis*. Vemos a personagem Antígona¹³ se debater ante o dever de ser leal às tradições culturais e familiares e o dever de se submeter ao julgamento das leis da *polis*. Sua morte resulta justamente do confronto dessas duas ordens. Seja como for, a história das prisões aponta que elas eram utilizadas em casos de dívidas, corrupção, rapina, rebelião de escravos e para estrangeiros cativos, entre outros.

Já no contexto histórico-cultural da Idade Média e dentro do direito germânico e da Igreja, as prisões foram fortalecidas como prática social. Sobre essa fase da

¹⁰ MIRABETE, 2003, p. 36.

¹¹ Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/hamurabi.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

¹² Medida de peso, aproximadamente 15 gramas.

¹³ LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

história, o direito canônico afirma a necessidade e legalidade das prisões. A respeito disso, Adeildo Nunes afirma que:

Na Idade Média, a igreja foi precursora na aplicação da prisão, como de castigo àqueles infringissem seus preceitos, fazendo recolher os monges rebeldes ou infratores em celas individuais, onde, mercê de orações e reflexos, reconheciam seus próprios pecados e não voltavam a cometê-los. (NUNES, 2005, p. 45).

De acordo com esse mesmo autor, a prisão como forma de (re)educar é uma inovação oriunda da Grã-Bretanha, com a edificação da *House of Correction* (1552), na cidade Britânica de Bridewell. Nessa época começou a ser forjada a ideia de que poderia haver ressocialização nas prisões. Todavia, na realidade, essa ressocialização ficava apenas nos papéis das leis se considerarmos a imensa massa de seres humanos que sobreviviam em condições precárias quanto à alimentação, à higiene, aos trabalhos forçados, aos castigos corporais. Então parece que, desde o seu nascimento, a ideia de ressocialização por meio da prisão servia apenas como expediente retórico e que as prisões serviam apenas como depósitos dos “condenados da Terra¹⁴”, na condição de “perdedores globais”¹⁵, cujas vidas podem ser rifadas, precisamente, porque deixaram de ser economicamente rentáveis.

Em contraponto ao manto discursivo que propunha fazer dos presídios um lugar de ressocialização, a cruenta realidade da época condenava presos à morte, ao suplício, ao degredo, ao açoite, à amputação de membros, às galés, a trabalhos forçados e a confisco de bens. A arbitrariedade e o terror imperavam no sistema criminal da época. Destaca-se, no processo penal, a prática da tortura, vigorosa ainda hoje, método de produção de prova antes considerado legítimo, utilizada como meio para apurar a “verdade” em lugar de investigação dos fatos. Foucault expõe a tortura como mecanismo de reativar o poder.

O suplício tem então uma função jurídico-política. É um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante. Ele a restaura manifestando-a em todo seu brilho. A execução pública por rápida e cotidiana que seja, se insere em toda a série dos grandes rituais do poder eclipsado e restaurado (coroação, entrada do rei numa cidade

¹⁴ O livro *Os condenados de Terra* (1975), de Frantz Fanon, é um libelo contra a violência da Colonização da Argélia pelos franceses.

¹⁵ Título de um ensaio contundente de Robert Kurz, publicado no *Caderno Mais*, do jornal da Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/01/mais/16.html>>. Acesso em: fev. 2016.

conquistada, submissão dos súditos revoltados): por cima do crime que desprezou o soberano, ela exhibe aos olhos toda uma força invencível. Sua finalidade é menos de estabelecer um equilíbrio que de fazer funcionar, até um extremo, a dissimetria entre o súdito que ousou violar a lei e o soberano todo-poderoso que faz valer sua força [...]. E esta superioridade não é simplesmente a do direito, mas a da força física do soberano que se abate sobre o corpo do seu adversário e o domina: atacando a lei, o infrator lesa a própria pessoa do príncipe: ela – ou pelo menos aqueles a quem ele delegou sua força – se apodera do corpo do condenado para mostrá-lo marcado, vencido, quebrado [...] o suplício não restabelecia a justiça, reativava o poder [...]. (FOUCAULT, 2013, p. 49).

Sob a indagação de o que é um suplício, Foucault apresenta o seguinte significado:

O suplício é uma técnica e não deve ser equiparado aos extremos de uma raiva sem lei. Uma pena, para ser um suplício, deve obedecer a três critérios principais: em primeiro lugar, produzir certa quantidade de sofrimento que se possa, se não medir exatamente, ao menos apreciar, comparar e hierarquizar; a morte é um suplício na medida em que ela não é simplesmente privação do direito de viver, mas a ocasião e o termo final de uma graduação calculada de sofrimentos: desde a decapitação – que reduz todos os sofrimentos a um só gesto e um só instante: o grau zero do suplício – até o esquartejamento que os leva quase ao infinito, através do enforcamento, da fogueira e da roda, na qual se agoniza muito tempo; a morte suplício é a arte de reter a vida no sofrimento subdividindo-a em “mil mortes” e obtendo, antes de cessar a existência, *the most exquisite agonies*. O suplício repousa na arte quantitativa do sofrimento. Mas não é só: esta produção é regulada. O suplício faz correlacionar o tipo de ferimento físico, a qualidade, a intensidade, o tempo dos sofrimentos com a gravidade. Há um código jurídico da dor; a pena, quando é suplicante, não se abate sobre o corpo ao acaso ou em bloco; ela é calculada de acordo com as regras detalhadas: número de golpes de açoite, localização do ferrete em brasa, tempo da agonia na fogueira ou na roda. (FOUCAULT, 2013, p. 35-36).

Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault afirma que as prisões visam muito mais adestrar do que ressocializar.

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2013, p. 164).

Sendo assim, não precisava, assim como ainda hoje não precisa, haver preocupação com a qualidade dos presídios, nem com a saúde do prisioneiro. Era necessário apenas que o cárcere fosse seguro. No século XVIII, a finalidade da

prisão se altera. É imposta a supressão da liberdade por um determinado período de tempo. A prisão torna-se o princípio do sistema de punição.

Segundo Foucault (2013, p. 20):

O poder sobre o corpo, por outro lado, tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Sem dúvida, a pena não mais se centralizava no suplício como técnica de sofrimento; tomou como objeto a perda de um bem ou de um direito. Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão – privação pura e simples da liberdade – nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra.

É dado um novo direcionamento às formas de fazer sofrer. O objetivo da punição muda do corpo para a alma. O tempo que o prisioneiro perde é a resposta do Estado à sua ofensa.

Fazendo uso da própria experiência, John Howard¹⁶ (1726-1790) propõe a criação de unidades para o cumprimento das penas. Sugere formas de separação dos presos, isolamento noturno, e religião como forma de regeneração. O filósofo não aceitava que, para a privação de liberdade, fosse necessário passar por sofrimentos desumanos, como fome, doença ou qualquer tipo de miséria. Ele defendeu a respeito da necessidade de um local apropriado para o cumprimento da pena privativa de liberdade, ou seja, um local onde fossem respeitadas as necessidades mínimas do prisioneiro.

Depois dele, o pensador Jeremy Bentham¹⁷ (1748-1832) antecipa traços das atuais propostas de privatização do sistema punitivo. Defende o castigo moderado, disciplina severa, alimentação grosseira e vestimentas humilhantes, com o objetivo de recuperar os criminosos. Em 1791, propõe a construção do Panóptico¹⁸, um prédio circular em torno de uma torre, por onde o interior das celas poderia ser visualmente controlado pela vigilância. Surgem, assim, as bases arquitetônicas das prisões modernas.

¹⁶ John Howard (1726-1790): viajante inveterado, aventureiro, humanitário e protestante. Sentiu-se horrorizado com as condições em que viviam os encarcerados, não só na Inglaterra, mas um pouco por toda Europa. Propôs, em sua obra, uma ampla reforma penitenciária com as seguintes bases: educação religiosa; trabalho regular organizado; condições alimentícias e de higiene humanas; isolamento parcial para evitar o contágio; e inspeções periódicas.

¹⁷ Jeremy Bentham (1748-1832): homem conservador e de ideias democráticas, propunha a realização de eleições regulares por voto secreto. Defendia a necessidade da prevenção e da punição dos delitos. Além disso, apresentou esses três pilares: doçura, rigor e severidade. Defendia a separação dos reclusos por sexo, a manutenção adequada da higiene e do vestuário dos detidos, o fornecimento de uma alimentação apropriada e a aplicação rigorosa do regime disciplinar.

¹⁸ Tema do terceiro capítulo de *Vigiar e Punir: o nascimento das prisões*, de Foucault.

Estava lançada a ideia para a construção de um estabelecimento próprio onde os presos pudessem cumprir suas penas, também no sentido de sofrimento a ser imposto a eles. Ao mesmo tempo, não estava afastada a finalidade de fazer com que os detentos se arrependessem dos atos criminosos cometidos. A inspiração para essa ideia provinha da prisão eclesiástica, que isolava os religiosos para que praticassem a reflexão e a penitência de seus pecados. Assim, o local de cumprimento da pena deveria primar pelo isolamento, resultando aos estabelecimentos de punição o sugestivo nome de “penitenciária”, como lugar de penitência, lugar de purgar o erro. Assim também o verbo "purgar" lembra o substantivo “purgatório”¹⁹.

É nesse contexto que Cesare Bonesana (1738-1794) adquire notoriedade na luta pelos direitos humanos, o que, por sua vez, provocaria, na sociedade da época, um repensar dos direitos políticos, uma construção dos direitos civis e, por que não, uma reelaboração do conceito de cidadania.

Em 1764, Beccaria publica *Dos Delitos e das Penas*, em que preconiza a abolição da pena de morte e da tortura, consideradas como inúteis, ineficazes e desumanas, pois, na sua visão, “[...] uma pena, para ser justa, precisa ter apenas o grau de rigor suficiente para afastar os homens da senda do crime” (BECCARIA, 2009, p. 54). É provável que Beccaria considerasse as reincidências dos presos de sua época. Seja como for, a partir de sua obra, rompeu-se totalmente com um antigo regime punitivo, introduzindo, sistematicamente, as premissas fundamentais de um direito penal mais humanitário. Sua obra representou um marco ao direito penal moderno, pois objetivou preservar os direitos da pessoa humana e traçar os limites da punição.

Sob esse viés, as leis serão consideradas instrumentos de estabelecer a ordem diante de relações sociais conflitivas, visando a proporcionalidade da pena a ser aplicada contra o transgressor. Desse modo, o peso da lei a recair sobre ele não se assemelharia ao caráter irracional do crime de forma a multiplicar a barbárie, evento amplamente notado por Beccaria. Então, ao contrário, condizente os valores do período histórico-cultural vivenciado, a ação da lei deveria conduzir à reflexão e ao futuro retorno do indivíduo conflitante ao seio social.

¹⁹ Ver a segunda parte da caminhada de Dante, intitulada "Purgatório", na *Divina Comédia*: “Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo” (Purgatório, 27:10).

Assim, comecem a serem constituídas, dentro do direito penal, as leis e as penas como razão de prover a sobrevivência da vida social e, com isso, prover também a vida do indivíduo. Logo, não há justiça sem defensor, não há garantia sem lei. Além disso, os cidadãos terão, na aplicação de seu julgamento, o direito à justiça e o direito à proteção igualitária previstos na Constituição (Carta Maior de Regimento do Contrato Social), ou seja, a proporcionalidade do seu caso.

1.2 O Sistema Penitenciário Brasileiro

No início da colonização do Brasil, as leis que prevaleciam eram baseadas nas Ordenações Afonsinas²⁰, que tratavam de maneira violenta e cruel àqueles que cometiam crimes. Posteriormente vieram as Ordenações Manuelinas²¹, porém pouco modificaram no que diz respeito aos tratamentos cruéis. Em 1551 já existia uma cadeia na cidade de Salvador. Lá eram mantidos custodiados os escravos fugitivos e os desordeiros. Na cidade do Rio de Janeiro havia o cárcere eclesiástico, que tinha a finalidade de penalizar o clero. Enfim, as prisões abrangiam muitas finalidades e infligiam variadas penalidades, dentre elas, abrigar as crianças abandonadas nas ruas, recolher os loucos e castigar os escravos, os desordeiros, as prostitutas e outros considerados "fora da lei".

Segundo Pedroso (1997), no Brasil a prisão foi implementada, durante o período colonial, através do *Código de Leis Portuguesas*, código que decretava o Brasil como destino dos degredados. Em 1830, Dom Pedro I sancionou o *Código Criminal do Império do Brasil* – instituindo a pena privativa de liberdade.

Em 1824, o Brasil inicia a reforma no seu sistema punitivo. Nessa ocasião, a tortura, as penas de açoite, o ferro quente e outras penas cruéis são banidas, porém essa ação não foi plena, nem abrangeu a todos, visto que os escravos eram sujeitos a elas. As cadeias deviam ser limpas, seguras e arejadas, havendo também a

²⁰ As Ordenações Afonsinas, ou Código Afonsino, são uma das primeiras coletâneas de leis da era moderna, promulgadas durante o reinado de Dom Afonso V. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordena%C3%A7%C3%B5es_Afonsinas>. Acesso em: 21 mar. 2016.

²¹ As Ordenações Manuelinas são três diferentes sistemas de preceitos jurídicos que compilaram a totalidade da legislação portuguesa, de 1512 ou 1513 a 1605. Fizeram parte do esforço do rei Manuel I, de Portugal, para adequar a administração no Reino ao enorme crescimento do Império Português na era dos descobrimentos. Consideradas como o primeiro corpo legislativo impresso no país^[1], elas sucederam as pioneiras Ordenações Afonsinas, ainda manuscritas, e vigoraram até a publicação das Ordenações Filipinas. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordena%C3%A7%C3%B5es_Manuelinas>. Acesso em: 21 mar. 2016.

separação dos presos segundo a natureza de seus crimes e, embora a Constituição de 1824 assim prescrevesse, as condições das cadeias continuaram deploráveis.

A primeira cadeia construída na província de São Paulo, entre os anos 1784 e 1788, destinou-se a asilar criminosos, inclusive escravos, que aguardavam a execução de suas penas. Posteriormente, em resposta às ideias iluministas, o Código Criminal de 1830 institui a prisão simples e a prisão com trabalho como pena. Dessa forma, as províncias passaram a instituir o direito de construir as suas casas de prisão ou correção.

Entre nós, a pena de morte vigorou até 1870. Apenas depois da execução do inocente "Mota Coqueiro"²², no ano de 1855, erro fatal do Sistema Judiciário, o imperador D. Pedro II aboliu a pena capital no Brasil.

Após mais de 200 anos de experiências, prevalece o sentimento de que a prisão não recupera; degenera, mas é vista pela sociedade como um mal necessário, em lugar de se pensar melhor e de propor outros meios de resolução, ou por parecer ao atual modelo que encontramos saídas para conter o crime além das prisões, embora já haja países desenvolvidos cujas prisões estejam vazias ou que estejam a fechar prisões²³.

Entre nós, embora defendamos o discurso da ressocialização, vemos que, em lugar de ser um espaço destinado à busca da reeducação e da reinserção do criminoso, as prisões, no Brasil, são, atualmente, verdadeiras casas dos horrores. A superlotação da população carcerária brasileira, na atualidade, é de 711.463²⁴, com riscos altíssimos de rebeliões e de massacres de presos de facções rivais. O caráter assustador desse número expõe a chaga da nossa desigualdade social, obnubilada pelo discurso do *establishment*, veiculado, incessantemente, pelas mídias, e impõe aos deserdados a culpa e a responsabilidade pela sua exclusão. Assim, as mídias

²² O "caso Mota Coqueiro" entrou para a história como um dos maiores erros judiciários do Brasil. Manoel da Motta Coqueiro era um rico fazendeiro da região norte-fluminense condenado à pena de morte por ter – supostamente – mandado matar toda uma família de colonos residente em suas terras. Ele foi, então, o último executado por enforcamento, isso ocorrido em 6 de março de 1855, na Praça do Rocio. O seu corpo foi amortalhado em pano branco, encomendado pelo padre José Antonio d'Oliveira. Mota Coqueiro, mesmo sendo inocente e o tendo afirmado inúmeras vezes, foi incriminado como mandante da chacina que vitimou a família do colono Francisco Benedito da Silva, em Macabu/RJ. Depois de sua execução, os verdadeiros assassinos confessaram o crime. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308165251_ARQUIVO_TEXTO_COMPLETO-01.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2016.

²³ Disponível em; <<http://thegreenestpost.bol.uol.com.br/holanda-fecha-19-presidios-por-falta-de-presos/>> e <<http://thegreenestpost.bol.uol.com.br/suecia-fecha-4-presidios-por-falta-de-presos/>>. Acesso em: maio 2016.

²⁴ Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/diagnostico_de_pessoas_presas_correcao.pdf>. Acesso em: dez. 2015.

ocultam que a esmagadora maioria do contingente carcerário brasileiro é oriunda dos excluídos sociais, pobres, desempregados e analfabetos, que, de certa forma, na maioria das vezes, foram "empurrados" ao crime por não terem tido melhores oportunidades sociais. Essa parcela da população brasileira é aquela que antes já fora excluída do processo escolar, inclusive a população carcerária do presídio em que a presente proposta foi aplicada.

Enquanto países como a Suécia e a Holanda fecham as prisões²⁵, aqui no Brasil há governos que fecham escolas²⁶ e constroem presídios, desconsiderando os dados estatísticos que apontam para o fato de que a maioria das pessoas enviadas às unidades penais, depois consideradas preparadas para voltar à sociedade, voltam a reincidir quando postas em liberdade, ou por falta de condições de ganhar seu sustento, ou porque não se recuperam durante o período de reclusão só porque estavam presas. As prisões são mantidas superlotadas, violentas e pobres, e sua arquitetura e rotina às quais os detentos são submetidos acentuam os contrastes entre teoria e prática, ou seja, entre o ideal educativo e o real punitivo. Os rituais clássicos que ocorrem ao adentrarem na prisão subtraem do preso sua identificação anterior e ele incorpora as normas institucionais, a elas se sujeitando. A convivência entre presos, às vezes, é considerada como "escolas do crime" e há pessoas que sentem gosto em fazer essa afirmação, desconsiderando que, se considerarmos as denúncias de corrupção em todas as esferas, sejam elas públicas ou privadas da atualidade, podemos etiquetá-las com a mesma locução adjetiva. Nas prisões, a convivência em um mundo paralelo assegura aos presos códigos que lhes restituem alguns direitos retirados pelo sistema.

Nelas não há liberdade de expressão, mas há o discurso silenciado dos gestos, das palavras sussurradas, dos sons, e esse "em off" favorece a conspiração. Não há privacidade. A família do apenado é tratada como conluiada. A segregação destrói laços familiares, os vínculos externos tornam-se escassos. A relação preso e agentes penitenciários é recíproca, de constante vigilância e tensão. A força exercida sobre o preso, tanto física quanto psicológica, é uma forma de coação para manter a ordem e a submissão dentro de uma unidade penal. A alternativa mais

²⁵ Conferir em: <<http://institutoavantebrasil.com.br/suecia-e-holanda-fecham-prisoas-brasil-fecha-escolas-e-abre-presidios/>>. Acesso em: fev. 2016.

²⁶ Conferir em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/02/1740562-sem-aviso-gestao-alckmin-fecha-turmas-e-caoa-desorganizacao-escolar.shtml>>. Acesso em: fev. 2016.

viável é a de obediência, sob pena de punição disciplinar. Em *Recordações da Casa dos Mortos*, Fiódor Dostoiévski (2006, p. 25) descreve:

[...] aquilo era um inferno de calúnias, de intrigas, de remoques: perfeita reconstituição do tártaro. Mas que todos se sujeitavam à disciplina, às regras e mesmo aos hábitos já encontrados. Mesmo os ânimos mais exaltados acabavam por se submeter.

E acrescenta: “Tais homens, já agora privados definitivamente da cidadania, tinham o rosto marcado com ferro em brasa, estigma indelével da ignomínia” (DOSTOIEVSKI, 2006, p. 23).

Mesmo depois de cumprir a sua pena, o estigma de preso acompanha, condena, empequenece e isola quem já esteve preso. Coloca-o mais longe da sociedade, que já é excludente e economicamente competitiva. Assim, quanto mais tempo preso, mais distante do mundo real.

Tal situação, historicamente ocorrida em diversos contextos do mundo, é marca registrada do que ocorre com o egresso no Brasil. Em lugar da prisão, a punição aos delitos comuns devia ser pena alternativa, pois, no atual sistema, jovens cumprem penas juntamente com apenados de alta periculosidade; quando saem, estão preparados para cometer crimes violentos. Tudo isso é resultado da atual condição de milhares de encarcerados no Brasil.

No Brasil, o sistema prisional se divide em algumas categorias: penitenciárias, penitenciárias de segurança máxima, presídios, cadeias públicas, cadeiões, casas de detenção, distritos ou delegacias policiais, colônias agrícolas, casas do albergado, hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico, entre outros.

A superlotação, o envolvimento de detentos com organizações criminosas, a falta de agentes penitenciários, rebeliões, a falta de interesse político... eis os principais problemas encontrados nas prisões brasileiras.

No que se refere aos detentos, o respeito às leis é um dos direitos assegurados aos presos pela Lei de Execução Penal nº. 7.210, de 11 de julho de 1984, a qual relata que:

SEÇÃO V - Da Assistência Educacional - Art. 17. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado. Art. 18. O ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa. Art. 19. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico. Parágrafo único. A

mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição. Art. 20. As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados. Art. 21. Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos. (LEP, 1984).

No que se refere aos recursos materiais, a legislação institui que todas as unidades deverão ter uma biblioteca com um considerável suporte de livros instrutivos, recreativos e didáticos. Da mesma forma, sublinha ainda que as atividades educacionais têm a liberdade de firmar convênios com entidades públicas ou particulares, tanto na instalação de programas escolares habituais, quanto para o exercício de cursos especializados.

Quanto à questão da educação e do trabalho como programa de reinserção social, esta questão, no entanto, ainda se vê em defasagem. Pesquisas que comprovam tal necessidade não perduram, pois, na prática, ainda não há uma integral preocupação das instâncias governamentais de apoio e atenção voltadas a essa reinserção. Há uma parcela que atua nesse contexto, mas essa atuação se dá apenas no objetivo de cumprimento escolar e laboral para a redução da pena, o que não identifica indício de reintegração aos valores desviados.

Desse modo, somando a questão do desemprego – um problema nacional, agravado principalmente pela desqualificação profissional e pelo preconceito que atinge o egresso do sistema penitenciário –, temos o inchaço populacional da parcela não produtiva, conseqüentemente o aumento dos tributos, pela carga sem oneração, bem como a inevitável manutenção do ciclo da marginalização e do crime, o que remete à problemática da reincidência, que denuncia a não precisão do sistema prisional em ressocializar o preso retirado do convívio social.

Segundo Elias e Scotson, no livro *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000),

As categorias estabelecidos e *outsiders* se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Superioridade social e moral, auto percepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-*outsiders* ilumina exemplarmente: as relações de poder. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 8).

Vemos aqui a simbiose da relação social que constrói os valores necessários para se produzir social e discursivamente os estabelecidos e os *outsiders*. Os incluídos são marcados pelos excluídos e vice-versa num intercâmbio maniqueísta de separar os de dentro e os de fora. Esse é o mecanismo e o sistema penitenciário brasileiro mantém, amplia e multiplica as desigualdades sociais, porque suas instituições são locais de diferenciadas violações dos direitos humanos. E o são ainda mais devido à sua ineficácia, que não cumpre sua finalidade: recuperar os criminosos e devolvê-los à sociedade em condições adequadas.

Assim, nesta brevíssima visada histórica, perpassamos pelo suplício, no qual punir se transformava num espetáculo das praças, expondo o incriminado à degradação social, à perda da liberdade e a rituais macabros aceitos e aprovados pela sociedade. Essa mesma sociedade espera que a justiça cumpra seu papel e reduza a criminalidade, recuperando seus condenados.

Foucault (2013) destaca que, posteriormente e no sistema prisional, o tratamento recebido pelos reclusos criava uma rede de violações e de situações de conflito que aumentavam a situação de marginalidade e de violência dos detentos, desumanizando-os, tornando-os marcados pelo passado de delitos. Assim, a prisão passou a ser vista como a morada do crime em vez de instituição de recuperação.

Chegamos então ao nosso sistema prisional, verificando que reflete a incapacidade dos governos em administrar as unidades penais para que se realizem num ambiente de reeducação e de recuperação social. Pelo contrário, tornam-se ambientes onde os indivíduos são obrigados a viver em condições subumanas, em espaços físicos limitados pela superlotação, ausência de higiene, inúmeras doenças, alimentação precária, tratamento médico deficiente, falta de acesso à justiça, à educação e aos direitos fundamentais previstos na *Constituição Brasileira* e na LEP (Lei de Execução Penal), além da prática constante da tortura instaurada em diversos ambientes prisionais.

No ano de 2014, o Brasil foi denunciado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e teve que comparecer diante do Conselho de Direitos Humanos em Genebra para explicar a respeito de suas prisões. Entre os itens questionados estão: uso excessivo no encarceramento, ou seja, prende-se demais no Brasil; acesso deficiente à justiça por parte dos apenados; falta de autonomia institucional e poucos recursos na defensoria pública; uso indiscriminado da prisão provisória; superlotação de presos; uso excessivo de prisão compulsória para usuários de drogas; trato cruel

e abusivo, em especial, contra jovens negros; estrutura inadequada, falta de médicos e de professores; justiça congestionada; prisão arbitrária de jovens em unidade experimental em São Paulo.

Foram citadas rebeliões e violência nas unidades penais de Pedrinha, no Estado do Maranhão, e na Penitenciária Estadual de Cascavel, no Estado do Paraná.

No Brasil, o primeiro recurso utilizado é a privação de liberdade, inchando cada vez mais as unidades prisionais, pois estas não têm capacidade ou estrutura para lidar com as consequências das prisões. E, segundo esse relatório, apesar dos avanços sociais ocorridos, o Brasil ainda não superou o estado de barbárie em seu sistema prisional²⁷.

Como consequências da superlotação, decorrentes do déficit de 206 mil vagas (CNU, 2015), ocorre o avanço de doenças como hepatite, tuberculose, dermatoses e pneumonia, bem como proliferam DST e a AIDS. Estima-se que 20% dos presos brasileiros sejam portadores do vírus HIV; isso em decorrência da violência sexual praticada por outros detentos e também por meio do uso de drogas injetáveis (DEPEN, 2015).

Ao exposto cabe agregar um grande número de analfabetos e a baixa escolaridade da maior parte dos presidiários brasileiros.

A carência econômica não é a única responsável pela criminalidade; porém ela reforça ainda mais as desigualdades sociais, a injusta distribuição de renda, o desemprego, o analfabetismo. Construir mais prisões, além de superlotar as já existentes, nada disso resolve nem diminui o problema.

Prender e alimentar minimamente não são medidas suficientes. É necessário resgatar o respeito e a dignidade desses homens e dessas mulheres. É necessário o diálogo como opção política para o resgate da humanização do homem na ação/reflexão, que gera, nesse homem, o desejo e a esperança de ser mais (FREIRE, 1987, p. 55), pois, segundo Coyle (2002), “[...] um preso reabilitado não é alguém que aprendeu a sobreviver bem na prisão, mas uma pessoa que tem êxito no mundo externo à prisão na pós-reclusão”.

Fixar formas ou caminhos para a ressocialização do apenado é uma tarefa difícil, uma vez que cada ser humano é diferente, sendo necessário trabalhar de

²⁷ Disponível em: <<http://www.conectas.org/pt/noticia/25358-aviso-de-pauta-onu-denuncia-prisoas-brasileiras-no-dia-10-9>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

acordo com sua individualidade, pois que, para tanto, requerer-se-ia a compreensão de que “[...] o meio mais seguro”, mas o não menos trabalhoso, “[...] de tornar os homens menos inclinados a praticar o mal, é aperfeiçoar a educação” (BECCARIA, 2001, p. 132).

Dentre as condições de possibilidades de que dispõe o sistema prisional no Brasil está a política pública federal, já regulamentada e implementada no estado do Paraná, que visa assegurar ao apenado o direito e o alcance à educação básica. Acrescentado a esse direito, temos o direito de remição da pena pela efetiva e comprovada atividade de leitura. Trata-se da Lei Estadual nº 17.329, publicada em Diário Oficial em 8 de outubro de 2012, respaldada na Lei Federal nº 12.433 publicada em 30 de junho de 2011 e aplicada mensalmente em todas as unidades penais do Estado do Paraná. Esse projeto procura oportunizar ao detento atividades de leituras e o aprimoramento da fala, da escrita e da capacidade de reflexão. Os detentos inermes na ociosidade podem lançar mão da prática da leitura como um recurso que contribui para diminuir a sua pena e os lançar como agentes da sua própria formação humana e profissional. Após o término da leitura e a produção de uma resenha/resumo, é assegurada ao participante a redução de quatro dias da sua pena.

O projeto de Remição da Pena pela Leitura é uma política federal e está amparado na Lei de Execução Penal nº 7.210, de 1984, em seus artigos 17 e 18, que ressaltam que a assistência educacional “[...] compreenderá instrução escolar, a formação do preso e do internado e também que o ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa” (BRASIL, 1984, p. 23).

Apesar do que determina a lei, a oportunidade de ser matriculado e manter-se em sala de aula no contexto prisional muitas vezes não se efetiva na realidade do dia a dia na prisão. Vários fatores contribuem para isso: trabalho *versus* escola, baixa escolaridade, desinteresse, periculosidade (presos que devem manter-se afastados da convivência coletiva, por pertencimento a grupos ou outras razões), conflitos entre presos e alguns que, por questões de disciplina e de segurança, são confinados em isolamento e não podem frequentar as salas de aulas dentro dos presídios.

O processo educativo é imprescindível para o desenvolvimento da pessoa humana e um dos direitos básicos garantidos pela Constituição da República

Federativa do Brasil de 1988, que prevê, ainda, outros direitos, como a erradicação da pobreza e da marginalização e a redução das desigualdades sociais. Sabemos que a sociedade brasileira é marcada pela desigualdade social, composta em sua maioria pela pobreza, pelos excluídos do poder social – e é sobre esses que os aparelhos repressores, assim como os mecanismos de vigilância e punição, se intensificam.

Para fazer frente ao contingente elevado de presos, o projeto denominado anteriormente oferece aos apenados já alfabetizados a remição da pena por meio da leitura, além da aquisição de conhecimento e de outros discursos, ideias, valores, crenças, experiências e ampliação do léxico e do imaginário.

Esse mesmo projeto institui que, para cada livro lido e resenhado/resumido, serão concedidos ao apenado quatro dias reduzidos em sua pena. Esse projeto não apenas diminui o tempo de encarceramento, como objetiva “[...] oportunizar aos presos custodiados alfabetizados o direito ao conhecimento, à educação, à cultura e ao desenvolvimento da capacidade crítica, por meio da leitura” (PARANÁ, 2012, p. 1).

Na esfera do estado do Paraná, a coordenadora desse projeto, Agda Cristina Ultchak, afirma:

O Projeto Remição da Pena por Estudo através da Leitura constitui-se na disseminação da leitura nos espaços prisionais podendo proporcionar o resgate da autoestima, trocando momentos ociosos por leitura/estudo. Pretende-se ampliar a capacidade leitora, oportunizando ao que lê a mudança de opinião, construção de pensamentos que vislumbrem melhor convivência na sociedade, bem como formar leitores melhor preparados para concluir a escolarização básica, e ingressar no ensino superior e inserção no mercado de trabalho. (DEPEN, 2015).

As etapas do projeto são desenvolvidas a cada trinta dias. No início do mês, o professor de Língua Portuguesa, responsável pelo projeto, separa os livros e os encaminha para que sejam escolhidos pelos participantes. Após o período da leitura dos livros, geralmente cerca de vinte dias, os alunos são convocados para realizarem a primeira versão da atividade escrita a partir da leitura, constituída de um resumo ou resenha. Esta é recolhida e analisada pelo professor. Nos textos são considerados os seguintes critérios de avaliação: domínio da norma padrão (ortografia, acentuação gráfica, concordância nominal/verbal, regência nominal/verbal, pontuação); estética (cumprimento do tamanho do texto

especificado, em geral de no mínimo 30 e no máximo 60 linhas, legibilidade da letra, paragrafação e disposição espacial do texto); estrutura lógica e qualidade do texto (sequência lógica da narrativa, resumo/resenha condizente com a obra lida, considerações do apenado sobre a mensagem da obra, limitação ao conteúdo do livro e coerência).

Após a primeira correção, o professor convoca novamente os alunos encarcerados para escreverem a segunda versão e, posteriormente, a versão final. Enfatiza-se, neste caso, que todas as versões são produzidas na presença do professor responsável. Para a avaliação das resenhas/resumos é utilizada a escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), sendo considerada aprovada a resenha ou o resumo de leitura que atingir a nota igual ou superior a 6,0 (seis), de acordo com o sistema de avaliação adotado pela Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. Para os participantes do Ensino Fundamental é exigido um resumo; para os que possuem escolaridade mais avançada, uma resenha.

Para o desenvolvimento do projeto, os livros utilizados são os clássicos das literaturas brasileira e mundial, romances contemporâneos, história, filosofia, sociologia, literatura infanto-juvenil, livros na área de saúde, dentre outros livros indicados.

Decorrido todo o processo, os dados são digitados no SPR (Sistema de Informações Penitenciárias do Paraná), que, atualmente, pode ser acessado diretamente pelo juiz e a partir dele emitido o atestado que comprova a participação dos presos em todo o processo.

Paulo Freire afirma que aos educadores cabe contribuir para a melhoria dos processos educativos que ocorrem no interior das unidades escolares da “sociedade dos cativos” (1983, p. 45). Também afirma que a educação não deve ser alienante, pois é um processo de transformação, construído na interlocução interpares. Freire postula ainda que educação seja uma prática da liberdade – como é também o caso da remição por leitura aplicada nas penitenciárias do Estado do Paraná. Disso resulta aos professores, na sua condição de educadores, não abrir mão da formação do aluno e para a importância e o papel da escola dentro dos presídios, ou seja, desenvolver condições de possibilidades para a construção de caminhos de vida longe daquelas que levam à prisão, a decidir e a agir de forma a considerar os direitos dos marginalizados, sejam mulheres, negros, presos e LGBTs. Cabe

à educação e à escola construir condições para percepções, ações e afetos imbuídos dos ideais inclusivos, democráticos e voltados a um futuro sem exclusão.

2 LITERATURA LÍRICA

Tempo virá (...) as prisões se transformarão em escolas e oficinas. E os homens imunizados contra o crime, cidadãos de um novo mundo, contarão às crianças do futuro, histórias absurdas de prisões, cela e muros altos, de um tempo superado. (Cora Coralina, 1984).

2.1 Poesia Lírica

Desde Charles-Pierre Baudelaire, a poesia lírica vem, gradativamente, perdendo o espaço que ocupava na vida social de antes. Talvez porque a poesia lírica tenha sido um dos discursos literários que insiste em não se pôr de joelhos perante o reino da mercadoria e quanto mais a vida falsa como condição constituída avança no mundo, mais nós, professores de Língua Portuguesa, não notamos a perda de espaço imposta à poesia lírica como expressão das subjetividades. Atente-se, porém, para o fato de que a perda do espaço da poesia lírica não está acontecendo apenas na escola, pois ocorre também na academia. Basta pesquisar o número de monografias, de dissertações e de teses sobre poesia lírica, para ver o quanto a poesia está se tornando um ser de exceção e um discurso marginal, até nas universidades e nas escolas, justamente os espaços em que deveria florescer. Está essa arte, portanto, insuficientemente explorada por acadêmicos e professores universitários que, quando o fazem, não raro a condicionam a um instrumento de análise gramatical, em atividades desprovidas de sentido. Grande parte desse esquecimento da poesia lírica na sala de aula se deve ao despreparo dos professores nas lides com o texto poético. A falta de conhecimento teórico suficiente para o trabalho de leitura de poesias faz sensaborias das práticas pedagógicas e as torna insipientes tanto para o professor quanto para o aluno e, por vezes, desemboca em equívocos que vacinam a ambos contra a leitura da poesia lírica na sala de aula e fora dela.

Cabe aqui aventar a hipótese de que equívocos marcam presença nas teorias linguísticas que conceituam tipologias e gêneros textuais – com o propósito de aplicá-los na disciplina de Língua Portuguesa na Educação Básica – que consideram

apenas o poema como gênero textual sem conhecer os fundamentos filosófico-estéticos da poesia nele contida. Esquecem-se de que, antes de se materializar no poema, a poesia lírica é percepção e um modo de olhar e de sentir o mundo a partir dos substratos mais escondidos das subjetividades. Ao se concentrar atenção no poema para dizer da poesia lírica, então se desconsidera a existência da lírica na prosa e da prosa na lírica, porque confundem lírica com a forma estrutural do poema que é seu veículo condutor. Os poetas líricos ostentam a virtude de plasmar diretamente os atos, os afetos e os fatos sem os tornar prosaicos ou desgastados, como ocorre no uso cotidiano da linguagem no fenômeno estilístico denominado catacrese.

Para Massaud Moisés, a "[...] poesia é a expressão do 'eu' por palavras polivalentes, ou metáforas" (2003, p. 169). Ainda para esse crítico literário, um poema em prosa é, antes de tudo, poema, ou seja, a sua meta consiste na expressão da poesia, enquanto na prosa poética o objetivo do ficcionista é "[...] recriar o mundo, inventando uma história e suas personagens, ainda que numa atmosfera de permanente lirismo" (Idem). Poemas em prosa são pequenas peças líricas em que toda a primazia é do "eu", isto é, o poeta volta-se para dentro de si, "[...] fazendo-se ao mesmo tempo espetáculo e espectador" (Ibidem). Em continuidade, ele afirma que, "[...] se a emoção constitui o núcleo do fenômeno poético, a sua manifestação é sempre um ato de intelectualização, em que se aduz o empenho da razão para a representação da emoção" (MOISÉS, 2003, p. 170).

Nesse sentido, podemos dizer que a poesia lírica é, antes de nada, um discurso do "eu" no mundo, e não um discurso do eu sobre o mundo, é criação de percepções e sentidos vividos pelo "eu" lírico e não poema. É criação que se faz pela renovação do processo perceptivo e comunicativo da linguagem, de modo a conduzir o fenômeno da criação a uma nova descoberta de sentidos ocultos nas palavras que se tornam gastas pelo uso cotidiano.

Assim, não cabe à lírica nem glosar ou comentar o mundo, os entes e os objetos da realidade (FAUSTINO, 1977, p. 56). Cabe a ela expressar o eu do sujeito lírico, os refulgos e as percepções sobre si mesmo. A visada da lírica parte sempre do eu do sujeito lírico. O poético pode ser desentranhado da vida da consciência, que perscruta e força o inconsciente do poeta no seu trabalho de depuração e de condensação de imagens, sons, versos, rimas, ritmos e sentimentos com os quais plasma a forma do poema. Cabe à lírica, assim como às outras formas artísticas,

criar novas percepções para os sentidos humanos e, ainda que outras formas artísticas possam fazer o mesmo, elas são criadas mais para falar do mundo do que do “eu” em sua singularidade e sentimentos.

O termo “lírca” vem da Grécia antiga, quando as composições musicais revelavam o “eu” da subjetividade, sendo acompanhadas pela lira, como instrumento musical, usada pelos gregos como acompanhamento dos versos poéticos. Ou seja, “[...] designava uma canção que se entoava ao som da lira” (MOISÉS, 2002, p. 260). No século IV a.C., esse termo substitui a antiga palavra *mélica* (*de melos*, “canto”, “melodia”), para indicar poemas pequenos por meio dos quais os poetas demonstravam seus sentimentos. Isso significa que a poesia lírica, na sua formação, está intimamente ligada à música.

A poesia nasce da interação entre os sons das palavras e os sentidos que elas expressam, com os quais o poeta constrói as imagens que a fantasmagoria do poema levanta para expressar, de um lado e de outro, a vida social, a cultura e as convenções artísticas, tais como o uso do próprio verso, que é uma convenção artística. Acrescente-se à poesia a sonoridade e veremos que “[...] o som ajuda fortemente a transmitir o verdadeiro sentido da poesia” (KAYSER, 1970, p. 157). Por isso mesmo, depois que a poesia lírica deixou de ser acompanhada de instrumentos musicais, o som continuou tendo um papel de extrema relevância, como percebido nas melopeias, que são as figuras de som. Roman Jakobson (2003, p. 128) cita que a combinação da lírica com a música auxilia o entendimento da emoção, que é uma importante característica da lírica, e esta, por estar centrada na primeira pessoa, intensifica a função emotiva.

Na história ocidental, é depois da Idade Média, no Humanismo e na poesia palaciana, que irá acontecer e crescer a ruptura entre a poesia lírica e a música de acompanhamento musical. A poesia que brota a partir de então passa a ser composta para ser muito mais lida que acompanhada de instrumento musical, como afirma Moisés, sobre a poesia contida no poema a partir de então (2006, p. 37):

A poesia nele contida caracteriza-se, antes do mais, pelo divórcio operado entre a “letra” e a música. Noutros tempos: superada a voça da lírica trovadoresca, a poesia desliga-se dos compromissos musicais, e passa a ser composta para a leitura solitária ou a declamação coletiva. A poesia torna-se autônoma, realizada apenas com palavras, despidas do aparato musical, que a tornava dependente ou, ao menos, lhe cortava o voo. O ritmo, agora, é alcançado com os próprios recursos da palavra disposta em versos,

estrofes, etc., e não com a pauta musical. A poesia adquire ritmo próprio, torna-se "moderna", mas, diga-se de passagem, não cessará daí por diante de buscar o antigo consórcio através de uma série de tentativas, sobretudo a partir da revolução romântica.

Entretanto, sabemos que essa separação não destruiu a intensa amizade entre a poesia lírica e a música, pois nela encontramos elementos da sonoridade – a rima, o ritmo, o metro. Assim, o verso em todos os textos musicais, como a canção, a balada, o *rap*. No caso *rap* é o ritmo que marca a melodia muito mais do que o acompanhamento de instrumentos musicais:

Rima na rima que o som é pra firma
 A valsa acabou e não é baile de debutante
 Som de errante, assim querem
 Me rotular não, só “vo” defender
 Como também vou revidar
 Mais nem “tudu” que aqui chega desce como sopa
 Por isso que nem tudo que vou mandar vai ser polpa [...].
 (*Detentos do Rap*, 1991)

Nesse fragmento de um *rap* do *Grupo Detentos do Rap* podemos sentir a sonoridade, a rima, o ritmo, recursos encontrados na poesia lírica. Vale lembrar que o *rap* pode ser minimamente acompanhado pela batida feita em uma lata apenas, como seu suporte de som. A expressão *rap* expressa um estilo que continua a tradição da resistência cultural iniciada por Baudelaire em 1857, com a publicação de *As Flores do Mal*, obra com a qual dá início à tradição do poeta maldito, pois a partir de então caberá à lírica se voltar sobre seu próprio discurso e cair no risco de fazer arte pela arte, ou sair fora de si e olhar para a transformação do homem e de todos os valores humanos em mercadoria e negar esse estado de coisas. Nesse sentido, o *rap* é uma forma artística de resistência cultural, feita também em versos que agregam ritmo intenso com rimas. Como ação de resistência cultural dos segmentos explorados pelo sistema, o *rap* tem forte poder de expressão e presença marcante entre grupos de presos mais jovens, assim como é apreciado pelos jovens das periferias.

Alfredo Bosi, em *O Ser e o Tempo da Poesia* (1977), fala da poesia lírica como forma de resistência cultural que encontra na intencionalidade de subversão e no questionamento do *establishment* seu motivo e propulsão:

Na verdade, a resistência também cresceu junto com a "má positividade" do sistema. A partir de Leopardi, de Hölderlin, de Poe,

de Baudelaire, só se tem a consciência da contradição. A poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. Daí vêm as saídas difíceis: o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, o silêncio. O canto deve ser "um grito de alarme". (BOSI, 1977, p. 142).

Assim sendo, vemos, no dia a dia da prisão, que muitos dos alunos encarcerados têm habilidade e facilidade para compor e cantar *rap*, expondo, por meio de suas canções, todo o conteúdo de suas angústias, dores, saudades, arrependimentos, esperanças... Mas como ao *establishment* não basta encarcerar os corpos nas prisões, daqueles que o sistema não incorporou, é preciso também censurar a voz, o pensamento, a imaginação, proibindo o uso do *rap*. Assim, na prisão esse estilo é proibido, por expressar, segundo as normas instituídas, ideias, valores afetos e imagens que questionam essas mesmas normas e desnudam suas verdades.

Talvez Hegel (1993, p. 636), ao falar sobre a lírica, nos ajude a explicar as razões da proibição do *rap* como gênero lírico musical dentro dos presídios:

O lirismo encontra o seu particular lugar nos discursos das personagens, enquanto conservam a consciência da sua concentração interior; todavia, o desabafo do coração, para ser verdadeiramente dramático, não se deve limitar à expressão complacente de sentimentos, recordações e considerações mais ou menos vagas, mas manter-se em contato permanente com a ação por resultado e acompanhar as suas fases.

A postura de se manter contato entre a concentração interior da expressão afetiva e psíquica e a ação que resulta da apreciação lírica deve receber o nome de contemplação, ou seja, de se contemplar liricamente a ação. Ora, esse processo é reflexivo e emancipador. Resulta dessa possibilidade o fato de o *rap* ter sido proibido nas prisões, pois que são espaços de domesticação e de adestramento e não de formação de consciência crítica. Antípoda da domesticação, a poesia possibilita uma experiência rica de construção de sentidos, de compreensão e de interpretação de palavras e expressões, conforme afirma Paviani: “[...] a poesia como conhecimento rompe a distância entre o organizar e o efetivar a experiência, pois ela é, concomitantemente, pensar, conhecer e saber fazer” (1996, p. 136).

Sabemos que a subjetividade permeia o conteúdo da poesia lírica, mas sabemos também que é uma “[...] subjetividade crispada face às dores da vida”

(LAFETÁ, 1980, p. 124). A denominação dessa postura é "resistência cultural" e, a partir de Baudelaire, é a postura que diferencia a poesia lírica dos demais gêneros literários. Se, na lírica, o leitor é levado a sentir, a ver e a pensar, o processo pelo qual será permitido fazê-lo é o de criação de ideias e é com elas que se forja tanto a expressão verbal quanto os sentidos para as "dores da vida". O poeta lança mão de recursos estilísticos como metáforas, aliteraões e rimas, entre tantos outros, para com eles forjar sentidos, imagens e ideias. Pode-se dizer que a lírica alcança a sua maior relevância com predominância da solidão do individualismo da sociedade moderna.

A lírica carrega em si um elemento fundamental, um elemento sem o qual não seriam expressas as emoções mais escondidas nos refolhos dos afetos, as condições da alma, os pensamentos. Esse elemento foi denominado de *eu-lírico/sujeito lírico*, uma entidade fictícia, perfeitamente distinguível do autor concreto, visto de modo mais evidente no caso dos heterônimos de Fernando Pessoa. Ele pode ser considerado a peça-chave do discurso poético. A visão de mundo do poeta é expressa e caracterizada na voz do sujeito lírico que, assim, representa a sua intensa subjetividade.

Hegel ressalta o caráter subjetivo da lírica ao citar que "[...] o conteúdo da lírica é, pois, a maneira como a alma, com seus juízos subjetivos, alegrias, admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma" (HEGEL, 1980, p. 221). Ainda segundo Hegel, podemos identificar uma condição subjetiva da lírica, expressa pelas diversas imagens apresentadas em um poema e pelo sentimento que anima essas imagens. Nesse sentido, podemos dizer que a poesia lírica, entendida como revelação do sentimento do "eu", apresenta, ao longo dos tempos, várias modalidades formais e diferentes cosmovisões. Irlemar Chiampi (1991, p. 14) relata que podemos reconhecer, nos textos dos poetas fundadores da poesia moderna, temas em comum, apesar das distinções de cada poeta.

As Flores do Mal é tida como a obra que faz a ruptura entre a poesia romântica e a moderna. Baudelaire, em suas contradições, faz com que a sua poesia se diferencie pela temática e pela forma. De acordo com Bergamasco (2012, p. 19), Baudelaire instaura uma nova forma de conceber a poesia e o poeta. Como criador da tradição do poeta maldito, Baudelaire propõe ao poeta o dever de mergulhar no cotidiano das pessoas, principalmente daquelas que são

marginalizadas – como a população pobre, as prostitutas, os perseguidos –, a fim de perceber o heroísmo presente nessas existências:

[...] há temas da vida privada bem mais heroicos. O espetáculo da vida mundana e das milhares de existências desregradas que habitam os subterrâneos de uma grande cidade – dos criminosos e das mulheres manteúdas –, *La Gazette des Tribunaux e Le Moniteur* provam que precisamos apenas abrir os olhos para reconhecer nosso heroísmo. (BAUDELAIRE apud BENJAMIN, 1994, p. 77).

Vemos as imagens de uma percepção de beleza que irá chocar os olhos/ouvidos e a sensibilidade burguesa, dadas a fazer da literatura e da arte um mero artefato de entretenimento. Com elas é possível avaliar o quanto Baudelaire tinha de percepção dos nossos tempos, nos quais a “vida danificada”²⁸ se impõe em meio a um turbilhão de mudanças. Nessa condição, Baudelaire diz que o poeta deve entranhar-se no cotidiano das pessoas, dos pobres, dos marginalizados, dos perseguidos, das prostitutas... para daí retirar a sua matéria.

Nesse sentido, vemos que o sujeito lírico moderno é aquele que “[...] interpreta as tensões e os conflitos que fazem parte do mundo individual e social [...]” (BONNICI, 2009, p. 80-81), ou seja, aquele que discute temas que dizem respeito à realidade humana dos explorados. São temas capazes de despertar, por meio do lirismo, a sensibilidade e a percepção estética além das normas de bom, belo e verdadeiro da burguesia.

Essa singela abordagem histórica e teórica feita à poesia lírica deve esclarecer que os alunos encarcerados que fazem parte desta pesquisa optam sempre pela liberdade da palavra, pelo acaso, pelo momento e pela situação em que se encontram. É dessa forma que ficam mais inspirados a escrever. Então, o compromisso com esses alunos é ajudá-los a desenvolver conhecimento, percepção e criatividade no uso da expressão lírica que lhes permita expor as suas singularidades da melhor maneira que elas possam construir sentidos.

2.2 Literatura, Escola e Poesia Lírica no Ambiente Prisional

A poesia age sobre a sociedade na qual se manifesta, testemunhando e criticando (no sentido profundo) uma parte da

²⁸ Ver o conceito de “vida danificada” em ADORNO, T. W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Tradução de Luiz Bicca e revisão de Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1992.

humanidade ou toda a humanidade de uma certa época, estimulando e provocando essa humanidade a transformar-se, criando utopias e alimentando ideologias e, finalmente, tornando sua língua mais apta e por isso mais bela. (Mário Faustino).

Na prisão, o papel da educação deve ser o de oferecer oportunidade educacional apropriada aos alunos encarcerados e auxiliá-los a alcançar uma visão mais ampla do mundo; buscar outras formas de inserção na sociedade, para além do crime. Há estudos e podemos constatar também que os detentos que têm acesso à escola conseguem melhores condições para participar da vida social de forma cidadã e, portanto, mais aptos ao convívio externo.

A bagagem acumulada durante os anos de trabalho no sistema prisional ajuda-nos a assegurar que a leitura de textos literários na prisão possibilita o desenvolvimento do aluno/preso, fornecendo subsídios capazes de lhe ampliar a experiências de si, do outro e do mundo por meio da leitura. Por outro lado, consideramos oportuno expor que, nos cubículos da unidade pesquisada, é permitido que os detentos retirem da biblioteca, em forma de empréstimo, um livro de literatura a cada dez dias e também por meio de doação que eles recebam de suas famílias. Há também o rádio e a televisão nos cubículos. Para alguns, essas “tecnologias” são as opções de entretenimento, abandonando, em virtude disso, a leitura das obras literárias. Como sabemos, as programações televisivas comerciais visam à alienação, ao conformismo. Então são poucas ou raras as opções que não reduzem, ainda mais, o repertório cultural e as oportunidades de escolhas dos presos.

Outra forma de alienação comum nas prisões é aquela imposta pelas religiões. Como se sabe, a falta de letramento da população implica um muito pobre cabedal exegético, fator que faculta aos enganadores encher as cabeças e os corações de ódio, de discriminação e de preconceito, impondo aos explorados fardos maiores do que eles antes carregavam. A maioria dos encarcerados cita a Bíblia como a melhor opção de leitura no ambiente em que se encontram. A biblioteca da unidade possui, atualmente, um acervo de aproximadamente cinco mil e oitocentos (5.800) livros. Desses, apenas dois mil (2.000) são livros de literatura, pois os demais são livros religiosos, de autoajuda, alguns didáticos e poucos de psicologia. Ressaltamos que é dada, ao preso, a oportunidade de se arriscar pelo universo da leitura e de escolher entre o que deve ou não ler, o tipo de leitura

preferido, os autores – essa opção ocorre no dia em que eles são retirados para o pátio de sol.

Nós, professores de Língua Portuguesa do sistema prisional, lutamos para fazer com que a leitura se torne uma possibilidade de reinserção no mundo social e abertura de uma relação com a própria singularidade, que ajude o aluno/preso na tarefa de reconstrução de sua vida social, de ampliação de horizontes e de novas possibilidades de compreensão de si e do mundo.

A respeito do potencial de superação promovido pela arte, Guattari e Rolnik (1986, p. 45) afirmam:

A literatura, bem como a música ou a pintura, podem acarretar processos de percepção e sensibilidade completamente novos, alcançando micro processos revolucionários, diferenciação nos modos de temporalização, possibilidade de reapropriação de produtos midiáticos, captação de elementos situacionais que construam referências práticas ou teóricas com certa autonomia do poder global, a níveis semióticos.

Assim, a oportunidade de humanizar-se e de transformar-se por meio da leitura e escritura de poesia pode se efetivar. Para Freire, “[...] ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Nesse sentido, a educação pode ser transformadora quando se almeja transformar pela aprendizagem que fazem, juntamente, aluno e professor como mediador, independentemente do espaço onde isso aconteça.

Por meio desse conceito, Freire nos leva a pensar que essa mediação auxilia o aluno/preso a elaborar e reelaborar seus conhecimentos no intuito de buscar sua autonomia, podendo auxiliá-lo na consciência da sua realidade social. Assim, portanto, cabe ao professor mediador que atua em uma unidade penal contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos, estabelecendo uma relação dialógica, em que ambos aprendam e ensinem.

Em conformidade com o ideário de Freire, Maria Cândida Moraes afirma que a mediação pedagógica, sob o olhar da complexidade, “[...] valoriza não só a presença enriquecedora do outro [...]”, mas também a “[...] humildade e a abertura ao reconhecer a presença das múltiplas realidades, a provisoriidade do conhecimento e a presença do aleatório em nossas vidas” (2008, p. 159).

Também segundo Ilma Passos Alencastro Veiga (2008),

[...] a aula deve ser concebida no âmbito das relações humanas e sociais que proporcionam um conjunto de experiências e interações. Dessa forma, é um projeto de construção colaborativa, de múltiplas relações e interações. (VEIGA, 2008, p. 77).

João Luiz Gasparin (2007, p. 115) garante esse ideário ao asseverar que “[...] a mediação implica, portanto, em releitura, reinterpretação e ressignificação do conhecimento”. Nesse contexto, o professor, como mediador entre o aluno e o conhecimento, fornece instrumentos para a socialização.

Para completar essa concepção de ensino-aprendizagem, trazemos a afirmação de Vygotsky, que a complementa ressaltando:

Ao contrário do conhecimento espontâneo, o que se aprende na escola é (ou deveria ser) hierarquicamente sistematizado e exige, para ser compreendido, que seja intencionalmente trabalhado num processo de interação professor/aluno. Mas insistimos: tal aprendizagem só irá ocorrer se quem ensina souber conduzir o processo na direção desejada, o que implica reconstrução do saber. (VYGOTSKY, 1987 apud MOYSÉS, 1994, p. 25)

Essas considerações, porém, só se tornarão consistentes à medida que o professor exercer efetivamente seu papel de mediador, com propostas contextualizadas de forma significativa, levando em consideração a realidade do aluno, visto que esta interfere diretamente na relação ensino-aprendizagem. O professor que assume o papel de mediador se apropria do conteúdo, depois o apresenta ao aluno, que o reconstrói, tornando-o seu e dando-lhe sentido (GASPARIN, 2007, p. 113-114).

Dessa forma, experiência de trabalhar com jovens e adultos em privação de liberdade torna possível estabelecer uma relação dialógica entre professor e alunos, observando suas dificuldades, tentando resgatar sua autoestima, estimulando a aprendizagem, lidando com os seus acertos e os seus equívocos, assim como com as diferenças. Isso tudo, não com austeridade, porém auxiliando-os a se organizarem, a estarem atentos, a adquirirem confiança e ampliação dos horizontes de expectativas, para que acreditem na sua capacidade de aprender e continuem os seus estudos fora do ambiente prisional.

Desse modo, a sala de aula no ambiente prisional é um dos únicos espaços onde o sujeito pode sentir-se “menos preso”, podendo favorecer a aprendizagem educativa. Segue-se, portanto, que, ao falar da função social da literatura e da poesia lírica, devemos pensá-las como uma forma de tirar o homem da

desumanização que reina nos ambientes prisionais, de levá-lo a refletir sobre si e sobre o mundo que o cerca em sua pluralidade e diversidade que atua na construção de um processo social, porque inúmeros sentidos são atribuídos ao texto literário e dele também são extraídos inúmeros outros sentidos, que entram em combinação com a história de vida de cada um.

Acrescentem-se aqui algumas das considerações de Michel Foucault (2010) sobre o “cuidado de si”, conceito com o qual o autor expõe sua compreensão do que seja a ética do “cuidado de si” que se embasa num conjunto de regras sobre a existência que o sujeito atribui a si, conforme a sua vontade e o seu desejo. O cuidado de si se refere a uma ética em que o sujeito direciona suas atitudes sobre si mesmo, porém, não se trata de um egoísmo ou narcisismo, mas em estabelecer condições de empatia e de cooperação nas relações do sujeito com o mundo e com o outro. Assim, é um cuidado de ética e moral sobre si mesmo, direcionado para estilização e estética existencial. Aos alunos encarcerados, que correm o risco de serem massacrados por integrantes de facções rivais, todo cuidado de si é mais do que bem-vindo.

Foucault compreende a necessidade de trazer o cuidado de si para o pensamento filosófico, pensamento do qual ele foi afastado no período da modernidade. Apesar de as práticas de si existirem atreladas a outras posturas, ações e condutas, o que dá sentido à maneira como os indivíduos consideram a si e a seus modos de vida, culminando em uma “estética da existência”, é a postura de o indivíduo voltar-se sobre si mesmo, reflexivamente, num monólogo interior que lhe permita atingir momentos de liberdade. Ao atingir essa instância interior, isso pode favorecer que ele conceda a si próprio as regras necessárias para traçar o norte de sua existência singular, que lhe folga na interação dialógica entre esse norte e os padrões ditados pelas relações sociais, que visam moldar sua vida e subjetividade de forma padronizada.

Assim, essa “estética da existência” pode auxiliar o aluno privado de liberdade a voltar-se para si e, ao olhar para si, também olha para o outro e, conseqüentemente, para o mundo, num ocupar-se consigo mesmo que construa uma relação “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 50).

A relação de si para consigo mesmo pode dar suporte e resiliência ao aluno encarcerado para que ele possa dialogar sem agir com truculência com a rigidez do sistema prisional, com sua carga de imposições e códigos punitivos, dando origem a posições de resistência pacífica e/ou cultural, com as quais o aluno/preso encontra condições de problematizar quem ele próprio é e, também, como é o mundo em que está inserido. Foucault afirma que os "[...] homens não somente se fixam em regras de conduta como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que responda a certos critérios de estilo" (FOUCAUL, 2010, p. 15). Vale dizer que, com o cuidado de si, o aluno/preso pode vir a se adaptar às regras, às normas de maneira crítica e cidadã. É o que chama de "a arte da existência".

Na prisão, o cuidado de si, como postura pautada na "estética da existência", se faz pela elaboração de esquemas criativos de sobrevivência e de convívio na vida social que a estrutura física e semiótica do ambiente prisional permite. A privação da liberdade no interior das prisões, somada ao abandono do sistema penitenciário brasileiro, produzem estratégias improvisadas e engenhosas para se comunicar, preparar a "guloseima", negociar produtos, transportar objetos de um cubículo para o outro, ou seja, criar formas consideradas ilícitas, porém muitas vezes necessárias para garantir a sua subsistência. Sob essa perspectiva, a prisão se apresenta tão somente como um local de estagnação e de esterilidade, em que os presos, para suportá-lo e a ele sobreviver, criam estratégias de burla da vigilância. Se essas estratégias não implicarem exploração, submissão, drogas ilícitas, porte e fabrico de armas, não há necessidade de coibi-los.

Retornando à realidade da sala de aula na prisão, encontramos alunos encarcerados incapazes de pensar as necessidades e os sofrimentos uns dos outros e, na mesma medida, menos capazes de reconhecer e de criar um significado não trivial para a sua vida e para a vida dos outros. Ocorre que a percepção do outro e de suas necessidades não é uma conduta natural no humano, assim como tudo o mais, em sua condição de ser histórico e cultural. Essa percepção precisa ser cultivada pelas famílias e pela escola. Quando essas duas instituições falham em desenvolver a empatia e olhar aberto ao outro e à diversidade, não há como querer que o aluno não seja alheio às necessidades e aos sofrimentos dos outros, se, no reino da mercadoria, essa é a tônica da vida no atual sistema. Não podemos nos

esquecer de que são os pobres que lotam as prisões, pois os ricos se safam, como diz o poema de Brecht:

Há muitas maneiras de matar. Podem enfiar-te uma faca na barriga, arrancar-te o pão, não te curar de uma enfermidade, meter-te numa casa sem condições, torturar-te até a morte por meio de um trabalho, levar-te para a guerra, etc. Somente poucas destas coisas estão proibidas na nossa cidade. (BRECHT, 2000, p. 83).

Para confirmar o poema de Brecht, transcrevemos a afirmação do Major General Butler:

A guerra é um crime... facilmente, o mais rentável, certamente, o mais cruel... É o único em que os lucros são contados em dólares e as perdas em vidas... Ela é conduzida para o benefício dos poucos, à custa dos muitos. Eu passei a maior parte do meu tempo como um “defensor de alta classe” para os Grandes Negócios, para Wall Street e para os banqueiros. Em suma, eu era um gângster, um gangster para o capitalismo.²⁹

E também a afirmação certa do ministro Luís Barroso³⁰:

Nós criamos uma sociedade cheia de ricos delinquentes. Ricos que sonogam, ricos que fraudam licitação, ricos que subornam, que fazem lavagem de dinheiro e, portanto, nós precisávamos criar um sistema penal que valesse pra todo mundo (...) Precisamos mudar o patamar ético do Brasil³¹.

Deixado à própria sorte, sem o amparo da família, do Estado e da escola, o humano pode ser tudo, inclusive desumano. E essa é a rotina dos filhos das famílias dos perdedores globais. Buscamos auxiliar o aluno/preso a perceber que tanto ele quanto outros compartilham de circunstâncias análogas e reconhecer o outro como portador dos mesmos direitos humanos e a reconhecer que nenhum de nós é uma mônada, ou seja, uma espécie de ser da filosofia em cujo interior nenhuma causa exterior pode influir. Ao contrário, somos seres em que a vida social é construída na interação entre pessoas que compartilham necessidades e interesses comuns e incomuns. Nesse sentido, acreditamos que as atividades de leitura e de escrita de poemas apresentam condições de possibilidades de auxiliar o aluno preso nessa

²⁹ Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Iraque-dez-anos-depois-a-guerra-e-um-grande-negocio-/6/27750>>. Acesso em: 8 set. 2016.

³⁰ Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/criamos-uma-sociedade-de-ricos-delinquentes-diz-barroso-na-globonews>>. Acesso em: 8 set. 2016.

³¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA/videos/704745973016884/>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

trajetória de alargamento da visão e da inclusão do outro como parte do cuidado de si dentro de valores éticos que considerem os direitos humanos e a vida em coletividade.

Voltando para a literatura, vemos que grandes teóricos afirmam que ela desestabiliza o leitor, porque propõe a ele questionamentos e inquietações até então desconhecidas por ele. Segundo Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2006, p. 127):

O processo de leitura da literatura contribui para a formação do sujeito não só enquanto leitor, mas, sobretudo, como indivíduo historicamente situado, uma vez que a situação texto-leitor promove o diálogo entre o conjunto de normas literárias e sociais presentes tanto no texto literário quanto no imaginário do sujeito.

Mário Faustino (1977, p. 40) descreve que falar em função social da poesia vale informar em que sentido a poesia serve à sociedade:

A poesia serve à sociedade testemunhando-a, interpretando-a, registrando as diversas fases espaciais e temporais de sua expansão e evolução. Nisso a poesia é como toda arte: um documento vivo, expressivo, do estado de espírito de certo povo, em uma dada região, numa época determinada. A poesia, aliás, é incomparável quando registra certas nuances de ponto de vista, de atitude, de sentimento e de pensamento, individuais como coletivos, nuances essas que, muitas vezes, são bem mais expressivas de um povo e de uma época, do que os grandes acontecimentos. Como documento humano, creio ser a poesia insuperável. Somente isto seria bastante para justificar a sua existência perante a sociedade, sem esquecer aquela sua outra utilidade como que ontológica; a simples beleza, a mera consciência da dignidade da espécie que um poema automaticamente comunica aos homens, seria suficiente para merecer-lhe as honras da humanidade.

Vemos aqui que a poesia se torna registro e memorial ontológico da história do humano na Terra e uma ferramenta que ajuda o humano a dar sentido ao mundo e a si mesmo, tornando-se, assim, uma necessidade fundamental do ser humano. Torna-se uma necessidade, porque o ser humano precisa de um meio de interlocução entre o homem e ele mesmo e entre ele e outros homens ou o mundo. Podemos dizer que a poesia lírica é a modalidade discursiva textual que constrói e descobre sentidos de forma mais abrangente, seja para a intimidade pessoal, seja para a coletividade humana.

Para Ferreira Gullar, a poesia, sendo considerada como um fenômeno social, está sujeita às determinações do tempo histórico e dos espaços, de forma previsível,

visto que depende tanto das condições culturais de produção, quanto das potencialidades criadoras do autor:

Se é verdade que essa personalidade também sofre as influências do momento histórico que inegavelmente a condiciona, não é menos certo, por outro lado, que quanto mais criadora for essa personalidade, menos passivamente se comportará em face desse condicionamento. Pode-se afirmar, portanto, que, levadas em conta as condicionantes histórico-culturais, o fator decisivo na criação literária e artística é a personalidade do autor (GULLAR, 2006, p. 158).

Assim, portanto, para o homem privado de liberdade por motivo de prisão, embora o momento histórico do presente lhe seja o espaço da cela, ele pode ser auxiliado a imaginar outros tempos e outros espaços, fazendo da poesia lírica uma amiga que o auxilia na tarefa de carpir e repensar a situação em que se encontra, refletindo sobre si e sobre a sua crise como indivíduo, a sua experiência histórica e como poderá ultrapassá-la com vistas à ressocialização.

Na nossa atuação de professora dentro de um sistema prisional há muitos anos, sabemos da necessidade da palavra, de ser ouvido e de ser escutado, e vemos que, quando todos fecham os ouvidos, as bocas sussurram, os olhos falam, as mãos enviam mensagens. Sabemos que, na prisão, tanto o calar quanto o falar fazem toda a diferença. Então, consideramos que a escrita é também uma ferramenta de auxílio para um prisioneiro ser ouvido, escutado, entendido, compreendido.

Hegel, ao refletir sobre a “subjetividade poética”, chama a atenção para o fato de que “[...] o poeta pode, graças à fantasia poética, descer às profundidades mais íntimas dos conteúdos espirituais e revelar o que aí está escondido” (1980, p. 66). Candido defende o ensino do texto literário e poético na escola como um direito necessário à formação humana:

[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (1995, p. 180).

O autor considera que o universo da ficção, da poesia e da literatura é uma necessidade universal do ser humano.

Compagnon (2009, p. 45) afirma que é tempo de proteger a literatura da depreciação na escola e no mundo. Afirma que “[...] as coisas que a literatura pode procurar e ensinar são pouco numerosas, mas insubstituíveis [...] de atribuir valor às coisas pequenas ou grandes, [...] de encontrar as proporções da vida, e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo e o lugar da morte, [...], a maneira de ver o outro e si mesmo como companheiros de uma mesma jornada aqui na Terra”.

Lenice Gomes também diz que “[...] a poesia, em especial, carrega um teor lúdico, gerando um jogo de encantação com as palavras, capaz de levar o leitor à transformação” (2004, p. 15).

Mas, afinal, poesia lírica na prisão para quê?

Se considerarmos que vivemos em uma sociedade em que os indivíduos estão perdendo sua capacidade reflexiva, restando-lhe apenas o “ter”, o “dominar” e o “consumir”, veremos a necessidade de poesia. Esse moderno canto da sereia seduz a todos nós, pois todos nós estamos imersos no reino da mercadoria. É comum vermos declarações de que poesia não tem função alguma, e por que teria? Se vivemos “[...] num mundo caracteristicamente utilitarista, dominado pelo capitalismo que elege a mercadoria como bem supremo” (BOSI, 2003, s/p.). Diante disso, consideramos as atividades de leitura e de escrita de poesia como arma de resistência a esse estado de coisas na medida em que contribui para a formação da consciência crítica e permite que o indivíduo desvende as contradições da coletividade.

Cabe à poesia confrontar-se com questões como: solidão, impotência do ser, isolamento, insucesso, perdas, morte, amor, tristeza, liberdade. Ainda Bosi caracteriza a poesia “[...] como a forma mais densa e mais intensa da expressão verbal, profundamente ligada às experiências mais íntimas e mais significativas do ser humano, expressão de sua subjetividade mais radical” (2003, s/p). A poesia tem o poder de revelar tudo o que está invisível. Ela revela, em poucos versos, o que os grandes textos fariam em inúmeras páginas. Para Faustino, de forma definitiva, a poesia tem o poder de provocar na alma de seu leitor uma catarse. Dessa forma,

[...] aquele que verdadeiramente vive um poema, imediatamente, por mais que disso não se dê conta, muda de vida, em particular aquela do tipo "comovente" relembra ao homem sua grandeza, seu alto destino. Recorda, igualmente, a quem vive, a seriedade, a importância da vida. (FAUSTINO, 1977, p. 29-30).

Então é na leitura e na escrita de poesia que podemos afirmar o que é e para que serve a poesia lírica. Ela auxilia os homens, ao longo dos tempos, a compreender a sua própria existência, e busca, de forma particular, compreender os mistérios da vida. Regina Zilberman (2005) afirma que poesia se ensina, porém é preciso compreender “[...] a trajetória da literatura, cuja permanência dependeu de historiadores e críticos que aprenderam a ler na sala de aula, sob a atuação de um professor” (ZILBERMAN, 2005, p. 22).

De fato, a poesia deve ser ensinada na escola, e ser apreciada e estudada pelo aluno como parte integrante de sua educação. Ainda com relação ao ensino da poesia na escola, Averbuk (1982, p. 67) cita que “[...] a poesia pode promover, além da sensibilização, a comunicação do indivíduo com o mundo, auxilia a apreciar o texto literário e usufruir da poesia como comunicação com o mundo”. Antoine Compagnon, em *Literatura para quê?* (2009, p. 21), expõe que:

[...] o espaço da literatura tornou-se mais escasso, em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazers, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível dos livros.

Essa constatação faz-se verdadeira porque a ênfase agora recai sobre atividades pedagógicas com os gêneros textuais, sequência didática e os professores muito se esforçam para atender aos reclames dos PCN e das Diretrizes Curriculares Estaduais. O texto literário foi relegado a gênero textual e a literatura acaba por servir de suporte para atividades pedagógicas que visam o gênero textual. Atividades como hora da leitura, caixa de leitura e projeto de leitura são realizadas sem que haja debates entre os leitores, nem a mediação do professor a respeito das leituras realizadas. Essa prática esvazia o texto literário, torna-o desinteressante e enfadonho, porque retira a qualidade de apreensão das emoções e da percepção da linguagem.

Assim, portanto, em resposta à pergunta “Poesia Lírica na prisão, para quê?”, cabem aqui as palavras de Octavio Paz (2012), que servem como luva para responder. Na prisão,

[...] a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior.

A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. (PAZ, 2012, p. 21)

Nessas palavras poéticas está contida a necessidade humana da linguagem poética, que inspira, que liberta e que dá significado à vida. Na prisão, a pessoa humana prescinde tanto de bens materiais, como de bens culturais e é nesse momento que ela pode ocupar o vácuo da perda de liberdade com a poesia. É na experiência sensível que o ser se revela. Cortázar (1974, p. 97) se refere ao lírico como “[...] um ir em direção ao ser, um avançar à procura do ser”. Para esse autor, o poeta é “[...] evocador de essências, ansioso pela posse crescente da realidade no plano do ser”.

Então, a poesia, como manifestação estética, pode calar fundo no interior do indivíduo e ajudá-lo a suportar e a superar os percalços da sua singularidade. De fato, o poeta, assim como o leitor, se vale da subjetividade para expressar as emoções que refletem o seu momento. São essas emoções, somadas a outros fatores, que representam fragmentos da sua história. E ela (a poesia) continuará a ser expressão mais livre e elaborada do ser humano, registrando emoções, percepções e sentimentos, refletindo as relações entre os homens e o ambiente que os cerca. E, de fato, no ambiente prisional isso acontece.

Feitas as considerações acima, passamos a descrever o percurso metodológico que norteou esta pesquisa.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (JAUSS, 1994, p. 8)

3.1 Contexto da Pesquisa: local de aplicação da proposta

A Proposta de Aplicação Didática se desenvolve com alunos de uma unidade do CEEBJA – Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos, unidade essa instalada dentro de uma penitenciária no Estado do Paraná. A escolha do local se deve ao fato de que somos professora nessa escola desde o ano de 2007. Esses alunos estão matriculados nos 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A penitenciária em tela foi construída com capacidade para 345 presos e é destinada a presos do sexo masculino em regime fechado. Hoje, porém, também abriga condenados em regime aberto e tem como objetivo o cumprimento das metas de ressocialização do interno, buscando oferecer novas alternativas de constituição da cidadania participativa pela via do trabalho e da educação, quer seja a modalidade de cursos profissionalizantes, quer seja a educação formal nos níveis fundamental e médio, com vistas a contribuir para que os apenados constituam para si possibilidades de reintegração na sociedade e, também, como benefício da redução da pena.

Nessa penitenciária não foram construídos espaços próprios para sala de aula, mas foram feitas adaptações necessárias e, no decorrer desta pesquisa, contamos com nove salas. Temos também biblioteca, sala dos professores, sala de secretaria e sala de direção.

É importante ressaltar que, nas salas de aula dessa unidade penal, não há grades, assemelhando-se elas a salas de aula comuns. Isso contribuiu para o trabalho de interação e de participação dos alunos nas aulas – como haveria mesmo de ser. Com relação à segurança, contamos com a presença de um agente penitenciário, que faz a observação das salas de aula.

As aulas acontecem na modalidade individual. Em sala de aula, cada aluno inicia seus estudos em diferentes momentos e avança conforme seu ritmo individual. E temos, em média, 18 a 22 alunos por turma. Esse número reduzido se justifica por trabalharmos em um ambiente considerado de alta periculosidade. Na medida do possível, temos procurado construir momentos em que todos possam trabalhar juntos durante o desenvolvimento da Proposta de Aplicação Pedagógica, dentro do processo colaborativo.

As salas de aula não contam com nenhuma tecnologia. Quando precisamos utilizar televisão e vídeo, eles são carregados pelos alunos encarcerados, o que, muitas vezes, resulta em perda de tempo. Em contraposição, contamos com uma biblioteca que fica no espaço da sala de aula, o que é positivo, porque facilita, muitas vezes, as pesquisas ou a escolha de livros pelos alunos.

Todas as ações dos professores são monitoradas pela equipe de segurança. A metodologia não é questionada, porém todo material didático passa pelo Departamento de Censura da unidade prisional e pela equipe pedagógica do CEEBJA.

3.2 Metodologia Didática: Estética da Recepção

Optamos por trabalhar sob a perspectiva teórica do método recepcional por considerar que esse método possibilita o desenvolvimento de atividades de leitura que respeitam o leitor como figura-chave no ato de leitura. Julgamos que esses conceitos dizem respeito à possibilidade humanizadora da literatura na constituição, na reconstrução e no fortalecimento da singularidade, apta a se inserir e a participar da vida social de forma afirmativa.

Também optamos pelo método recepcional porque é o método proposto pelas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, sendo considerado, pela grande parte do professorado, uma alternativa válida para a atividade de leitura do texto ficcional e literário, com potencial emancipador, além de contribuir para aulas mais agradáveis e estimulantes. Um de seus importantes propósitos é a leitura como fruição. Segundo Campos (2006):

O método recepcional é contrário às teorias dominantes, uma vez que o ponto de vista do leitor é fator imprescindível, e defende a ideia

do relativismo histórico e cultural que se apoia na mutabilidade do objeto, assim como da obra literária dentro de um processo histórico. Trata-se, portanto, de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História. A obra literária é uma estrutura linguístico-imaginária, constituída por pontos de indeterminação e de esquemas de impressões sensoriais, que – no ato da criação ou leitura – serão preenchidos e atualizados, transformando o trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. Estamos diante, portanto, de um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor. (2006, p. 42).

Na proposta teórica da Estética da Recepção, Jauss tece uma crítica à forma como a teoria literária aborda a história da literatura, levando-se em consideração os métodos de ensino, ainda tradicionais, e propõe diversas reflexões a respeito dessas questões. Posteriormente, ele contou com contribuições de outros pesquisadores importantes, entre eles Wolfgang Iser. Jauss fundamenta-se teoricamente no relativismo histórico-cultural. Segundo o autor, é na experiência estética que se desenvolvem as três atividades importantes, complementares e simultâneas que correspondem aos tópicos de produção, de recepção e de comunicação na criação literária. São elas *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*.

A *poiesis* (momento de produção) compreende o prazer do leitor ao sentir-se coautor da obra literária, ou seja, o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos; a *aisthesis* (momento da recepção) compreende o prazer estético advindo de uma nova percepção da realidade, pois essa inovação e aguçamento de percepção afeta o leitor e o leva a constituir uma nova experiência de sensibilidade, que, começando pela percepção, irá desabrochar em conhecimento que a vida pessoal não lhe pode oferecer, pelos próprios riscos que algumas experiências trazem, ou porque o leitor não possui nem as condições afetivas para uma vivência efetiva dessa mesma experiência, seja ainda porque a brevidade da vida humana não permite a esse leitor vivenciar todas as experiências que gostaria de vivenciar. Essa nova percepção age sobre o leitor, que a reconhece e a transforma em conhecimento. Por último, Jauss fala da *katharsis*, atividade lenitiva pela qual o leitor purga seus medos e obstáculos. O prazer proveniente dessa recepção ocasiona tanto a liberação quanto a alteração do horizonte de expectativas do leitor, mobilizando-o para a aquisição de novas maneiras de ver, de se sentir, de pensar e de agir sobre o mundo.

Regina Zilberman (1989) esclarece cada um dos termos acima da seguinte forma:

[...] fruto do relacionamento da obra e o leitor é o aspecto fundamental da teoria fundada na recepção. Compõe-se em três etapas, inter-relacionadas: a *poiesis*, pois o recebedor participa da produção do texto; a *aisthesis*, quando este alarga o conhecimento que o destinatário tem do mundo; e a *katharsis*, durante a qual ocorre o processo de identificação que afeta as possibilidades existenciais do leitor. [...] Identificação equivale à resposta do leitor quando da experiência estética e tem um significado tanto intelectual quanto afetivo (ZILBERMAN, 1989, p. 113).

Dessa forma, primeiro conquista-se o leitor, depois se lhe provoca um impacto, e então, como resultado, surge um sentimento forte diante da obra. Esse processo causa uma transformação no expectador, levando-o a um novo comportamento social e a reflexões acerca das exposições anteriores.

Para que a interação leitor-texto se concretize, Jauss (1994) propõe sete teses, que resultam de sete estágios percorridos pelo leitor. Em todas elas, Jauss delimita o horizonte de expectativas, que representa o saber do leitor. Segundo Zilberman (2009), as quatro teses iniciais apresentam característica de premissa e as três últimas apontam para a ação.

Na primeira tese, o autor aborda a relação entre leitor e texto. Para ele, o leitor dialoga com a obra e se atualiza no ato da leitura, ou seja, a renovação da literatura por meio da fundamentação das estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. Isso significa dizer que a historicidade da literatura resulta do “[...] experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores” (JAUSS, 1994, p. 24).

Na segunda tese destaca o saber prévio do leitor, visto que cada indivíduo reage de forma particular diante da leitura, influenciado, porém, por um contexto social. Dessa forma, cada leitor pode reagir de forma singular a um texto, porém a recepção se converte em fator histórico e social. O horizonte de expectativas é responsável pela primeira reação do leitor à obra. Ele se encontra na consciência individual como um saber construído socialmente e de acordo com o código de uma época, ou seja, a especificidade estática dos textos é determinada pelo público leitor, porque considera as diferentes épocas em que a obra foi lida e, assim, a experiência literária se revela um saber prévio quando se conhece pela primeira vez uma obra. Segundo Jauss:

Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas por meio de avisos, sinais visíveis e

invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores e camadas de leitores (JAUSS, 1994, p. 28).

A terceira tese aborda a reconstrução do horizonte de expectativas. Essa reconstrução é vital para o relacionamento da obra com o público: “O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público” (JAUSS, 1994, p. 31). Essas expectativas podem ser satisfeitas ou não. A distância estética, que, de acordo com o autor, seria “[...] aquela que se entrepõe entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma nova obra, deriva da percepção estética que a obra é capaz de suscitar” (JAUSS, 1994, p. 31). Ainda nessa terceira tese, Jauss (1994, p. 32-33) previne que “[...] há obras que, no momento de sua publicação, não podem ser relacionadas a nenhum público específico, mas rompem tão completamente com o horizonte conhecido de expectativas literárias que seu público somente começa a se formar aos poucos”.

A quarta tese destaca a relação dialógica do texto, uma vez que, para o leitor, a obra constitui respostas para os seus questionamentos. Assim, a reconstituição do horizonte de expectativas resulta da lógica da pergunta e da resposta, apresentando como se dão análises em épocas diversas. Dessa forma, para entender um texto deve-se compreender a pergunta para a qual ele estabelece uma resposta.

Na quinta tese Jauss apresenta o enfoque diacrônico. As leituras posteriores modificam a obra, pondo-a em um momento diferente daquele em que foi produzida. Para a Estética da Recepção, as obras literárias são um conjunto aberto de possibilidades, pois podem adquirir novos sentidos a cada leitura. Na sexta tese devem-se considerar as inúmeras recepções da obra ao longo do tempo e em relação à sua recepção no momento de produção. Para compreender melhor uma obra é importante considerar o encontro dos aspectos sincrônico e diacrônico. Para Jauss, é ao comparar as obras de um período histórico que fica exposta a “evolução literária” que prioriza um gênero em relação a outros contemporâneos (JAUSS, 1994, p. 49).

Na última tese observa os aspectos diacrônico e sincrônico, envolvendo as experiências do leitor, rompendo com o horizonte de expectativas, porque possibilita a ele uma visão crítica tanto da leitura da obra em questão quanto da leitura de obras posteriores. Essa tese considera, além do efeito estético da obra, também seu efeito social, ético e psicológico, devido ao seu caráter emancipador, abrindo caminhos para o leitor no campo da experiência estética. De fato, por meio da literatura o leitor é capaz de visualizar aspectos de sua prática. Segundo Jauss,

A nova obra literária é recebida e julgada tanto em contraste com o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quanto contra o pano de fundo da experiência cotidiana da vida. Na esfera estética, sua função social deve ser apreendida, do ponto de vista estético recepcional, também segundo as modalidades de pergunta e resposta, problema e solução, modalidades sob cujo signo a obra adentra o horizonte de seu efeito histórico (JAUSS, 1994, p. 53).

Assim, na sétima tese, Jauss se ocupa da função social da literatura, e esta ocorre quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática, intervindo no seu entendimento do mundo e agindo sobre seu comportamento social.

Partidário das ideias da Estética da Recepção, o professor de literatura Hans Ulrich Gumbrecht discute o princípio da importância do papel que deve ser concedido ao leitor no ato leitura, ou seja, a descoberta desse leitor como objeto da ciência da literatura.

Gumbrecht (1979, p. 191) expõe que

[...] não é somente a ênfase do leitor comumente desconsiderado que virá violentar os parâmetros da crítica textual, mas seu interesse para as condições de sentido dos textos, passando também a pertencer ao campo de seu objeto o sentido textual intencionado por cada autor, não como o sentido único, mas considerado o primeiro de uma série de constituições do sentido e de suas condições históricas.

O autor ainda considera que o mérito da Estética da Recepção ultrapassa a visão inerente do *New Criticism*, que visa o leitor ideal, a leitura correta de textos, tão importantes nos anos 1950. Para Gumbrecht (1979, p. 191):

[...] a verdadeira inovação da estética da recepção consistiu em ter ela abandonado a classificação da quantidade das exegeses possíveis e historicamente realizadas sobre um texto, em muitas interpretações "falsas" e uma "correta". Seu interesse cognitivo se

desloca da tentativa de constituir uma significação procedente para o esforço de compreender a diferença das diversas exegeses de um texto.

A respeito disso, entende-se que a Estética da Recepção busca refletir sobre a constituição do sentido enquanto ação mútua relacionada entre a produção do texto, pelo autor, e a constituição do sentido, como compreensão do texto, pelo leitor.

Gumbrecht (1979, p. 192) relata que

[...] quem deseja apreender as condições de diferentes constituições do sentido sobre um texto deve pesquisar as interações entre um autor e seus leitores, pois a ação social do autor é tanto condição para a compreensão do texto pelo leitor, como a ação social, provável dos leitores, age como premissa para a produção textual do autor.

A palavra interação, nesse sentido, assume, sob essa perspectiva, que o texto se mostra não somente por meio de quem o produz, mas também por quem o consome, ou seja, na ação de recepção envolvida no processo de interação texto e leitor.

Adepto da Estética da Recepção e compartilhando de sua teoria, Wolfgang Iser apresenta a Teoria do Efeito, com a qual reflete sobre o resultado estético da obra literária no leitor durante a recepção. Para Iser, “[...] é sensato pressupor que o autor, o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia” (ISER, 1979, p. 105).

Ainda de acordo com Iser (1979), leitor e leitura estão subentendidos no texto. Ao fazer o seu texto, o autor antecipa o seu leitor. No caso desta pesquisa, quando o poeta escreve seu poema, ele busca escolher as palavras, a mensagem e a imagem que gostaria de transmitir. Assim, autor, texto e leitor estão interligados desde o início.

Utilizando-se dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar elaboraram o Método Recepcional. Foi a partir da Estética da Recepção que Bordini e Aguiar (1993) desenvolveram estudos a fim de contribuir com um processo de ensino-aprendizagem que auxiliasse tanto alunos quanto professores a respeito da importância de uma obra literária para a formação do leitor.

O Método Recepcional se preocupa, diretamente, com o leitor, o que envolve os seus conhecimentos prévios e a constatação dos seus horizontes de expectativas. Nota-se, então, que:

O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o pocoa: vivências pessoais, sócio históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências. Munido dessas referências, o sujeito busca inserir o texto que se lhe apresenta no esquadro de seu horizonte de valores. Por sua vez, o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 87).

O método recepcional contribui para que o leitor seja um leitor ativo. Ele passa a ser considerado coautor, visto que vem dele a possibilidade de interpretação e de constituição do significado dos mais diversos textos.

Para utilizar-se de tal metodologia, o trabalho organiza-se em cinco etapas:

i) determinação do horizonte de expectativas: momento em que o professor verifica o interesse dos alunos, com o objetivo de prever estratégias;

ii) atendimento de expectativas: etapa em que será propiciada a experiência com textos que satisfaçam as necessidades do aluno quanto ao objeto de estudo escolhido e a estratégia de ensino;

iii) ruptura do horizonte de expectativas: momento em que são introduzidos nos textos e as atividades que rompam com as certezas do aluno, que haja provocação, dando liberdade ao aluno para que avance;

iv) questionamento do horizonte de expectativas: momento de comparação e verificação dos conhecimentos escolares, relacionados com as vivências pessoais, proporcionando mais facilidade e entendimento para compreensão das atividades;

v) ampliação do horizonte de expectativas: nesta etapa o aluno toma consciência das ampliações, das alterações provocadas, das aquisições obtidas e torna-se consciente de suas novas possibilidades de aprendizagem.

O método recepcional permite ao professor encaminhar seu trabalho de forma efetiva, auxiliando o aluno, construindo o conhecimento passo a passo, descobrindo o prazer da leitura. Ao trabalhar com a poesia lírica na perspectiva recepcional, retomamos a percepção, o afeto, a subjetividade, ou seja, o aluno tem a

possibilidade de construir sentidos, de entender a realidade da vida e do mundo, podendo registrar sentimentos, desabafos, angústias, inquietações, denúncias, encantamentos e desencantamentos com a vida e com o mundo. É importante que o aluno perceba que escrever não é uma ação apenas para grandes escritores, mas que todos podem escrever.

Ao iniciar a pesquisa, fizemos uma sondagem do horizonte de expectativas dos alunos sobre a leitura e escrita de poemas. Essa ação se deu por meio da observação direta realizada no transcorrer das atividades de leitura desenvolvidas dentro do ambiente onde a pesquisa foi desenvolvida. Esse foi o ponto de partida para o trabalho com o método recepcional.

Mesmo antes de entrar em contato com uma obra, o leitor já possui um horizonte de vida, de mundo e de valores decorrentes de suas próprias experiências. Diante da obra literária, esse horizonte pode sofrer alterações ou ficar inalterado.

Bordini e Aguiar ressaltam que

[...] o texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel. (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 87).

No ensino da literatura, o método recepcional coloca em prática alguns conceitos, como: receptividade, concretização, ruptura, questionamento e assimilação. Dessa forma, a primeira etapa seria determinar o horizonte de expectativas dos alunos. Em seguida, atender a esse horizonte de expectativas com textos e estratégias que proporcionem satisfação ao aluno. A próxima etapa seria a ruptura do horizonte de expectativas. Nessa etapa será exigido mais do aluno, visto que agora ele possui recursos para sentir-se mais seguro. O passo seguinte seria o questionamento. Nesse momento há a comparação e verificação dos conhecimentos adquiridos aliado às vivências pessoais. Na ampliação do horizonte de expectativas, o aluno contempla as alterações e aquisições obtidas no percurso.

O método recepcional é, por excelência, interlocutivo, porque conduz professor e alunos à interação e à troca de experiências. Assim, por meio do trabalho com a literatura, na diversidade de textos, pode-se levar os alunos à

construção e à reconstrução de sentidos. Destaca-se aqui o trabalho com poemas, que pode ser fecundo em temáticas e riquíssimo em possibilidades emocionais e intelectuais.

Dando sequência às etapas de construção da Proposta de Aplicação Didática, buscamos subsídios no método pesquisa-ação.

Segundo Guido Irineu Engel (2000, p. 182),

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.

Dessa forma, a prática alia-se à teoria por meio da pesquisa. Assim, por meio dessa abordagem propicia-se a possibilidade de intervir na prática em situações reais, com a intenção de compreendê-la melhor. Essas situações normalmente estão ligadas ao cotidiano escolar. Então, com isso, o docente vivencia e participa, tendo como contexto o processo de ensino-aprendizagem.

Além disto, o mesmo autor afirma que “[...] a pesquisa-ação em sala de aula também se revelou como um instrumento eficiente para o desenvolvimento profissional dos professores” (ENGEL, *idem*).

No processo de aplicação da proposta foram utilizados os seguintes instrumentos e as seguintes técnicas pedagógicas: aula expositiva, leitura, filme, músicas, escrita de poema coletivo, conversas e produção e coleta das impressões sobre as atividades, escrita de poemas. Para o registro da pesquisa e das aulas, utilizamos o diário de campo. Isso se deve ao fato de que, dentro do ambiente prisional, não podemos filmar, conforme o direito assegurado ao aluno privado de liberdade da não apresentação de sua imagem. Então, considerando que não podemos nem filmar nem gravar, recorreremos ao diário de campo como ferramenta de recolha de resultados e de impressões, pois, de acordo com Elza Maria Fonseca Falkembach, “[...] o diário de campo representa uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para o uso individual do profissional, pesquisadores e alunos” (1987, p. 22).

4 DESENVOLVIMENTO SISTEMÁTICO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo (Paulo Freire, 2003).

Neste capítulo tratamos das atividades desenvolvidas nos sete módulos das oficinas realizadas com os sujeitos da pesquisa em sala de aula, incluindo as análises, as intervenções, os comentários, os questionamentos e a aceitação do projeto pelos participantes da pesquisa. A respeito dos comentários, buscamos expô-los de forma fiel, compreendendo que os discursos reproduzidos procedem de alguém e são dirigidos a alguém, como evidencia a teoria de Bakhtin (2006). Ou seja, procuramos criar uma situação dialógica, situação na qual os alunos pudessem utilizar a leitura e a escrita de poemas para expor sua fala, seus anseios, suas percepções que, muitas vezes, não podem ser ditas, e, se ditas, nem sempre são ouvidas.

Para favorecer a leitura e a compreensão desse capítulo, apresentamos o desenvolvimento sistemático das atividades propostas e, paralelamente, efetuamos a análise dos resultados, levando-se também em consideração a avaliação dos alunos encarcerados. Na transcrição das falas desses alunos participantes e na escrita foram feitas revisão de problemas ortográficos, de concordância verbo-nominal e de regência, com o necessário cuidado de zelar pela originalidade da expressão. Acrescentamos que algumas produções foram digitalizadas e anexadas no final desta dissertação.

As atividades propostas a seguir foram desenvolvidas seguindo as cinco etapas do Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993), articuladas à Estética da Recepção de Jauss (1994), como descrito no capítulo anterior.

4.1 Módulo I – Acordando os sentidos – 4 h/a

Neste primeiro módulo, intitulado *Acordando os sentidos*, foi proposto aos alunos assistir ao filme "Sociedade dos Poetas Mortos", colher impressões e escrever comentários que achassem importantes a respeito do filme. Nosso objetivo, nesse contexto, foi despertar nos alunos inquietações, questionamentos a respeito das ações do filme, auxiliando-os a olhar as situações que ocorrem diariamente em

suas vidas por diferentes ângulos, encontrando motivação para seguir em frente, em busca de seus sonhos.

4.1.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas

Nessa primeira etapa iniciamos nossas atividades com a preparação da sala de aula e acolhimento aos alunos, ou seja, apresentamos essa atividade de forma diferenciada. Preparamos um filme que pudesse expressar a apresentação das nossas intenções a respeito do projeto que estava sendo desenvolvido.

Após a recepção dos alunos, um pouco tumultuada, visto que, nesse dia, não havia agentes penitenciários suficientes para a movimentação dos detentos nos diversos segmentos que fazem parte da unidade em questão, passamos à etapa de assistir ao filme "Sociedade dos Poetas Mortos", com a direção de Peter Weir, nos EUA, em 1989.

Fizemos o levantamento de hipóteses sobre o assunto do filme e se sabiam de cor ou se haviam lido livros de poesias ou conheciam algum poeta. Questionamos se tinham um poema preferido, um livro ou um filme preferido. Durante essa atividade ficamos impressionados com a atenção dispensada pelos alunos e observamos a respeito dos comentários que eles faziam sobre o filme. Nessa etapa solicitamos que anotassem suas impressões sobre o filme.

Figura 1 – Capa do filme *Dead Poets Society*



Fonte: Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/4/49/Dead_poets_society.jpg. Acesso em: 7 set. 2015.

4.1.2 Ruptura do horizonte de expectativas

Ao término do filme houve a constatação de que os alunos estavam pensativos e na expectativa para os comentários e questionamentos. Durante todo o filme eles prestaram atenção, conversavam entre si e anotavam suas conclusões nas folhas entregues no início da atividade.

4.1.3 Questionamento do horizonte de expectativas

Reflexões e pensamentos: nesse momento houve muitos comentários, que estão transcritos aqui:

- “Palavras e ideias podem mudar o mundo.”
- “Quando lutamos por aquilo que queremos, vencemos.”
- “Você não deve esconder aquilo que sente ou pensa. De certa forma, ocultando estes sentimentos estará assumindo as consequências.”
- “Quando fizer algo, que seja bem feito.”
- “Procure olhar de outra maneira, pois verá algo diferente.”
- “A ignorância muitas vezes se transforma em tragédia.”
- “A poesia pode surgir de qualquer coisa.”
- “Eu vivo para governar a vida e não ser escravo.”
- “Por ter um pai estúpido, seu filho tirou a própria vida.”
- “O verdadeiro poema é o que você imagina dentro de você.”
- “Temos que apreciar as letras e as palavras.”
- “Nós não lemos poesia porque elas são bonitas, mas porque somos humanos.”
- “Acho que somos todos poetas, mas temos medo e vergonha, ou na maioria das vezes somos tímidos e deixamos de sonhar, sufocando os nossos sonhos.”
- “Às vezes, nós, pais, interrompemos os sonhos de nossos filhos, como o pai do filme.”
- “A poesia tem como objetivo alegrar a vida, elevar o moral e fortalecer o coração, abrindo as portas da imaginação.”
- “Devemos ficar em pé para ver o mundo de outra forma.”
- “Só quando sonha o homem é livre.”
- “Sugar a essência da vida.”
- “Ver o mundo de outra maneira.”
- “Aproveite o dia.”
- “Temos que aprender as palavras, entender bem sem copiar de um livro.”
- “Através da poesia que conseguimos sonhar.”
- “Não podemos salvar o mundo, mas vocês podem se salvar.”
- “Colha logo seus botões de rosa.”
- “Para entender poesia, precisamos entender ética.”

Nessa etapa do trabalho, infelizmente, não pudemos falar muito sobre o filme, pois iniciamos os trabalhos um pouco atrasados e precisamos sair para que os alunos fossem recolhidos.

4.1.4 Ampliação do horizonte de expectativas

Para ampliar a compreensão a respeito de alguns aspectos, conversamos sobre o filme, a época em que a história aconteceu, a educação dispensada aos filhos. Muitos comentários e comparações surgiram entre suas vidas e a vida dos personagens do filme. Alguns comentários³² surgiram:

- “Não podemos deixar de sonhar com a liberdade.”
- “Apesar das dificuldades, eles tinham pai e mãe. Eu não conheci nenhum dos dois.”
- “É, professora, a gente só pensa nas consequências depois que acontece e não podemos mais voltar atrás.”
- “Não podemos culpar os outros pelas nossas falhas, minha família não é culpada pelos meus erros, o pai do filme só queria o melhor para ele, apesar de ser muito rígido.”
- “Eu não sei o que os meus filhos estão fazendo agora, espero que nada de ruim, para não acontecer com eles o que aconteceu comigo.”

A contextualização da obra com o momento presente da vida de cada participante é um processo importante para que cada aluno/detento consiga encontrar as suas condições de possibilidades de construção de sentidos, ou seja, por meio de perguntas e de respostas, rever as experiências vividas e, indo além delas, (re)significar seu passado.

De acordo com a primeira tese da Estética da Recepção de Jauss (1994), em que esse autor aborda a relação entre leitor e texto, o leitor dialoga com a obra e se atualiza no ato da leitura. De fato isso aconteceu, visto que os alunos conseguiram dialogar com o filme, fazendo comparações com as suas vidas.

Algumas considerações:

O Módulo I, intitulado “Acordando os sentidos”, foi desenvolvido no dia 25 de abril de 2016, com previsão para 4 horas/aula. Apesar de termos nos preparado anteriormente, houve um atraso significativo por conta da equipe de segurança do

³² Os comentários (falados e escritos) dos alunos foram transcritos de forma fiel, apenas foram feitas correções ortográficas.

dia (falta de efetivo). Nesse dia saíram para sala de aula somente os alunos que participariam do projeto.

Inicialmente, fizemos uma lista com 30 nomes. Esse número elevado de participantes justifica-se pelo fato de não sabermos com certeza quantos participariam, visto que ocorrências inusitadas podem acontecer momentaneamente, fazendo com que não tivéssemos uma quantidade considerável de participantes.

Dos 30 alunos da turma, nesse dia pudemos contar apenas com 23. Um deles negou-se a participar, 3 não foram retirados dos seus cubículos e 3 estavam na aula de música. Apresentamos o objetivo da oficina e como ela iria se estruturar durante as aulas. Os participantes estavam um tanto quanto curiosos e ansiosos. Iniciamos falando sobre o filme “Sociedade dos Poetas Mortos”.

Houve alguns alunos que comentaram a metodologia do personagem principal do filme, o professor. Eles consideraram que, dependendo como o professor age na sala, o aprendizado é melhor, e que o aluno tem mais vontade de aprender, buscar conhecimento. Alguns recordaram e comentaram sobre a atitude do pai no filme e fizeram um paralelo com suas vidas. Como disseram: “Triste, mas real”.

Finalizamos, então, esse primeiro dia. Pudemos observar, secretamente, que muitos rostos estavam pensativos. Acreditamos que cumprimos a primeira proposta do Módulo I, que era sensibilizar o homem preso.

Não foram feitos comentários ou análise a respeito do filme, considerando que o objetivo era exatamente colher as impressões dos alunos e fazê-los sentir-se sensibilizados com as diversas situações que podem ocorrer em nossas vidas.

Bakhtin destaca o papel ativo do outro no processo de interação verbal e realça a relação dialógica que ocorre nos enunciados. Ou seja, “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 2000, p. 291). E esse era o objetivo inicial: levar os alunos a refletirem sobre suas práticas e buscar novos posicionamentos diante de si, do outro e da vida.

No final da aula, um aluno entregou um relato que consideramos ser uma análise desse módulo:

“O filme *Sociedade dos poetas mortos* enfatiza dois extremos da vida, onde na década dos anos 30, a autoridade patriarcal não era contestada e a tradição ditava o destino da maioria dos jovens, os quais não tinham a menor possibilidade de

contestar ou escolher outras profissões, só restando seguir o destino escolhido pelos pais. Por outro lado, os jovens que se rebelavam tinham problemas, mas a poesia trouxe para alguns a liberdade, a poesia lhes permitiu viajar, abrindo a mente para novos paradigmas, abrindo novos horizontes, despertando para a vida. A poesia tem como objetivo fazer-nos pensar, nos alegra a vida e eleva o moral, e fortalece nosso coração, abrindo as portas da imaginação e dá asas aos nossos sonhos. A poesia dita os rigores da vida, faz emanar emoções e nos auxilia na busca da essência da existência, permitindo-nos viver nossos sonhos, nos auxilia a tomarmos decisões, sabendo que a responsabilidade cairá sobre nós. O filme nos mostra que o segredo é viver os nossos dias intensamente, desfrutando das inspirações, vivendo as emoções, em busca do conhecimento, descobrindo que a sabedoria, nos renova as energias para vivermos o dia a dia. Nos mostra também que não é o próprio do ser humano ser sincero, ter respeito e reconhecimento ao próximo. O grande e maravilhoso ensinamento da aula de hoje é: o dia é hoje, a hora é agora e o momento é este. Que todas as coisas deste mundo são efêmeras e que todas as situações têm mais que um único lado; que existem vários caminhos e o bem e o mal é apenas uma questão de escolha. Que é hora de vivermos os nossos sonhos e devemos tirar o máximo proveito dos nossos obstáculos, pois eles nos fortalecem, nos faz crescer intelectualmente, tornando-nos melhores.” (A. S.)

Nesse trecho, o aluno procurou analisar o filme seguindo a sua compreensão, o seu envolvimento e o efeito que a obra provocou. Dessa forma, a linguagem metafórica do filme possibilitou reflexões e fortes significações no campo semântico, visto que, ao escrever, o aluno fala de si, do outro e do mundo. Assim, ele fez a análise do filme de acordo com a sua compreensão de mundo. Candido (1995, p. 179) expõe que “[...] produções literárias, de todos os tipos e de todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo”.

Nessa perspectiva, a aproximação do sujeito com as diversas literaturas pode promover o processo de humanização e de enriquecimento da sua personalidade.

4.2 Módulo II – Sensibilização – 4 h/a

Neste módulo, intitulado *Sensibilização*, propomos trabalhar com canções de diversos compositores e intérpretes, e também com diferentes estilos musicais. Nosso objetivo foi sensibilizar o aluno por meio da poesia contida nas canções, pois ela tem a capacidade de mexer com o sentimento e as impressões afetivas dos seres humanos. Na poesia contida nas canções, a linguagem verbal, o ritmo, o som, o sentido, as imagens apresentam ao aluno a possibilidade de compreender o mundo por meio das inúmeras vozes contidas no texto, além de contribuir de forma significativa para sua formação afetiva e cognitiva.

4.2.1 *Determinação do horizonte de expectativas*

A atividade desse módulo deu-se por meio da preparação do ambiente e dos recursos materiais necessários para essa aula: aparelho de som e folhas de sulfite com a cópia das canções. Iniciamos com a criação de um portal imaginário a ser atravessado pelos alunos para que pudessemos iniciar a aula. Entregamos para cada aluno um botão de roupa que representava a chave do portal, chave sem a qual eles não poderiam entrar na sala. Queríamos criar uma atmosfera lúdica, trabalhando com a sensibilização, atividade que eles levaram muito a sério.

Conversamos sobre quais obras e quais canções, intérpretes e compositores seriam explorados nesse módulo, investigando o que os alunos conheciam (ou não): quem eram, que temas abordavam e como produziam suas canções. Houve a necessidade de fazer a distinção entre música e canção, já que os termos são utilizados como sinônimos³³. Definimos os termos aos alunos de forma simplificada: canção corresponde a um texto escrito em verso ou em prosa literária destinado ao canto. A música corresponde à combinação de sons que produzem melodia por meio de um instrumento musical. A canção é a combinação de duas linguagens: verbal e musical.

4.2.2 *Atendimento ao horizonte de expectativas*

Nessa etapa apresentamos aos alunos diversas canções. A realização dessa atividade foi muito relevante, pois procuramos aliar letra e som. Pedimos que os alunos tentassem formar imagem a partir das linguagens: visual e musical. A esse respeito vale lembrar também a excelente definição do filósofo Benedetto Croce: "Poesia é um complexo de imagens e um sentimento que o anima" (BOSI, 2005, p. 316-317). A intuição e a emoção fundem-se no todo do poema. E isso o diferencia dos demais textos, nos quais se destacam a razão e os argumentos lógicos.

As canções abaixo transcritas fazem parte do rol das obras escolhidas para o desenvolvimento desse módulo:

³³ "Canção" é um gênero híbrido de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagem, a verbal e a musical (ritmo e melodia) (COSTA, 2002, p. 107); "música" é repertoriada em um contexto social, cultural e ideológico; é igualmente definida por um tempo e uma época [...]; é fundamentada em teorias, princípios e leis que garantem a sua identidade (estilo, gênero, forma) e é sustentada por uma sintaxe de semântica autônoma que responde por sua legitimidade. Sendo assim, as diferentes relações sonoras adquirem uma lógica intelectual e um significado psicológico tais que determinam (ou deveriam determinar) um efeito direto e objetivo sobre o ouvinte (SEKEFF, 2007, p. 20).

*A LISTA*³⁴

Oswaldo Montenegro

Faça uma lista de grandes amigos
 Quem você mais via há dez anos atrás
 Quantos você ainda vê todo dia
 Quantos você já não encontra mais

Faça uma lista dos sonhos que tinha
 Quantos você desistiu de sonhar!
 Quantos amores jurados pra sempre
 Quantos você conseguiu preservar...

Onde você ainda se reconhece
 Na foto passada ou no espelho de agora?
 Hoje é do jeito que achou que seria
 Quantos amigos você jogou fora?

Quantos mistérios que você sondava
 Quantos você conseguiu entender?
 Quantos segredos que você guardava
 Hoje são bobos ninguém quer saber?

Quantas mentiras você condenava?
 Quantas você teve que cometer?
 Quantos defeitos sanados com o tempo
 Eram o melhor que havia em você?

Quantas canções que você não cantava
 Hoje assovia pra sobreviver?
 Quantas pessoas que você amava
 Hoje acredita que amam você?

*MARIA, MARIA*³⁵

Milton Nascimento

É um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece
 Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta

Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri
 Quando deve chorar
 E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça

³⁴ Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/oswaldo-montenegro/65521/>>. Acesso em: 7 set. 2015.

³⁵ Disponível em: <<http://lettras.mus.br/milton-nascimento/47431/>>. Acesso em: 7 set. 2015.

É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida

Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!
 Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!!
 Lá Lá Lá Lerererê Lerererê
 Lá Lá Lá Lerererê Lerererê
 Hei! Hei! Hei! Hei!

AQUARELA³⁶

Toquinho

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo.
 Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,
 E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,
 Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu.
 Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul,
 Vou com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul.
 Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar num beijo azul.

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená.
 Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar.
 Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo,
 E se a gente quiser ele vai pousar.

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
 Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida.
 De uma América a outra consigo passar num segundo,
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo.

Um menino caminha e caminhando chega no muro
 E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está.
 E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
 Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.
 Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.
 Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.
 O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.
 Vamos todos numa linda passarela
 De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.

³⁶ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/toquinho/aquarela-original.html#ixzz3lknxFOF>>.
 Acesso em: 7 set. 2015.

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo (que descolorirá).
 E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo (que descolorirá).
 Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo (que descolorirá).

*CICLO*³⁷

Jorge e Mateus

Mãe, eu quis um tempo pra recomeçar
 Pensei que tinha a vida toda pra pensar
 Porque era cômodo ficar aqui
 Mãe, a vida me forçou a aprender
 Tudo aquilo que eu ouvia de você
 Mas entre os problemas
 Acho que ainda sei sorrir

Mãe, pra muita coisa eu sei que demorei
 E quanto tempo isso faz eu já nem sei
 Os anos insistiam em passar
 E eu cresci
 Foi quando aprendi voar
 E o mundo inteiro quis pegar pra mim

A gente nasce, cresce, casa
 E sonha em ser feliz
 Por isso eu fui buscar no mundo
 Tudo o que eu quis
 Todas as vezes minha mãe
 Que alguém me disse não
 Você disse sim pro meu coração

Mãe, chegou o meu futuro e eu não tô só
 Em pouco tempo alguém vai te chamar de vó
 O mundo em nove meses torna a renascer
 O tempo implacável vai continuar
 Deixando sua marca em nosso olhar
 E com meu filho isso também vai acontecer
 Te juro que a ele eu vou ensinar
 As coisas que aprendi de tanto ouvir você falar

*SINÔNIMOS*³⁸

Zé Ramalho

Quanto o tempo o coração leva pra saber
 Que o sinônimo de amar é sofrer
 No aroma de amores pode haver espinhos
 É como ter mulheres e milhões e ser sozinho
 Na solidão de casa, descansar
 O sentido da vida, encontrar
 Ninguém pode dizer onde a felicidade está

³⁷ Disponível em: <<http://letras.mus.br/jorge-mateus/ciclo/>>. Acesso em: 7 set. 2015.

³⁸ Disponível em: <<http://letras.mus.br/ze-ramalho/219437/>>. Acesso em: 7 set. 2015.

O amor é feito de paixões
 E quando perde a razão
 Não sabe quem vai machucar
 Quem ama nunca sente medo
 De contar os seus segredos
 Sinônimo de amor é amar

Quem revelará o mistério que tem a fé
 E quantos segredos traz o coração de uma mulher
 Como é triste a tristeza mendigando um sorriso
 Um cego procurando a luz na imensidão do paraíso
 Quem tem amor na vida, tem sorte
 Quem na fraqueza sabe ser bem mais forte
 Ninguém sabe dizer onde a felicidade está

O amor é feito de paixões
 E quando perde a razão
 Não sabe quem vai machucar
 Quem ama nunca sente medo
 De contar os seus segredos
 Sinônimo de amor é amar

Quem revelará o mistério que tem a fé
 E quantos segredos traz o coração de uma mulher
 Como é triste a tristeza mendigando um sorriso
 Um cego procurando a luz na imensidão do paraíso

O amor é feito de paixões
 E quando perde a razão
 Não sabe quem vai machucar
 Quem ama nunca sente medo
 De contar os seus segredos
 Sinônimo de amor é amar

*ROSA DE HIROSHIMA*³⁹
 Autor - Vinicius de Moraes
 Intérprete - Ney Matogrosso

Pensem nas crianças
 Mudas telepáticas
 Pensem nas meninas
 Cegas inexatas
 Pensem nas mulheres
 Rotas alteradas
 Pensem nas feridas
 Como rosas cálidas
 Mas, oh, não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroshima
 A rosa hereditária

³⁹ Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/vinicius-de-moraes/rosa-de-hiroshima.html>>. Acesso em: 7 set. 2015.

A rosa radioativa
 Estúpida e inválida
 A rosa com cirrose
 A anti-rosa atômica
 Sem cor sem perfume
 Sem rosa, sem nada.

*MONTE CASTELO*⁴⁰
 Legião Urbana

Ainda que eu falasse
 A língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor eu nada seria

É só o amor! É só o amor
 Que conhece o que é verdade
 O amor é bom, não quer o mal
 Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver
 É ferida que dói e não se sente
 É um contentamento descontente
 É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse
 A língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer
 É solitário andar por entre a gente
 É um não se contentar de contente
 É cuidar que se ganha em se perder
 É um estar-se preso por vontade
 É servir a quem vence, o vencedor
 É um ter com quem nos mata a lealdade
 Tão contrário a si é o mesmo amor

Estou acordado e todos dormem
 Todos dormem, todos dormem
 Agora vejo em parte
 Mas então veremos face a face

É só o amor! É só o amor
 Que conhece o que é verdade

Ainda que eu falasse
 A língua dos homens
 E falasse a língua dos anjos
 Sem amor eu nada seria.

⁴⁰ Disponível em: <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/22490/>>. Acesso em: 7 set. 2015.

4.2.3 Ruptura do horizonte de expectativas

A ruptura do horizonte de expectativas deu-se por meio da conversação a respeito da recepção e os efeitos da experiência estética a partir das canções: o que foi sentido, captado, as impressões e imagens que os alunos perceberam com as canções. A introdução dos textos (canções) e a leitura, primeiramente em voz alta, depois de forma cantada, colocaram em xeque a visão de mundo dos alunos e suas certezas foram questionadas, porque eles comentaram que conseguiram entender a mensagem, a intenção das canções e o que elas representavam para eles a partir daquela atividade (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 88-91).

Nessa atividade os alunos tiveram tempo para entender, percebendo melhor as palavras contidas em cada uma das canções trabalhadas. Lemos, ouvimos, cantamos e procuramos discutir suas impressões e sentimentos que afloravam. Queríamos sensibilizar por meio da compreensão da poesia contida nas canções. Observamos que essa aula foi muito alegre e descontraída, porque os alunos conseguiram se envolver e expressar seus sentimentos.

4.2.4 Questionamento do horizonte de expectativas

Houve questionamentos e comentários sobre os aspectos das canções que os alunos julgaram ser mais expressivos, relacionando-as à recepção pessoal de cada um. Após o trabalho realizado com as canções, procuramos levar os alunos a questionar seus horizontes de expectativas, por meio de um debate. Perguntamos o que eles entendiam por poema e por poesia, e se na percepção deles as canções continham poesia? Puderam senti-la? Quais os efeitos de sentido evocados na visão deles? Fizemos uma análise comparativa das canções e eles disseram que acharam muito interessantes, visto que todos os gostos foram contemplados, pois não havia apenas um estilo musical. A construção poética e o uso da linguagem e dos recursos formais se apresentam da mesma forma em todas as canções? A ideia inicial que se tinha sobre poema e poesia permaneceu ou foi alterada?

4.2.5 Ampliação do horizonte de expectativas

Fizemos a discussão e ampliação dos temas abordados nas canções, relacionando o conhecimento com a realidade social, histórica e cultural na qual eles

estão inseridos. Ou seja, apresentamos aos alunos, por meio de explanação didático-pedagógica as habilidades a serem desenvolvidas para podermos analisar e interpretar uma canção dentro da atual sociedade em que vivemos. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, os alunos verificaram que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada. Para finalizar essa etapa, fizemos a proposição de um jogo para exercitar lembranças: Qual é a canção?

No final da aula, um aluno fez a seguinte observação:

“A aula de hoje foi muito boa, porque as canções que foram apresentadas trouxeram muitos ensinamentos para a nossa vida. Eu, particularmente, gostei da canção de Jorge e Mateus “Ciclo”, que fala sobre dois personagens, mãe e filho. A letra da canção fala que o filho teve que aprender com o dia a dia de sua vida tudo o que ouvia de sua mãe quando criança, e agora, com um terceiro personagem, que é o filho que vai nascer e passar por todas as coisas que ele passou e aprendeu de tanto ouvir sua mãe falar. Mas todas as canções foram interessantes, não que as outras aulas sejam ruins, mas eu, particularmente, queria que as aulas fossem desse jeito como está sendo, porque deixa mais alegres e interessantes.” (S. S. J.)

Algumas considerações:

O Módulo II foi desenvolvido no dia 26 de abril de 2016, com previsão para 4 horas/aula. Nesse dia trabalhamos com algo de que eles gostaram muito: canções. Infelizmente houve mais uma desistência, pois um aluno optou por não perder as aulas de música que aconteciam concomitantemente com a Proposta de Aplicação Didática. A lista de participantes passou a contar com apenas 28 componentes. Além disso, porém, nesse dia ainda faltou um aluno que teria atendimento com o setor técnico da unidade. Iniciamos as atividades objetivando oferecer subsídios para que o aluno, por meio de canções, despertasse o gosto pela leitura, pela interpretação e pela escrita, desenvolvendo sua sensibilidade e criatividade.

Iniciamos o trabalho apresentando aos participantes as canções. Primeiro eles liam a letra da canção, uma a uma. Depois ouvíamos e, quem soubesse, cantava. Repetimos cada música pelo menos três vezes. A cada música que cantávamos fazíamos o entendimento da letra da canção. Foi muito interessante quando os alunos compreenderam que música e canção são distintas, pois eles entendiam que essas palavras eram sinônimas. As canções foram escolhidas

visando o interesse e a idade dos alunos, pois na turma a média de idade dos alunos não passava dos 30 anos.

Fizemos alguns questionamentos oralmente e os participantes expressaram-se a respeito dos sentimentos e das emoções que as canções causavam. Eles mostraram muito interesse e curiosidade para ouvir e cantar a próxima canção.

Por meio de questionamentos tentávamos fazer com que os alunos visualizassem uma imagem que representasse a poesia na letra da canção. Para finalizar essa etapa, propusemos um jogo para exercitar suas lembranças, que intitulamos como: Qual é a canção? Previamente, a pesquisadora escolheu e recortou inúmeras palavras que faziam parte de canções. Dividimos a sala em dois grupos. As palavras eram sorteadas e os alunos tinham que cantar a canção em que aparecesse a palavra sorteada. A alegria tomou conta da sala de aula e a disputa ficou acirrada. Os alunos falavam um pouco alto e isso chamou atenção da segurança. Isso é ruim, porque passamos a ser observados mais atentamente. Fizemos algumas rodadas e os grupos terminaram empatados. Consideramos que a aula desse dia foi um sucesso, pois os alunos estavam muito animados e receptivos.

Ficou, todavia, a promessa de uma revanche e um novo jogo de "Qual é a canção?" ficou marcado para o seguinte encontro. Apropriadamente, nesse dia recebi três poemas, dois de um aluno e mais um poema de outro, que serão apresentados em seguida e que também encerram este módulo. Podemos ainda observar que os temas que circulam nos poemas abaixo são: tempo, liberdade, família.

A CONTA

O martírio das badaladas do relógio vai romper o tempo,
 Que passa a passos lentos,
 E separa o ontem do novo dia.
 São como passos arrastados,
 Que deixam marcas no campo da saudade.
 Depois de um longo caminho, o tempo apresenta a conta,
 Que pode ser de gritos e lamentos,
 Saudade ou dor;
 Mas se na vida bem aprovou,
 A conta será de amor.
 (A.S.)

MASMORRA

Entre tenebrosas paredes frias,
Desprovidas de sentimentos,
Recobertas de gélidas grades de aço
Que a alma espanta.

Negra vida que encobre os sentimentos,
Futuro ofuscado pela ilusão da luxúria,
Espaço ocupado pela incerteza.

Nas lentas badaladas do tempo,
Resta apenas o tormento,
Entre grades frias e corações gelados,
Vivendo de sonhos destroçados.

Congelados pelo clima fúnebre que no ar paira.
Na penumbra de cada dia,
O sol anuncia a esperança de um futuro distante.
A correnteza dos dias, leva arrastando a vida vazia.

Na avalanche de sentimentos,
O que eu quero neste momento,
E aos meus entes queridos
É novamente poder amar.
(A. S.)

CONSELHOS

Eu me lembro dos conselhos que você me dava,
Talvez por egoísmo, talvez por machismo,
Eu te olhava de cara feia,
Talvez se eu tivesse te ouvido, não teria acontecido
De hoje eu estar na cadeia.
(J. S. F.)

4.3 Módulo III – Oficina de poemas – 4h/a

Neste módulo, intitulado *Oficina de poemas*, apresentamos aos alunos o sentido denotativo e conotativo das palavras, explicando que, dependendo do seu emprego e contexto, a palavra ganha outro sentido. Assim, o significado das nossas palavras depende da situação e intenção comunicativa do nosso texto.

4.3.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas

Quando chegamos à sala de aula, os alunos estavam inquietos, queriam iniciar logo a aula, ou seja, queriam continuar o jogo do "Qual é a canção?". Percebemos, então, que não seria possível iniciar outra atividade sem antes resolver

ou, melhor, cumprir a promessa do dia anterior. A atividade foi concluída de forma agradável e calorosa.

Após o término do jogo, reiniciamos as atividades do Módulo III com a disposição da sala de forma diferenciada. Os alunos sentaram em círculo para que todos pudessem ser ouvidos e ouvir os demais colegas. Iniciamos falando sobre o sentido das palavras (denotativo e conotativo) e a importância de termos cuidado ao usá-las, pois podemos ofender, maltratar e ferir as pessoas, tanto quanto elogiar, encorajar e dizer palavras de amor. Para ilustrar a fala, fizemos a leitura do poema *Receita de Acordar Palavras*, da poetisa Roseana Murray. Não entregamos a cópia porque iríamos estudá-lo em outro módulo.

*RECEITA DE ACORDAR PALAVRAS*⁴¹

Roseana Murray

Palavras são como estrelas
 Facas ou flores
 Elas têm raízes pétalas espinhos
 São lisas ásperas leves ou densas
 Para acordá-las basta um sopro
 Em sua alma
 E como os pássaros
 Vão encontrar o seu caminho.

Um aluno pediu para ler novamente esse poema e, ao terminar a leitura, fez um comentário: “Professora, eu jamais pensei nisso. Em poucas palavras, a escritora conseguiu falar coisas muito importantes, que falamos e pensamos no sentido que a palavra pode ter, apenas falamos”.

Em seguida entregamos o poema “*No meio do caminho*” (Carlos Drummond de Andrade). Sugerimos que fizessem leitura silenciosa (dos alunos) e depois a leitura pela professora com acompanhamento individual, pois cada aluno tinha uma cópia do texto. Pedimos também que fizessem uma observação comparativa entre as leituras feitas até aquele momento, o que nelas se assemelhava ou se distanciava, o que tinham em comum e o que elas provocavam neles no processo de recepção.

⁴¹ Disponível em: <<http://meuportugues.blogspot.com.br/2011/02/adjetivos.html>>. Acesso em: 16 set. 2015.

Procurei não fazer nenhum comentário moralista a respeito do poema, deixando que os alunos construíssem seu entendimento, deixando-os livres para que interpretassem o texto lido.

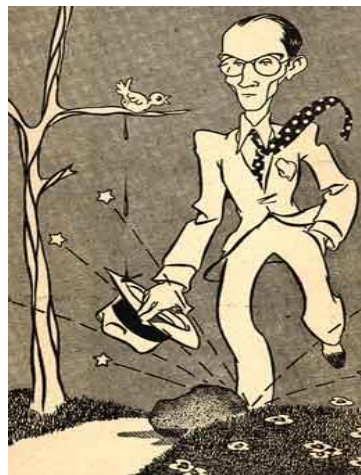
Poema “No meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade⁴²

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas
 nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

(Carlos Drummond de Andrade. In: *Alguma Poesia*. Editora Pindorama, 1930).

Figura 2 – Caricatura de Carlos Drummond de Andrade



Fonte: Disponível em: <http://api.ning.com/files/eu0McJeVN4UPI6tbuEqc6oGS2*HauEZd1 UKq*tgy2e BCnebGhGZTx-nGrv56Ew62F81CyPkeF5EbPDQuvaD8VtWQVOpVp1UI/Drummond_caricatura_Alva rus_1941.jpg>. Acesso em: 15 set. 2015.

4.3.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas

Fizemos a identificação dos aspectos formais do texto (verso e prosa), a construção de sentidos e compreensão do poema. Nesse momento os alunos

⁴² Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=5235>>. Acesso em: 15 set. 2015.

fizeram alguns comentários sobre suas experiências pessoais e compararam com o texto do autor Carlos Drummond de Andrade.

Por meio de conversação alguns alunos levantaram alguns aspectos de suas vidas. Fizemos algumas perguntas e obtivemos algumas respostas, como podemos observar abaixo:

Quadro 1 – Sequência de Atividades

Atividade 1 – Compreensão e interpretação do poema

- a) O que você entendeu do poema?
- b) Em que sentido foram usadas as palavras “pedra” e “caminho” no poema?
- c) Dentro do contexto do poema, o que significa “pedra no meio do caminho”?
- d) E você, já encontrou muitas pedras no meio do caminho? Comente.
- e) Em que outro sentido a expressão “pedra no meio do caminho” poderia ser usada. Dê um exemplo:

Respostas:

“Durante nossa vida vamos tropeçar em muitas pedras, porém devemos tirar disso uma lição”.

“São muitas as pedras, umas maiores, outras menores”.

“Às vezes tenho a impressão que só encontramos pedras, ou melhor, montanhas enormes como essa que eu terei que carregar por 30 anos”.

“Você também encontra pedras no seu caminho, professora?”.

“A gente tem que aprender com as pedras, elas representam nossos erros”.

“Não só aprender, temos que superá-las se quisermos vencer”.

A maioria dos comentários foi a respeito da vida deles, dos seus sofrimentos, dos seus problemas, dos tropeços. Alguns dos alunos elaboraram verbalmente uma fala sobre os próprios percalços, dizendo não terem tido ajuda, serem pessoas abandonadas pela família e pela sociedade. Deixamos que comentassem para esgotar todo o assunto.

Ao se identificarem com o texto, criando uma relação de leitor e texto, conforme fizeram os alunos, isso nos remeteu à primeira tese de Jauss (1994, p. 24). Para o autor, o leitor dialoga com a obra e atualiza-se no ato da leitura, ou seja, houve a experimentação e a identificação dos leitores em relação à obra e da representação numa estética da recepção e do efeito.

4.3.3 Ampliação do horizonte de expectativas

Observamos que houve compreensão, por parte dos alunos, a respeito do sentido das palavras e que estas fazem toda a diferença na escrita e na fala. Também constatamos a ampliação do horizonte de expectativas, visto que os alunos

compreenderam o poema e o associaram às suas vidas, ou seja, utilizaram o poema metaforicamente em suas vidas. Paul Ricoeur, em seu livro *A Metáfora Viva*, defende a tese de que “[...] a metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso liberta o poder que certas ficções comportam de (re)escrever a realidade” (1983, p. 9).

Algumas considerações:

O Módulo III foi aplicado no dia 27 de abril de 2016, no decorrer de 4 horas/aula, de acordo com a previsão inicial. Nesse dia estavam presentes 23 alunos. Dos 28 alunos que deveriam estar em sala participando da Proposta de Aplicação Pedagógica, dois deles não foram retirados dos seus cubículos, apesar de pedirmos pela retirada deles. Outros dois foram para o setor de trabalho externo e um para aula de música. É importante relatar que, quando acontecem situações como essas, não podemos interferir.

Nesse dia tivemos como objetivo auxiliar os alunos a compreender o sentido denotativo e conotativo das palavras em diferentes textos. Os alunos faziam a leitura da parte teórica e fomos explicando, utilizando os exemplos do material didático. Para auxiliar no entendimento utilizamos algumas figuras. Os alunos comentaram que elas auxiliavam muito na compreensão do conteúdo.

Na continuidade das atividades, entregamos para os alunos o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, com uma ilustração do poeta caminhando e tropeçando em uma pedra.

Fizemos a comparação com o texto em prosa e em verso. Os alunos concluíram que o texto que estava em suas mãos era um texto em verso. Ao serem indagados se gostavam ou liam poemas, alguns responderam que sim, que sempre emprestavam livros de poemas para copiar e enviar para a família em suas cartas mensais.

Percebemos que muitos alunos confundiam os termos poema e poesia, utilizando ora um e ora outro. Para solucionar essa dúvida, apoiamos-nos teoricamente nos estudos de Antonio Candido, em seu livro “Estudo Analítico do Poema” (1993), que esclarece sobre a diferença básica entre poema e poesia. Dessa forma, definimos que “[...] a poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia

em verso livre” (CANDIDO, 1993, p. 13). E ainda, “[...] a forma suprema de atividade criadora da palavra, devida a intuições profundas e dando acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (CANDIDO, 1993, p. 12). E, para o poema, utilizamos a seguinte definição: “Poema é a manifestação concreta da poesia” (CANDIDO, 1993, p. 14). Então “O poema é a sua forma concreta, onde podemos ler, estudar e interpretar a poesia” (CANDIDO, 1993, p. 14). Todavia, não nos aprofundamos mais nesse assunto, visto que iríamos tratar desse conteúdo em outro módulo.

Voltamos nossa atenção para a recepção dos alunos para o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade. Entre as leituras alguns alunos teciam comentários a respeito das inúmeras pedras que encontramos durante nossas vidas. Pedras que colocamos ou que não evitamos, por fraqueza, por falta de experiência. Ficou claro que eles haviam compreendido o poema. Durante a fala dos alunos, nós propusemos que eles visualizassem essas pedras e como poderiam fazer para solucionar esses problemas.

Ao término da aula, um aluno fez o comentário escrito abaixo:

“É por volta das 13h30min, estamos na sala de aula ansiosos por mais uma oportunidade de aumentar nossos conhecimentos e evoluirmos em nosso ser com esta pitada de sabedoria. De repente surge nossa docente com sua simpatia irradiante e ímpar, pronta para labuta de mais um dia, mesmo com a precariedade das salas de aula e toda a burocracia de lecionar no sistema, ela entra em cena e nos contagia com sua paz e alegria. É apresentada a nós uma atividade, tipo gincana sobre canções, que nos foram apresentadas na última aula. A classe foi separada em duas turmas e a professora Maria de Lourdes extraiu palavras das canções que foram apresentadas, usando-as como tema para que quando ela pronunciar uma das palavras, o grupo da vez cante uma canção que contenha a palavra em questão. Dando início, a brincadeira torna-se uma atmosfera de descontração, todos caem em gargalhadas e por mais tímidos que estejam, acabam se envolvendo, participando e apreciando a aula. A professora nos apresenta o lado poético das canções, dando-nos uma melhor noção do que ouvimos, nos mostrando que além de apreciar a melodia, devemos, sim, buscar compreender o porquê tais canções nos chamam a atenção, faz viajar ao encontro de algo prazeroso que nos toma de emoção e deixa entusiasmados com o pensamento positivo. Retornamos do intervalo e retomamos as atividades de antes. A professora com sua ternura de sempre, para por diversas vezes para colocar em discussão os temas apresentados e verificar se houve a compreensão dos alunos, sanando todas as dúvidas que lhe são apresentadas. Ela aborda vários exemplos para simplificar e esgotar as dúvidas. Bom, fomos todos envolvidos com o clima da alegria que sempre torna as aulas da professora, as horas passaram e mais uma tarde de puro conhecimento chega ao fim. Levo comigo para agregar em meus conhecimento tudo, o que foi apresentado tem valor, desde o início com a disposição da professora de fazer o melhor. A sala em geral estava envolvida com o conteúdo apresentado.” (M. R. S. L).

P.S. Obrigado pela oportunidade de fazer parte deste capítulo da sua vida e história.

Nesse dia também recebemos alguns poemas dos alunos que aproveitaram o tempo livre em seus cubículos para escrever.

TROPEÇOS

Quantas vezes eu tropecei em pedras,
Mas nunca desisti.
Uma que eu aprendi,
A tristeza não paga dívida,
O ditado assim diz: “quem anda de mal com a vida,
Nunca pode ser feliz”
(J. S. F.)

LÁGRIMAS DO PASSADO

Filho, não pendure as tuas lágrimas no passado,
Ele não voltará mais,
As horas correm como areia ao vento,
Que se mistura ao sonho de quem nunca teve amor.

Nunca chores sobre o leite derramado,
Para que teu pranto não te engane
E não o deixe seguir em frente.

Ao seguir em frente, tire dos teus sapatos a areia do passado,
E nos teus sonhos de asas de águia,
Seja astuto como a serpente e simples como a pomba,
Viaje na sabedoria de Salomão,
Antecipe o sono das noites, como os velhos
E viva cada dia como se fosse o último,
Coloque os teus dias nas mãos do senhor.

Filho, não dependure as tuas lágrimas no passado,
Seja um sonhador, seja um vencedor,
Pois do trabalho nasce a perseverança
E com fé o homem cria a sua sorte e vive os mistérios do amor.

Filho, não dependure as tuas lágrimas no passado.
(A. S.)

MANTO NEGRO

Como pedras atiradas ao ar, em algum lugar, vamos cair e ficar.
Ficaremos no frio do esquecimento, na gélida terra que a muito nos espera.
Trágico futuro certo, que apesar dos cuidados da vida,
Nos tornaremos matéria derretida.
Perecerão os sentimentos de agora, e sob o sol restará apenas o que em Algum momento
de sabedoria foi eternizado pelo conhecimento.
Queria no tempo retornar, e poder mudar as dores e o sofrimento.

Mas resta agora apenas a lástima do momento e o negro manto da morte que Avança no tempo.

É pensamento que traz tormento, a hora ninguém sabe, mas queira Deus que o Tempo que me resta, passe a passos lentos.

E que o mártirio da última caminhada, chegue ao relento da madrugada, Que em meio ao sono dos justos, no último suspiro, rumo à derradeira Morada, possa ser merecedor de repousar junto ao nosso senhor.

(A. S.)

O PASSADO

No erro do passado

O presente obscuro.

Doido além do suportar

Como obstáculo uma pedra.

Que nela acreditei!

Por ela estilhaçado fiquei!

Na solidão do abandono.

Sinto a lágrima rolar.

Procurando suportar.

Vejo os pensamentos embaralhar.

Sem forças para vencer o hoje.

Me agarro ao criador.

Implorando por vencer a dor...

Me dando forças para o meu ser.

O criador tira o meu temor.

Assim encontrarei um novo

“Amor”

Que não seja traidor.

(J. S. A.)

AMOR PARA SEMPRE

A vida me pôs

Obstáculos para recuar.

Persisti.

Acertei ao regressar!

Agora sei que, só

Estarei seguro, mãe,

Perto do seu amor

Recíproco e eterno.

(M. R. S. L.)

Um dia após outro,

E assim sucessivamente,

Mesmo estando distante,

Sempre esteve presente.

Sonhar com você é rotina

Nas minhas noites sozinho,

Perdido na madrugada,

Você me mostra o caminho.

Minha estrela guia, meu anjo,
Sem eu poder te tocar, eu posso te sentir;
Razão do meu viver.

Não posso deixá-la ir,
Depois do abraço e do beijo,
Te vejo se retirar.

Abro o meus olhos, e olho para o lado,
E outra vez você não está.
Ansioso eu espero,
Que este dia chegue ao fim,
Pois à noite linda e serena,
A trará de volta para mim.
(L. S.)

CAMINHOS

Lágrimas como a chuva, passa.
Mas o sorriso vem como o sol.
E ilumina os nossos caminhos.

Você tem vários motivos para
Não amar alguém na vida.
A prece traz um sentimento,
Esse o fortalece.

Sempre corra atrás de seus sonhos,
Saudades, sentimentos, muito amor
E carinho, são suas armas em busca
Da felicidade.

Não há vitórias sem o gosto amargo das derrotas.
Não há ganhador quando se perde.
O homem pensa que sabe tudo,
errado ou certo se torna um ignorante.
Sabe-se que tem um longo caminho,
para ser um grande sonhador.
(E. F. S.)

4.4 Módulo IV – Entendendo as figuras de linguagem – 4 h/a

Nesse módulo trabalhamos com os alunos parte das Figuras de Linguagem. Procuramos fazê-los compreender maneiras de figurar próprias da linguagem e os meios de usar as palavras para, com elas, construir imagens mentais capazes de ativar sentidos mais sensoriais, sejam auditivos, gustativos, olfativos ou visuais, importantes para criar efeitos de sentidos que movam o imaginário. Assim, tivemos

como objetivo que o aluno reconhecesse o efeito de sentido de uma figura de linguagem no texto, e percepção evocada por ela.

4.4.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas

Para desenvolver este módulo iniciamos falando a respeito das figuras de linguagem que mediaram as explicações, considerando que, dessa forma, facilitaria o entendimento para os alunos. São elas: metáfora, comparação, antítese, hipérbole e prosopopeia.

Também utilizamos atividades com fragmentos de poemas e de canções para a identificação das figuras de linguagem.

Figura 3 – Metáfora (1) - Essa rua é um verdadeiro deserto.



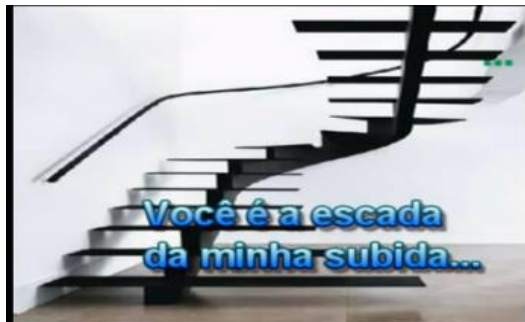
Fonte: Disponível em: <<http://pantokrator.org.br/po/wp-content/uploads/2013/02/quaresma-deserto-cristao.jpg>>. Acesso: 12 set. 2015.

Figura 4 – Metáfora (2) - Minha boca é um túmulo.



Fonte: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=xJPNC8c3LII>>. Acesso em: 12 set. 2015.

Figura 5 – Metáfora (3)



Fonte: Disponível em: <https://dynamic.pixton.com/comic/2/6/d/g/26dgelct167e9ov9_v1_.png>. Acesso em: 12 set. 2015

Figura 6 – Comparação



Fonte: Disponível em: <https://dynamic.pixton.com/comic/2/6/d/g/26dgelct167e9ov9_v1_.png>. Acesso em: 12 set. 2015.

Figura 7 – (Montagem) - Antíteses





Fonte: Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?hl=pt-figuras+de+linguagem+ant%Rgde>>. Acesso em: 13 set. 2015.

Figura 8 – Hipérbole (1)



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=pt-chorou+rios+de+l%C3%A1lagrimas.img>>. Acesso em: 13 set. 2015.

Figura 9 – Hipérbole (2)



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?hl=ptfigura+do+professor+com+a+sala+cheia+de+alunos& oq=img>>. Acesso em: 13 out. 2015.

Figura 10 – Prosopopeia (1) – O Sol amanheceu triste e escondido



Fonte: Disponível em: <<http://figura2b.blogspot.com.br/2011/04/prosopopeia-ou-ponificacao.html>>. Acesso em: 13 set. 2015.

Figura 11 – Prosopopeia (2) - A lua beijava a face do lago adormecido



Fonte: Disponível em: <<http://figura2b.blogspot.com.br/2011/04/prosopopeia-ou-pesonificacao.html>>. Acesso em: 13 set. 2015.

Quadro 2 – Sequência de Atividades

Atividade 2: Analise os fragmentos que seguem evidenciando a figura de linguagem:

a) “Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
[...]

b) “É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder”;
[...]

c) Proferiu um milhão de palavras tentando convencer-me de que tinha razão.

Atividade 3: Assinale as orações em que ocorre metáfora:

- () Seu olhar era frio.
- () O sol nos dá luz e calor.
- () O amor amolece os corações.
- () O presidente foi bombardeado com perguntas.
- () O pavão é um arco-íris de plumas.

Atividade 4:

Na expressão “Todos estão morrendo de sede”, a figura presente é:

- a) Metáfora
- b) Hipérbole
- c) Antítese

No trecho “O vento beija meus cabelos” (Lulu Santos) tem-se a figura de linguagem:

- a) Prosopopeia
- b) Hipérbole
- c) Metáfora

Agora você é o autor. Escreva uma estrofe de sua autoria utilizando-se de figuras de linguagem:

As atividades foram desenvolvidas com relativa facilidade. Os alunos ficaram impressionados com as figuras de linguagem apresentadas nas letras das canções.

Na atividade 4, porém, houve muitas dificuldades. Os alunos tentavam realizá-la, mas com pouco sucesso. Na continuação da aula fizemos com os alunos alguns exercícios, pedindo que evidenciassem as figuras de linguagem em trechos de poemas e em canções. No final solicitamos que escrevessem uma estrofe autoral, utilizando figuras de linguagem, principalmente as estudadas naquele dia. As estrofes abaixo, apesar da simplicidade, conferem o entendimento dos alunos a respeito do conteúdo estudado nesse módulo. Observa-se também que nem todos os participantes do projeto fizeram a atividade 4.

“Sua pele está linda
Com a cor da avelã”. (M. R. S. L.)

“Ouça não há barulho.
A não ser do meu coração.
Pulando e gritando.
Te amo, te amo, te amo.” (M. R. S. L.)
“O teu perfume é brisa em meus pensamentos.
Seu cheiro voa longe com o vento.” (V. F.)

“O sol é igual a você.
Sempre acorda brilhando.” (S. S. J.)

“Vivendo juntos estaremos mais unidos.
Na escada da vida jamais seremos vencidos.” (P. R.)

“A saudade causa dor.
O reencontrar o amor.
Tamanho amor que longe causa dor.
Mesmo distante, não há como esquecer-la
Abrçar o mundo, impossível é.” (J. S. A.)

“Você é como a lua.
Não está visível o dia inteiro.
Mas sempre está em meu pensamento.” (J. H. S.)

4.4.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas

Compreendemos que as atividades propostas funcionaram como elementos facilitadores da compreensão, ou seja, da assimilação dos conteúdos. Os alunos participaram bem das atividades, contudo percebemos, diante da reação deles, que ainda é necessário incentivar a leitura para os alunos e encorajá-los a escrever, para poderem reafirmar suas identidades e encontrar caminhos nas palavras. Observamos a percepção dos alunos com relação às figuras de linguagem em

outros textos e o questionamento sobre os aspectos do conteúdo estudado, relacionando-os à recepção pessoal de cada um.

Desse modo, lembramos Jauss (1994, p. 52), que afirma que uma das funções da arte é provocar no leitor uma nova percepção do seu universo cotidiano e cultural. Segundo o autor, não cabe apenas conservar expectativas vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado, abrindo novos caminhos para experiências futuras.

4.4.3 Ampliação do horizonte de expectativas:

A ampliação do horizonte de expectativas deu-se por meio das discussões dos alunos, relacionando o tema e os conhecimentos adquiridos com a realidade social, histórica e cultural na qual os alunos estão inseridos. Apesar de nem todos os alunos terem cumprido a atividade 3, os demais mostraram-se animados e discutiam com os demais que as canções ouvidas no rádio ou na televisão que fica na cela estão repletas de figuras de linguagem e que são pouco percebidas por quem as ouve. De acordo com Mesquita & Martos (2009, p. 484), “[...] as figuras de linguagem são recursos expressivos que emprestam ao pensamento mais energia e vivacidade, que, por sua vez, conferem à frase mais elegância e graça e permitem ao leitor captar mais efetivamente a mensagem da frase”.

Observamos, por meio das produções futuras dos alunos, avanços significativos relacionados às escolhas linguísticas, as quais contemplaram as figuras de linguagem.

Algumas considerações:

O Módulo IV foi aplicado no dia 2 de maio de 2016, com previsão para 4 horas/aula. Nesse dia compareceram 24 alunos. Nesse Módulo objetivamos que os alunos compreendessem a importância das figuras de linguagem, de forma mais ampla, relacionando-as ao seu cotidiano, e sua funcionalidade na construção textual.

Esse conteúdo foi desenvolvido por meio de muitas figuras. Fazíamos a leitura da parte teórica, explicando minuciosamente as figuras de linguagem selecionadas que faziam parte da Proposta de Aplicação Didática, as quais são: metáfora, comparação, antítese, hipérbole e prosopopeia. Como já mencionamos, utilizamos muitas figuras fotocopiadas e as entregamos aos alunos, exemplificando

cada uma. Foi muito interessante ouvir os alunos demonstrarem que estavam entendendo, por meio de frases escritas por eles:

- “Para mim foi muito boa à aula, pois eu não tinha conhecimento destas distinções.”
- “Não fale dos teus planos e projetos para as pessoas erradas, com uma palavra ela te põe em dúvida e com duas você sente desânimo e com um pouco mais matam teu sonho.”
- “Comi dois pratos de feijoada.”
- “Tenho seis filhos, e minha mulher lava uma montanha de roupas todos os dias.”
- “Aquela conversa foi muito difícil, porque seu olhar estava frio como a morte.”

4.5 Módulo V – Poema e poesia – 4 h/a

Nesse módulo apresentamos aos alunos a estrutura do poema por meio do poema "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes. Nosso objetivo nesse módulo era trabalhar os aspectos formais do texto poético, diferenciando poema e poesia, esclarecendo um pouco mais essa diferença, visto que os alunos confundem esses termos.

4.5.1 Determinação do horizonte de expectativas

Nesse módulo preparamos a sala de aula de forma diferenciada. Formamos um grande círculo para que a participação pudesse ser mais efetiva. Antes de explicarmos o objetivo da aula, lemos para os alunos o "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes. Os alunos consideraram o poema belíssimo, porém alguns ainda tiveram dificuldades para entender a mensagem do poema. Entregamos, então, cópias do poema e os alunos solicitaram que o relêssemos novamente. Com relação à leitura, Geraldi (1996) ressalta a sua importância e os seus efeitos na constituição do sujeito, ao funcionar como um processo que possibilita o alargamento do horizonte de possibilidades de construção das próprias palavras, de compreensão do texto, a partir do diálogo constante e tenso com a palavra alheia.

*SONETO DE FIDELIDADE*⁴³
Vinicius de Moraes

⁴³ Disponível em: <http://www.releituras.com/viniciusm_fidelidade.asp>. Acesso em: 15 set. 2016.

De tudo, ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
 E em seu louvor hei de espalhar meu canto
 E rir meu riso e derramar meu pranto
 Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
 Que não seja imortal, posto que é chama
 Mas que seja infinito enquanto dure.

A cada estrofe lida, procurávamos fazer o entendimento de forma coletiva, informando que cada aluno poderia fazer um comentário e, se fosse necessário, complementaríamos. Os alunos citaram que quando entendiam o que o poeta dizia, o texto tornava-se mais interessante, pois muitas vezes apenas pegavam livros de poesia para copiar e enviar para família. Todavia, sentimos que suas falas revelaram o quanto o discurso machista está entranhado neles, como podemos observar:

- “Ah, esse negócio de ficar alegre junto e chorar junto é meio bobagem, porque as mulheres choram demais, às vezes por nada!”
- “É, a gente acaba fazendo até coisas errada por causa disso!”
- “É, professora, eu não concordo muito com a última estrofe, porque eu estou aqui por isso. Eu não aceitei o final do meu casamento, agora estou pagando um preço alto por isso!”
- “É verdade, e a gente só consegue entender e até achar que fizemos errado quando estamos aqui!”

Outros alunos, porém, relataram que encontram em suas mulheres a força e a determinação para suportarem as dificuldades da prisão. Nesse momento ficou muito claro para nós que, ao trabalharmos com o texto poético, conseguíamos mexer com os sentimentos dos alunos, fazendo-os naquele momento refletir sobre suas vidas. Colomer (2007) destaca que a leitura de poemas desestabiliza a leitura meramente espontânea e a ordem lógico-referencial de nossos hábitos de compreensão e representação do mundo, torna visível o processo de construção do sentido e requer um esforço interpretativo maior do que o habitual em outras leituras.

4.5.2 Atendimento do horizonte de expectativas:

Na continuidade desse módulo fizemos perguntas orais para sabermos a respeito dos conhecimentos prévios dos alunos sobre poema e poesia. Perguntamos se eles gostavam ou se conheciam a diferença, se realmente havia diferença entre esses termos, quais as mais conhecidas, o que geralmente elas manifestavam para eles. E novamente responderam ter dificuldades em entender e diferenciar os termos.

Nosso objetivo nesse módulo era trabalhar os aspectos formais do texto poético, diferenciando poema e poesia. Assim, procuramos esclarecer um pouco mais, e definimos aos alunos que poesia era a arte de tecer com as palavras os sentimentos e os pensamentos mais profundos, de tal forma que o leitor pudesse ver refletidos na poesia os próprios sentimentos. Então, fizemos entender que poemas são as obras em verso em que há poesia. Falamos aos alunos a respeito do “eu poético” ou “eu lírico”, explicando que essa é a voz do poeta para expressar suas ideias, sensações e emoções no poema.

4.5.3 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas

Após trabalhar o poema "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes, era o momento de romper com as expectativas, apresentando aos alunos outros textos poéticos que auxiliassem a abalar as suas certezas e os seus costumes. Jauss afirma que uma das funções da arte é provocar no leitor uma nova percepção do próprio universo cotidiano e cultural. Segundo ele, “[...] à literatura não cabe apenas conservar expectativas vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para experiências futuras” (JAUSS, 1994, p. 52).

Fizemos a identificação dos aspectos formais do poema, a estrutura do gênero, os elementos usados pelo autor na criação poética, bem como os diferentes efeitos de sentidos provocados em cada leitor. Houve muitos comentários sobre os aspectos dos conteúdos estudados, relacionando-os à recepção pessoal de cada um.

4.5.4 Ampliação do horizonte de expectativas

A ampliação do horizonte de expectativas nesse módulo foi realizada por meio do processo de recepção das leituras dos poemas, explicitando qual foi a compreensão de mundo e de indivíduo que essa atividade pode proporcionar.

Fizemos o levantamento sobre as possibilidades de interpretação e construção de sentidos de acordo com os conhecimentos dos alunos e os conhecimentos formais necessários para uma compreensão mais profunda do poema.

Em resposta às nossas atividades, alguns alunos entregaram alguns poemas, apresentados a seguir:

O MUNDO

No mundo dos meus sonhos,
Sinto a tua presença constante,
Vivo, choro e sorrio.
Sinto na alma um fogo ardente.

As nuvens tomam a forma do teu lindo rosto,
O sol tem o brilho do teu implacável sorriso.
Da doçura dos teus olhos quero me saciar.
Para todo o efeito, o nosso amor é perfeito,
Sentimento imortal que enaltece a alma.

Em um simples abraço,
Descanso nos teus braços da fadiga da vida.
Sonho alucinado de quem não está a teu lado,
Para curtir as bênçãos desta vida.
(A. S.)

LIBERDADE

Conto as horas, conto os dias,
Para a liberdade, com muita saudade, retornar.
A minha família espero abraçar,
Com a certeza e a esperança,
De que os meus sonhos vou conquistar.
Provando a mim mesmo,
Que mesmo preso,
Apesar do sofrimento.
Tenho o direito a sonhar.
O meu “psicológico”, não deixei abalar,
E sabendo que todos nós temos a chance de alcançar,
Com o dia na jornada,
A liberdade vai chegar.
(J. H. S.)

MÃE

O amor inacreditável
 Que vem da pessoa, mais maravilhosa do universo.
 Dela ganhei o mais puro amor.
 Você com teu amor,
 Ensinou-me a amar.

Maravilhosa você é!
 Inesquecível e sublime é teu ser,
 Encantador é teu amor.
 Do teu ventre eu nasci,
 Amo você mãe
 De todo o meu coração.
 (J. S. A.)

QUEM SOU...

Estou a pensar quem sou,
 Sou um ser imaginário,
 Um ser existente, que chora sem sorrir.
 Não sou aquilo que sou, sou aquele que quero ser.
 Então eu adormeço e ando nas profundezas dos meus sonhos.
 E lá eu me encontro e conto quem sou.
 Sou aquele que sonha.
 (S. A. L.)

Algumas considerações:

No dia 4 de maio de 2016 aplicamos o Módulo V, que teve previsão para 4 horas/aula. Nesse dia compareceram 22 alunos. Como nos outros dias, tivemos faltas devido a problemas internos. Nesse Módulo objetivamos despertar o gosto do aluno pela leitura de poemas, compreendendo e reconhecendo a poesia. Também objetivamos desenvolver o gosto do aluno pela escrita de poemas, como uma forma de liberdade do pensamento, entendendo a escrita como uma possibilidade de humanização (CANDIDO, 1972).

Entregamos cópias do poema “Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes. Fizemos a leitura silenciosa. Depois dividimos o poema em partes entre os alunos, que fizeram a leitura em voz alta. A cada estrofe lida parávamos e fazíamos o entendimento. Por ser um poema complexo, tivemos algumas dificuldades para que os alunos o entendessem. Mostramos aos alunos que esse poema era composto por dois quartetos e dois tercetos, formato chamado, então, de soneto. Também nessa aula pudemos apresentar aos alunos e explicar a respeito de verso, estrofe, metro, ritmo, diferença entre sílabas gramaticais e sílabas métricas. Nesse momento fizemos a escanção de uma estrofe desse poema. Explicamos a respeito do valor

das rimas, e da sua disposição em diversos poemas, e que elas se classificam em: emparelhadas, cruzadas, interpoladas, misturadas ou encadeadas. Após isso fizemos algumas atividades com poemas.

Entregamos também outro poema xerocado, intitulado “O Adolescente”, de Mário Quintana. Esse poema teve um entendimento mais fácil pelos alunos, porque muitos se viram espelhados no poema e fizeram alguns relatos, como: “É um turbilhão de sentimentos que povoavam a minha vida quando adolescente”, “Quando adolescente achamos que sabemos de tudo”, “Gostei desse poema, descreve nossa vida, pena que muitos tomaram o caminho errado”, entre outros.

Já íamos concluindo a aula, porém, antes de encerrarmos totalmente as atividades do dia, um aluno pediu para fazer algumas considerações sobre a aula. Disse que:

“Neste dia como em todos os outros, nossa aula foi rica em detalhes. O conteúdo apresentado por minha professora nos traz a aula novos conhecimentos. Hoje aprendemos como elaborar a poesia. Que pode ser um poema sem estrofes. Como estrofes, tercetos, quartetos, quintetos e assim por diante. Ex.: uma poesia com quatro estrofes, dois quartetos e dois tercetos, essa forma um soneto. Aprendemos também sobre os versos que rimam e os que são brancos, que não rimam. Também aprendemos sobre os versos gramáticos e métricos. Nesse momento refletindo sobre o conteúdo absorvido da aula, percebo como sou privilegiado. É realmente um privilégio estar participando desse projeto, esse conhecimento é para mim! Para a vida toda... Sou grato por ter sido escolhido para ser um dos alunos desse projeto, pois tenho certeza que muitos, não só aqui da unidade... mas de muitas outras, também gostariam de participar. Agradeço a Deus, por mesmo em tempos de tribulação, me dar algo de contente. Agradeço também à senhora professora, por dedicar seu tempo a nós, num lugar onde a sociedade condena, mas que a senhora acredita. Não sei como agradecer, se eu pudesse lhe daria um abraço, assim como em todos os outros professores. Obrigado do fundo do coração – obrigado – Teu aluno que nunca mais esquecerá quão grande dedicação e bondade que a senhora tem para cada um de nós.” (J.S.A.)

4.6 Módulo VI – Lendo, entendendo e interpretando poemas – 4 h/a

Nesse módulo trabalhamos a leitura, o entendimento e a interpretação de poemas com os alunos, sendo também esse o objetivo principal desse módulo. Para isso, apresentamos poemas de diferentes autores.

4.6.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas

Nesse módulo, a determinação do horizonte de expectativas iniciou-se após uma sondagem a respeito do interesse dos alunos em relação ao conteúdo a ser desenvolvido, de forma a propiciar as etapas subsequentes. Nesta dissertação, por conhecer o interesse dos alunos a respeito do texto poético, desenvolvemos esse módulo objetivando a leitura, o entendimento e a interpretação de alguns poemas. Queríamos criar um clima de afetividade e de participação.

Fizemos a preparação da sala de aula e o acolhimento dos alunos, em seguida a explicação das atividades e a apresentação dos poemas. Cada texto foi entregue e lido separadamente, primeiramente de forma silenciosa, para que os alunos conhecessem o quadro lexical e em seguida lemos em voz alta. Posteriormente desenvolvemos a atividade de interpretação, lembrando aos alunos que a recepção e percepção de um poema variam de leitor para leitor conforme sua sensibilidade, experiência de vida e bagagem cultural. Observação: Alguns poemas foram trabalhados em dois momentos.

Apresentação dos poemas:

Receita para acordar palavras - Roseana Murray;
 A rosa de Hiroshima - Vinicius de Moraes;
 Convite - Lya Luft;
 Soneto - Luís Vaz de Camões;
 Retrato - Cecília Meireles;
 O Bicho – Manuel Bandeira;
 Eu queria trazer-te uns versos tão bonitos e Poeminha do contra - Mário Quintana;
 Arco-íris (Haikai) e Sonhar - Helena Kolody;
 Profundamente - Manuel Bandeira;
 Enredo de um tema - Adélia Prado;
 Olha lá! – F. T.
 Rompe-se o dia – Poema coletivo, 2012;
 As janelas - Charles Baudelaire.

*RECEITA DE ACORDAR PALAVRAS*⁴⁴
 Roseana Murray

Palavras são como estrelas
 Facas ou flores
 Elas têm raízes pétalas espinhos
 São lisas ásperas leves ou densas
 Para acordá-las basta um sopro
 Em sua alma

⁴⁴ Disponível em: <<http://meuportugues.blogspot.com.br/2011/02/adjetivos.html>>. Acesso em: 16 set. 2015.

E como os pássaros
Vão encontrar o seu caminho.

*A ROSA DE HIROSHIMA*⁴⁵

Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

CONVITE⁴⁶

Lya Luft

Não sou a areia
onde se desenha um par de asas
ou grades diante de uma janela.
Não sou apenas a pedra que rola
nas marés do mundo,
Em cada praia renascendo outra.
Sou a orelha encostada na concha
da vida, sou construção e desmoronamento,
servo e senhor, e sou mistério.
A quatro mãos escrevemos este roteiro
para o palco de meu tempo:
o meu destino e eu.
Nem sempre estamos afinados,
nem sempre nos levamos
a sério.

SONETO⁴⁷

Luís Vaz de Camões

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/rosa-de-hiroxi>>. Acesso em: 16 set. 2015.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.infoescola.com/escritores/lya-luft/>>. Acesso em: 16 set. 2015.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.releituras.com/luisdecamoes_menu.asp>. Acesso: 16 set. 2015.

Sete anos de pastor Jacó servia
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;
 Mas não servia ao pai, servia a ela,
 E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
 Passava, contentando-se com vê-la;
 Porém o pai, usando de cautela
 Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
 Lhe fora assi negada a sua pastora,
 Como se a não tivera merecido;

Começa de servir outros sete anos,
 Dizendo: - Mais servira, se não fora
 Para tão longo amor tão curta a vida.

*RETRATO*⁴⁸
 Cecília Meireles

“Eu não tinha este rosto de hoje,
 Assim calmo, assim triste, assim magro,
 Nem estes olhos tão vazios,
 Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
 Tão paradas e frias e mortas;
 Eu não tinha este coração
 Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
 Tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida
 A minha face?

Figura 12 – Retrato



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=retrato%20cecilia%20meireles>>. Acesso em: 16 set. 2015.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/c/retrato,htm>>. Acesso em: 16 set. 2015.

*O BICHO*⁴⁹

Manuel Bandeira

Vi ontem um Bicho,
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando encontrava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava.
Engolia com voracidade.

O Bicho não era um cão,
Não era um gato, não era um rato.
O Bicho, meu Deus, era um homem.

*EU QUERIA TRAZER-TE UNS VERSOS MUITO LINDOS*⁵⁰

Mario Quintana

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim...
Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel!
Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel... Não sei, eu nunca soube o que dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da Poesia...
como
uma pobre lanterna que incendiou!

Extraído do livro "Quintana de bolso", Editora LP&M Pocket - Porto Alegre (RS), 2006, pág. 59, seleção de Sergio Faraco.

*POEMINHA DO CONTRA*⁵¹

Mario Quintana

Todos esses que aí estão,
Atravancando o meu caminho.
Eles passarão...
Eu passarinho!

⁴⁹ Disponível em: <<https://factive1.wordpress.com/poesia/o-bicho/>>. Acesso em: 14 out. 2015.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.releituras.com/i_manih_mquintana.asp>. Acesso em: 16 set. 2016.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet301.htm>>. Acesso em: 16 set. 2016.

Figura 13 – Ilustração: Manih, arquiteta e urbanista. Dedicou-se à pintura e ao desenho, sendo este seu primeiro trabalho como ilustradora:



Fonte: Disponível em: <http://www.releituras.com/i_manih_mquintana.asp>. Acesso em: 16 set. 2015.

POEMAS DE HELENA KOLODY

Arco-íris no céu.
Está sorrindo o menino,
Que há pouco chorou.

*SONHAR*⁵²
Helena Kolody

Sonhar é transportar-se em asas de ouro e aço
Aos páramos azuis da luz e da harmonia;
É ambicionar o céu; é dominar o espaço,
Num voo poderoso e audaz da fantasia.

Fugir ao mundo vil, tão vil que, sem cansaço,
Engana, e menospreza, e zomba, e calunia;
Encastelar-se, enfim, no deslumbrante paço
De um sonho puro e bom, de paz e de alegria.

É ver no lago um mar, nas nuvens um castelo,
Na luz de um pirilampo um sol pequeno e belo;
É alçar, constantemente, o olhar ao céu profundo.

Sonhar é ter um grande ideal na ingloria lida:
Tão grande que não cabe inteiro nesta vida,
Tão puro que não vive em plagas deste mundo.

⁵² Disponível em: <<http://literaturahelenakolody.blogspot.com.br/p/poesias-de-helena-kolody.html>>. Acesso em: 16 set. 2015.

*PROFUNDAMENTE*⁵³

Manuel Bandeira

Quando ontem adormeci
 Na noite de São João
 Havia alegria e rumor
 Estrondos de bombas luzes de Bengala
 Vozes, cantigas e risos
 Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
 Não ouvi mais vozes nem risos
 Apenas balões
 Passavam, errantes

Silenciosamente
 Apenas de vez em quando
 O ruído de um bonde
 Cortava o silêncio
 Como um túnel.
 Onde estavam os que há pouco
 Dançavam
 Cantavam
 E riam
 Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
 Estavam todos deitados
 Dormindo
 Profundamente.
 Quando eu tinha seis anos
 Não pude ver o fim da festa de São João
 Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
 Minha avó
 Meu avô
 Totônio Rodrigues
 Tomásia Rosa
 Onde estão todos eles?
 — Estão todos dormindo
 Estão todos deitados
 Dormindo
 Profundamente.

*ENREDO PARA UM TEMA*⁵⁴

Adélia Prado

Ele me amava, mas não tinha dote,
 Só os cabelos pretíssimos e uma beleza
 De príncipe de estórias encantadas.

⁵³ Disponível em: <http://www.releituras.com/i_majane_mbandeira.asp>. Acesso em: 16 set. 2015.

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.mcpbrasil.org.br/biblioteca/poemas/item/232-ad%C3%A9lia-prado-enredo-para-um-tema>>. Acesso em: 14 out. 2015.

Não tem importância, falou meu pai,
 Se é só por isto, espere.
 Foi-se embora com uma bandeira.
 E juntou ouro pra me comprar três vezes.
 Na volta me achou casada com D. Cristóvão.
 Estimo que sejam felizes, disse.
 O melhor do amor é sua memória, disse meu pai.
 Demoraste tanto, que... D. Cristóvão.
 Só eu não disse nada,
 Nem antes, nem depois.

OLHA LÁ!

Olha lá a flor!
 Que flor?
 A que o homem arrancou!
 Olha lá a árvore!
 Que árvore?
 A que o homem derrubou!
 Olha lá o rio!
 Que rio?
 O que o homem poluiu.
 Olha lá a chuva e a casa!
 Que chuva? Que casa?
 A chuva que desmoronou o morro
 Derrubando a casa.
 Por que desmoronou o morro?
 Porque o homem arrancou a flor,
 Derrubou a árvore, poluiu o rio.
 E agora, colhe o que “desplantou”!
 (F. T.)

ROMPE-SE O DIA⁵⁵...

Mais um dia...
 A escuridão do meu ser,
 Nem sempre percebo o que sou.
 O que sou?
 Sombra ou luz?
 Sou aquilo que aflora do meu ser.
 A luz leva ao caminho reto,
 A sombra induz a escuridão.
 Há um labirinto cheio de obstáculos,
 Retas, curvas, oportunidades, desafios, superações...
 Os muros que me cercam
 Estão construídos em minha mente...
 Abrirei em mim possibilidades de mudanças.
 Efetuarei escolhas
 Pois quem aproveitará as oportunidades serei eu.

⁵⁵ Poesia coletiva – Alunos de uma Penitenciária no Estado do Paraná. Aulas de Língua Portuguesa e Ciências, 2012.

AS JANELAS⁵⁶

Aquele que olha de fora através de uma janela aberta, não vê nunca tantas coisas quanto aquele que olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais radiante do que uma janela iluminada por uma candeia. O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça. Neste buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

Para além do ondular dos telhados, avisto uma mulher madura, já com rugas, pobre, sempre debruçada sobre alguma coisa, e que nunca sai. Com seu rosto, com sua roupa, com seu gesto, com quase nada, refiz a história desta mulher, ou melhor, sua lenda e, por vezes, a conto a mim mesmo chorando.

Houvesse sido um pobre velho homem, teria refeito a sua com igual facilidade. E me deito, feliz por ter vivido e sofrido em outros que não eu mesmo.

Vocês talvez me digam: "Tem certeza de que esta lenda é a verdadeira?" Que importa o que possa ser a realidade situada fora de mim, se ela me ajudou a viver, a sentir que sou e o que sou?"

4.6.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas

Nessa etapa do trabalho tentamos abalar as certezas e os costumes dos alunos, romper com as suas expectativas a respeito do texto poético. Por meio desse processo, esperamos o distanciamento do aluno entre a leitura e o entendimento do texto anterior e as expectativas textuais futuras.

A esse respeito, Jauss (1994) propõe que, à medida que se proporciona a ruptura, delinea-se o aspecto social e formador que a leitura do texto literário proporciona. Se, porém, ao contrário, não ocorre essa ruptura, então se perpetua o que o autor chama de "literatura de culinária", ou seja, o aluno apenas reproduz, com pouca qualidade e nenhum padrão estético. Assim, portanto, nesse módulo tencionávamos que a leitura dos poemas selecionados acima surpreendesse, aguçasse o interesse dos alunos, que houvesse uma mudança no horizonte de expectativas, promovendo a ele novas possibilidades de leitura de poemas.

4.6.3 Ampliação do horizonte de expectativas

Ao desenvolver as atividades com textos poéticos, a Estética da Recepção revitaliza os fundamentos da teoria literária, fazendo emergir o leitor como um elemento participativo e concreto. Entendemos que, por esse viés, a literatura é

⁵⁶ Disponível em: <<http://teorialiterariaufrj.blogspot.com.br/2009/06/analise-do-poema-as-janelas-de-charles.html>>. Acesso em: 29 set. 2015.

concebida como provocação, auxiliando o aluno a buscar novos sentidos, tendo uma visão mais ampla e crítica.

A cada poema lido, parávamos para discutir e dialogar. Socializamos ideias, sentimentos. Os alunos faziam comparações com suas vidas e demonstravam entendimento. Surgiram alguns comentários durante a aula, tais como:

- “Palavras têm muito poder e ao usá-las temos que tomar mais cuidado.”
- “Professora, às vezes olhamos tanto para nós, que nos esquecemos de usar as palavras como flores.”
- “Eu posso presentear uma pessoa todos os dias com palavras.”
- “O homem é capaz de coisas inacreditáveis.”
- “Esse poema faz parte da Bíblia, eu já li e achei muito lindo.”
- “Nosso colega escreveu muito bem esse poema da flor.”
- “Nunca havia pensado nisso, realmente, quando vemos uma janela fechada imaginamos o que se passa lá dentro.”

Algumas considerações:

No dia 4 de maio de 2016 aplicamos o Módulo VI. Este tinha previsão para 4 horas/aula. Contamos nesse dia com 23 alunos. Novamente tivemos algumas faltas devido a problemas internos. Esse módulo objetivou o entendimento, a interpretação e a leitura de poemas pelos alunos, desenvolvendo o gosto pela leitura.

Nesse dia mostramos aos alunos muitos poemas. Iniciamos com “Receita de Acordar Palavras”, de Roseana Murray. Os alunos acharam o poema muito profundo e que nunca haviam pensado na palavra com todos os significados apresentados no texto.

Lemos novamente o “Soneto de Fidelidade”, de Vinícius de Moraes, porque os alunos se recordaram e pediram para lermos e conversarmos sobre ele novamente. Depois passamos a leitura de “A Rosa de Hiroshima”, também de Vinícius de Moraes. Fizemos a contextualização histórica do poema, explicamos algumas palavras que eles não tinham entendido. Trabalhamos com outros poemas da mesma forma, lendo, entendendo, e fazendo as explicações necessárias e entre eles citamos: “Convite”, de Lya Luft, e “Eu queria trazer-te uns versos tão bonitos”, de Mário Quintana. Nesse momento mostramos também uma ilustração de Manih, arquiteta e urbanista, que representava o poema de Mário Quintana. Continuando, fizemos a leitura do “Poeminha do Contra”, de Mário Quintana. Foi muito interessante quando os alunos entenderam o sentido do poema. Lemos o haikai

“Arco-Íris”, de Helena Kolody, e o poema “Sonhar”, da mesma poetisa. Lemos ainda “Soneto”, de Luís Vaz de Camões, “Profundamente”, de Manuel Bandeira, “O Bicho”, do mesmo autor, “Retrato”, de Cecília Meireles, “Enredo de um Tema”, de Adélia Prado, “Olha lá”, de F. T. (aluno privado de liberdade), “As Janelas”, de Charles Baudelaire, e “Rompe-se o Dia” (poema coletivo, escrito no ano de 2012, nas aulas de Língua Portuguesa e Ciências na penitenciária pesquisada).

Vale ressaltar que apresentamos, junto com os poemas, a biografia dos poetas. Essa atividade foi muito interessante, pois os alunos gostaram de conhecer um pouco sobre a vida e as obras de cada poeta.

Nesse dia queríamos escrever, juntamente com os alunos, um poema coletivo, porém não foi possível, devido ao fato de os professores terem sido retirados da sala por volta das 16h30min.

4.7 Módulo VII – Eu sou poeta – 4 h/a

No módulo *Eu sou poeta* trabalhamos a escrita de poemas feitos pelos alunos como resultado dos módulos anteriores. Tivemos como objetivo principal que o aluno se expressasse por meio de palavras, utilizando o texto literário, ampliando sua formação, sua perspectiva de mundo e de si.

4.7.1 Determinação e atendimento do horizonte de expectativas

Esse módulo caracteriza-se, principalmente, pela escrita de poemas realizada pelos alunos participantes da pesquisa. Não tínhamos a pretensão de torná-los poetas, porém apenas apresentar a esses homens um recurso literário de leitura e de escrita que pudesse amenizar suas dores, ampliar sua perspectiva de mundo e de si. Por meio de diálogos informais, apresentamos, até esse momento da aplicação das atividades, poemas, canções, que julgamos apropriados, para atender ao horizonte de expectativas desses alunos.

Desde o início da aula procuramos criar uma atmosfera de acolhimento e de recepção, para que eles pudessem se sentir à vontade no desenvolvimento desse módulo final. Fizemos uma revisão rápida sobre os módulos anteriores. O objetivo era que os alunos fizessem uma reflexão sobre todo o conteúdo desenvolvido nas aulas anteriores, de modo que pudessem escrever os próprios poemas. Jauss (1994) considera que entre a obra e o leitor se estabelece uma relação dialógica que

não é fixa, já que as leituras diferem a cada época e o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular.

4.7.2 Ruptura e questionamento do horizonte de expectativas

A fase de ruptura consiste no centro do método recepcional, pois, a partir dela, pressupõe-se a necessidade de mudança de expectativa e avanços na compreensão do aluno, sempre levando em consideração as suas experiências, com o intuito de melhorá-las, conduzindo para novas possibilidades de leitura.

Para Bordini e Aguiar (1988), a introdução da próxima atividade pode assemelhar-se com a atividade anterior em um aspecto, porém precisa apresentar elementos diferenciados, de forma que, ao mesmo tempo em que o aluno perceba estar começando a desenvolver uma atividade antes não praticada, e com a insegurança decorrendo dessa etapa de uma experiência de nova aprendizagem, que incluía escrever seus próprios poemas. Lembramos que alguns alunos já haviam iniciado a escrita, mas outros temiam se lançar na tarefa.

Nessa etapa da análise, de acordo com as autoras apontadas acima, o questionamento do horizonte de expectativas se efetivará decorrente da comparação que os alunos podem fazer entre os poemas estudados e os poemas que eles podem escrever. Essa etapa pode exigir um nível mais alto de reflexão, porém as descobertas podem proporcionar um grau maior de satisfação. Supõe-se, portanto, que inicialmente a escrita dos textos tenda a ser vista pelos alunos como uma etapa de difícil realização, mas, se devidamente mediada pelo professor, pode, certamente, provocar satisfação e admiração com a atividade cumprida.

4.7.3 Ampliação do horizonte de expectativas

Segundo Bordini e Aguiar (1988), a ampliação do horizonte de expectativas é a última etapa do processo. Ela é o resultado de toda a caminhada anterior, de todas as reflexões, estudos e discussões acerca da leitura e escrita da poesia lírica no ambiente singular onde a proposta foi desenvolvida. É importante que os alunos tenham percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem a si próprios, como veem o seu mundo e o mundo

produzido pelos humanos. Nessa fase, os alunos têm a percepção da mudança e da aquisição da aprendizagem obtidas por meio da experiência com a literatura estudada. Cotejando o horizonte de expectativas inicial com os interesses atuais, o aluno pode perceber o aumento da sua capacidade em arriscar-se na escrita da poesia lírica. Vale lembrar que os módulos foram desenvolvidos de forma tranquila, sem a cobrança da sala de aula.

Algumas considerações:

O Módulo VII foi aplicado no dia 10 de maio de 2016. Nesse Módulo objetivamos estimular o gosto dos alunos por escrever poemas. Essa atividade teve a previsão de 4 horas/aula, com a participação de 22 alunos.

Iniciamos nossa aula fazendo uma revisão das aulas anteriores. Deixamos os alunos expressarem seus pensamentos e fazerem perguntas a respeito dos temas estudados. Foi muito interessante vê-los perceber que falar e escrever são atividades distintas, pois a fala em determinados momentos pode ser algo tranquilo e natural, enquanto a escrita deve ser mais elaborada. Concluímos, então, que a escrita é algo que os amedronta profundamente.

Prosseguimos nossas atividades propondo aos alunos participantes escrevermos um poema coletivo. Iniciamos escolhendo o tema que gostaríamos de trabalhar.

O tema escolhido foi a liberdade. Explicamos a eles que desenvolveríamos o poema da seguinte forma: cada aluno teria o direito de falar uma palavra ou uma frase dentro do tema, sempre observando o que o colega havia falado anteriormente, pois uma fala deveria complementar a outra. Foi uma longa discussão até conseguirmos escrever a primeira palavra. Mesmo com essa dificuldade inicial, o poema foi, todavia, nascendo, crescendo e tomando corpo. Houve muitas reações positivas e negativas, contribuições, mostras de interesse, desinteresse e muitos desentendimentos, pois alguns alunos queriam que sua ideia, palavra ou frase fizesse parte do poema, porém entendiam que o texto deveria ter sentido. Líamos e relíamos o poema, até que todos concordaram que estava bom. Então, finalmente, chegamos ao seguinte poema:

SONHO DE LIBERDADE

Sonho de liberdade
É algo que vive dentro de nós,
Mas nem sempre ouvimos sua voz.
Liberdade perdida
De uma vida vivida
Com lutas vencidas.
Para resgatar o viver
Ela nos trará confiança,
E a nossa esperança
É lutar e vencer.
(Poesia coletiva, 10 de maio de 2016)

Para concluirmos as atividades dessa Proposta de Aplicação Didática, solicitamos que cada aluno escrevesse um poema autoral, com tema livre. Houve algumas reclamações, pois alguns alunos ainda acreditavam que, sozinhos, jamais conseguiriam escrever poemas. Pedimos, então, que cada um fizesse o melhor que pudesse e escrevesse o que conseguisse.

Ao término do período fomos, porém, surpreendidos. Muitos alunos haviam escrito seus próprios poemas e, considerando que o trabalho foi desenvolvido com adultos, questionadores e muitas vezes desinteressados em escrever, obtivemos um bom resultado do processo. Os alunos escreveram e interagiram com os poemas criados por eles mesmos e pudemos colher uma quantidade relativa de textos que fazem parte desta dissertação.

Como encerramento deste módulo temos uma análise escrita por um dos participantes e, em seguida, os poemas escritos pelos alunos no dia 10 de maio de 2016.

“Hoje o dia foi muito bom, estamos chegando à fase final do projeto, e particularmente eu gostaria de agradecer, primeiramente a Deus pela sabedoria e agradecer a professora Maria de Lourdes por nos apresentar esse projeto. Hoje nós fizemos uma revisão sobre os temas apresentados nos encontro, fizemos a leitura de poemas e fizemos um poema coletivo. Como eu estou sendo verdadeiro em minhas palavras escritas aqui, não poderia de deixar de falar sobre o desfecho do projeto. A professora nos explicou com riqueza de detalhes, tirou todas as nossas dúvidas e na hora de nós apresentarmos o trabalho lhe decepcionamos... Talvez nós ainda não estivéssemos preparados, faltou força de vontade ou a maioria não concordou com o tema abordado e não quiseram se opor contra, preferiram ficar em silêncio. Eu quero lhe pedir desculpas por não ter contribuído nesse projeto que a senhora esperava, mas quero que a senhora saiba que tudo o que eu aprendi, eu vou levar para a vida toda e por isso quero lhe agradecer por me proporcionar nesse momento da minha vida esta alegria de viver, seguir em frente e não desanimar, pois o conhecimento transforma... Professora Maria de Lourdes muito obrigada, que Deus guie seus passos e ilumine seu caminho... De seu aluno, L.S.”

5 POEMAS ESCRITOS PELOS ALUNOS

POEMAS DE A. S.

AMOR

Ah! Quantas vezes eu quis que esse amor passe, para não ter mais o que me maltratasse.
 Amor que jamais partiu, amor tirano que o peito estraçalha, e triste é a distância que estreita
 a saudade, amor tirano que me domina.
 Na prisão da paixão, fui há muito tempo atado, vergonhoso castigo que sacrifica a vida.
 Amor que a vida traz mágoas, grito copioso.
 Pedindo socorro ao todo-poderoso, para o nosso amor preservar.
 Amor que apaga o tormento, faz esquecer o sofrimento,
 e a todo momento me faz lembrar de você,
 e faz sonhar.

VIVER

Viver é ganhar, é perder.
 Viver é aprender a amar e sonhar,
 é saber que a felicidade é feita de raros momentos de alegrias,
 que mora ao lado do sofrimento,
 e de frente com a persistência.
 Viver é saber que a paixão é rodeada pela ilusão, sentimento que desliza direto ao coração.
 Viver é ter a certeza que o amor nasce a cada novo dia e que somos apenas meros mortais.

OS TEUS OLHOS

Os teus olhos trazem a alegria do verão,
 o teu olhar me enche de paixão.
 Atravesso desertos e rios só para ter você por perto,
 a tua presença enche de amor o meu coração.
 Esta saudade que me dá, por estar longe de você,
 que me faz viver, pois só eu sei dizer,
 o que o meu peito está sentindo.
 Queria a tua presença sentir agora,
 Mas as coisas não são como outra hora,
 que com ternura passamos o tempo afora, com carícias
 o nosso amor vivemos.
 Agora ouço boatos e não sei se de fato o nosso amor está morrendo,
 Sei apenas o que vivemos um dia,
 e foi com muita alegria, que o nosso lindo amor aconteceu.
 O amor que é uma flor disfarçada de dor e muito sofrimento, com espinhos de amargura,
 que nem o tempo cura, tormento que dilacera a alma.
 A incerteza é brutal carrasco, a solidão é corrente, o tempo é ferro em brasa,
 Que deixa profundas marcas de abandono na vida deste vivente.

SENTIMENTOS

Ela é tão bela, quem me dera saber os seus segredos.
 Tão jovem, e tão gata!
 Beleza que mata
 e maneia os meus sentimentos.
 Quisera ter a coragem e em um lance,
 como miragem, lhe falar do meu amor.
 Lhe dizer o que sinto por dentro, uma angústia, um tormento,
 as pernas trémulas e na garganta um nó.
 O que me espanta é a fala, que toda encabulada, fica entalada.
 Ah! Se ela soubesse dos meus sentimentos, o mundo te daria, e eu seria tão feliz.
 Mulher de olhar manso e compenetrado,
 que varre a alma e me tira a calma, sorriso suave e gostoso, jeitinho dengoso, que tanto me
 fascina, sorriso maroto de menina.
 Quem me dera poder dizer-te ao ouvido, um lindo poema, ao som da passarada e na
 felicidade de dois enamorados, beijar-te até de madrugada.
 Ah! Se ela soubesse dos meus sentimentos.

FOLHAS CAÍDAS

Não olhes as folhas caídas da árvore da vida,
 nem as sombras terríveis do passado,
 pois na ampulheta do tempo, as areias da vida passam a passos lentos,
 jamais para; iluminada pela luz de Deus, a vida segue o seu caminho.
 Dos nossos sonhos resta a esperança,
 que o futuro vindouro realizará, das luzes negras do passado,
 jamais devemos nos lembrar, as lágrimas e os soluços no terrível silêncio,
 devem ficar, os mistérios
 que pairam no ar, nunca devem se revelar,
 entre os céus e as estrelas a vida deve continuar.

QUERO SER IGUAL A VOCÊ

Há muito o tempo tem passado,
 mas os grilhões continuam apertados,
 na alma deste ser que ao nascer foi premiado com pele escura.
 Apesar de muito tempo ter passado, você finge ter me libertado,
 enquanto grito desesperado; quero emprego, quero estudo,
 e por último sempre sou contado.
 Você finge não me ver,
 na surdina você me domina,
 e deixar os meus dias cinzas te fascina
 Fecho os olhos perguntando a Deus,
 Quando vai acabar a escravidão?
 Me julgas pela minha pele escura,
 me condena pela minha pele morena,
 ainda hoje me coloca as correntes do racismo,
 me chicoteia com o seu olhar,
 e mesmo sem falar, me aprisiona a alma.
 Sem piedade me tortura com o preconceito,
 sem saída, grito, não tem jeito, até parece que você é perfeito.
 Não quero a sua caridade,
 na verdade quero apenas ter o direito de ser livre igual a você.

MÃE

Minha querida, mãe, procurei saber qual seria o significado
 do amor, resumi em apenas uma palavra: você.
 Ao tentar descobrir o que é sacrifício, lembrei de um exemplo tão lindo: você.
 Procurei um símbolo de perseverança, achei você.
 Explorei as extremidades do mundo para descobrir se entre os homens
 existe o sinônimo de misericórdia, encontrei você.
 Ao tentar descobrir onde a vida se inicia, vi que
 DEUS foi generoso e me mostrou você.
 A primeira sensação de felicidade, o primeiro carinho,
 o primeiro choro, o primeiro beijo, o primeiro passo, em
 tudo o que eu me lembro, você estava lá, me amparando
 e dando forças para levantar após o primeiro tombo,
 é você que me levou à escola, que me mostra e ensina como a vida é.
 Você, pessoa íntegra, com fé inabalável, pessoa
 que parece ser incansável, a guerreira de todas
 as horas, sem você o mundo seria sem graça e não teria o
 exemplo do amor verdadeiro, aquele que jamais passa.
 Agradeço a Deus por tamanha doçura, por ter
 a oportunidade de ser filho da mais linda criatura,
 onde habita tamanha formosura.
 Você que nos fez desabrochar para a vida, que
 está sempre presente com os seus sábios conselhos, você anjo
 que nos escolta em todos os momentos, e com amor a
 nossa fraqueza equilibra.
 Na luz dos teus olhos descobrimos um mundo melhor,
 e na paz do teu sorriso, vemos o paraíso, assim descobrimos que
 este amor tão lindo é infinito.
 Amor que só cabe em um nome bendito, que abaixo do céu
 só é menor do que Deus.
 Criatura de tamanha generosidade é você mãe,
 linda e querida, a mãe que Deus nos deu.
 Te amamos do jeitinho que você é carinhosa, atenciosa,
 e sempre presente em nossos pensamentos.
 Te agradecemos pelos teus ensinamentos, por nos tornar pessoas melhores.
 Obrigado por ser a melhor mãe deste mundo, perseverante e justa, te amamos.
 Dos teus eternos admiradores.

ABANDONADO

Se ao menos soubesse, o que teu olhar queria dizer,
 eu nunca a deixaria partir sem nunca ter amado.
 Em muitas te procurei, mil sonhos contigo
 vivi, hoje já não sei, viver longe de ti.
 A nossa canção com pássaro voou, rumo
 ao infinito a te procurar, regada em lágrimas
 voltou, triste por não te achar.
 Em farrapo nós estamos, navegando no mar da solidão,
 agora resta apenas a saudade, dos anos dourados,
 onde a felicidade fez nascer a paixão.
 Do fogo de outra hora,
 resta agora, o frio do abandono,
 que queima o coração deste órfão,

malhado pela solidão.
 As sombras pairam agarradas ao tempo,
 onde não há passado ou presente, há apenas uma terrível dor,
 que não sai da gente.

QUISERA EU

Quisera eu que a minha imaginação tivesse asas de águia,
 eu voaria e estaria em todos os lugares,
 mas jamais me afastaria do seu coração.
 Em ti eternamente habitaria, jamais deixaria
 chegar perto de ti a solidão.
 Quisera eu ter asas da imaginação.

ANIVERSÁRIO

Há anos atrás, neste maravilhoso dia, o universo estava em festa
 porque você nasceu; meu anjo encantador.
 Você, um ser abençoado que só nós trouxe alegria,
 pessoa graciosa que no sorriso traz a harmonia do paraíso,
 é o amor que eu preciso para ser feliz.
 Felicidade que neste dia tão especial nascia, trazendo alegria
 para quem não sabia que um amor celestial existia
 e nesta vida quero estar sempre ao teu lado.

PERIPÉCIAS DO AMOR

Como o vento, afetado pelas peripécias do tempo, assim é o amor.
 Fogo mágico que queima e enlouquece na calma.
 Frio que queima e desola, é inverno que devasta a alma.
 São pedras que rolam no caminho, flor cheia de espinhos.
 Dor que paira no ventre e a gente finge
 que não sente, que é repleta de lembranças permanentes.
 Na agonia fria do tempo, o amor cai no esquecimento
 cavalga nas asas da imaginação,
 ata novamente o coração, para viver, novas emoções.
 Assim é o amor, vacilante, emotivo, sem juízo,
 cheio de dor, mas sem o amor ninguém vive.

EU SOU...

Eu sou o que sinto, eu mesmo ser.
 Eu sou espírito, eu penso,
 vejo, sinto e vivo na presença de Deus.
 Eu sou um com Deus.
 Eu sou a realização da presença de Deus.
 Eu sou jubiloso, próspero, pleno de paz e bem sucedido.
 Eu sou iluminado pela luz que vem do alto.
 Eu sou o brilho do sol do amor Divino.
 Eu sou a realização dos dons e habilidades divinas.
 Eu sou a verdade de Deus

Eu sou amor,
 Eu sou saúde, alegria e felicidade.
 Eu sou consciência, paz e liberdade.
 Eu vejo o mundo através dos olhos de Deus.
 Eu sou filho de Deus.

MORENA

Morena linda de olhar gateado, e nos seus lindos
 e longos cabelos cacheados, que eu quero me enrolar,
 em teu cheiro me embriagar,
 nas tuas belíssimas curvas percorrer e alucinado
 de amor com você para sempre me perder.
 Sedutora como uma serpente, seu olhar cativou o meu coração,
 são mil emoções, que eu não sei como lidar.
 Jeitinho misterioso, queria beijar-te gostoso.
 Quisera eu sentir os teus lábios de seda.
 Mirar nos teus olhos enche os meus dias de cores,
 são como mil borboletas coloridas, desfrutando a vida, cheia de amor.
 Por ti não sei o que faria, poderia parar o tempo,
 e por um simples sorriso seu, eu aprisionaria o vento.
 Ah! Se você fosse minha namorada, entraria em delírio,
 te daria os brilhantes do céu, o universo seria o teu jardim.
 Morena linda, olha pra mim!

DIA DE VISITA

Ainda na penumbra que anuncia o dia,
 onde o sol insiste em levantar e estender o seu manto dourado,
 os pássaros encantam com alegria o novo dia.
 A minha guerreira e seu fiel escudeiro,
 com o seu cavalo de aço cavalgam prosperamente,
 deslizando sob o tapete negro, que se estende além do horizonte.
 No rosto, o vento quente, à frente, os perigos
 da vida, nas costas, o sol ardente, outras vezes, chuva e frio.
 A ansiedade anuncia que a alguns quilômetros em uma cela fria, tem alguém a esperar,
 que ao chegar o tempo é pouco, as horas voam como pássaro louco sem parar.
 Ao final da visita resta agradecer a Deus, pelas horas benditas
 orar para que tudo se repita, na próxima visita,
 assim se Ele deixar.
 Obrigado a você Adriana, minha musa guerreira.
 Obrigado a você, meu filho Gabriel, meu anjo e fiel escudeiro.
 Obrigado meu Deus por mais uma visita.

LÁGRIMAS DO POETA

As lágrimas do poeta não molham o papel, elas rolam em forma de letras,
 borrando expressões, falando dos sentimentos de baixo do céu.
 Das mãos do poeta a tinta surge como o vento,
 são palavras que deslizam e exprimem o mais puro dos sentimentos: o amor.

Os garranchos lançados ao tempo, que flutuam até o coração,
 são versos que contam e encantam o amor,
 falam do perfume da vida, do fascínio do sorriso, da ternura suave da brisa que desliza,
 e passeia no rosto da pessoa amada.
 No simples deslizar da pena, com poucas palavras revela a existência do amor.
 É no papel que o poeta extravasa os seus sentimentos adormecidos ao longo do tempo,
 no delírio pela musa amada, em versos pela beleza das flores e no delírio de amores que
 encanta a vida.
 Para o poeta o amor e a dor é um fardo,
 um remédio amargo,
 um preço a ser pago.
 Só escreve aquele que sente.

SONHO

A esperança ilumina os meus sonhos do passado,
 e me faz sobreviver das mazelas do dia a dia.
 O que devo fazer para realizar o meu sonho de liberdade?
 Será que eu terei aprendido com os erros do passado?
 Será que o mal que vive em mim é maior que o bem?
 Que farei então se na solidão há mistérios que fascinam o coração,
 mas viver só tem dó, ninguém aguenta.
 Gostaria de prever, o que no futuro vai acontecer,
 Mas no momento, sinto apenas o vento das mudanças
 que pode vir a se concretizar.
 Tudo é possível para quem sabe sonhar,
 mas sei que sonhar pequeno é o mesmo que não sonhar.
 Assim como achar que sabe amar, sem ao menos tentar
 é o mesmo que viajar, sem saber para onde ir ou se vai chegar.

A DERIVA

Entre palavras amargas com sabor de saudade,
 nem o tempo conseguiu apagar do meu coração o amor que sinto por você.
 A tristeza gelada da solidão com o seu extremoso frio,
 corta o meu coração, que insiste em amar você.
 São longas às horas que cascateiam o dia, entre paredes frias fico a te esperar.
 Você menina selvagem, linda e perfeita,
 como uma miragem que assombra os meus dias,
 a sua sombra me angustia.
 Paixão incandescente que brinca com a gente
 e dá a doce ilusão de que um dia serei dono do seu coração.
 Sabe Deus o quanto eu te amei,
 só ele sabe quantas noites sofri,
 só ele sabe que a esperança por ti eu perdi.
 Solitário eu continuo à deriva na solidão.

A CHUVA

Lugar maravilhoso para viver.
 Chuva dengosa que não para de correr.
 Lama manhosa que deixa em casa a alma preguiçosa.

Para sair, só com pneu lameiro, levo o dia inteiro,
 mas encomendei um tatu de chuteira, para
 sair na dianteira e na lida continuar, pois só com tatu de chuteira pra sair desse lugar.
 Minha tapera tem goteira, não sei como ar-
 Rumar, chove tanto que não escuto o sabiá cantar.
 No quintal tem poça d'água, não tem como andar.
 A chuva é coisa maravilhosa que DEUS dá,
 estou esperando outro dia, sei que o sol vai raiar,
 mas sei que é a chuva manhosa que dá a vida a esse lugar.
 Novo dia, nova lida, eu e minha querida temos uma roça pra cuidar.

VENDAVAL

Como um vendaval de emoções você chegou em minha vida.
 Se transformou no furacão que arrasou o meu coração.
 Me destruiu, lançou-me ao chão, sorrindo foi embora.
 Você foi à pessoa que mais amei.

ALMAS NUAS

Erro cometido na arena da vida,
 Desmedida dor dolorida,
 Negros dias solitários,
 Carrascas são as horas,
 A golpear na solidão.

Privação de amargo fel,
 Viagem de lutas onde
 Não há abrigo e nem piedade.

Amargas são as horas,
 Nas quais a cada dia
 Se busca um renovo.

Profundas são as marcas
 Deixadas pelo silencio,
 Espada cruel
 Que paira sobre a cabeça,
 Uma vida de privações.

A solidão parada no tempo,
 Dita o ritmo do coração.

Grades frias como geada,
 Distancia a aurora dos dias,
 Que enfeitam a vida sórdida,
 De olhares infelizes.

Sorrisos frios e almas nuas,
 Torturados pela distância
 Da existência

Murmúrios confusos,
 Sem esperança.

Esperança de uma nova primavera,
 De um novo começo
 De um ligeiro renovo para a vida.

Nas veias o fogo do desejo,
 Do abraço amigo,
 Do amparo dos entes queridos,
 Do sorriso da vida florida,
 Das cores vivas de uma nova partida.

Um recomeço tão esperado,
 Enquanto ainda arde
 A chama da vela da vida.

Contemplo o mundo
 E busco o que me falta,
 Já dolorido
 Pelas chicotadas do destino.

Debaixo do céu azul
 Em companhia de Deus,
 Para enfrentar o frio dos olhos teus,
 Açoitando-me
 Marejados de preconceito.

Quando a liberdade raiar,
 Queira DEUS que eu possa lutar
 E vencer as trevas do teu olhar.

Doloroso remorso que para sempre
 Vou carregar no peito,
 O negro erro
 Cometido na arena da vida.

POEMAS DE J. S. F.

MENINA

Menina quando eu te vejo e não posso te beijar,
 Para a minha infelicidade, eu fico só na vontade,
 O sangue foge da veia, e o coração sai do lugar.

MÃE

Mãe, você é um anjo que DEUS me deu. Em todos os lugares
 do mundo, em que eu passei, nunca encontrei um amor mais puro que o teu!

O TEMPO

Quando eu era criança, eu corria atrás do vento,
 pois eu tinha no pensamento que a vida seria sempre assim,
 mas para o meu desengano, com o passar dos anos, hoje a velhice corre atrás de mim.

PROFESSORA

Seja atriz, ou apresentadora,
 Seja modelo, seja doutora,
 Mas no meu ponto de vista não há profissão que exista,
 tão digna como a de professora!

A MÃE E A PROFESSORA

Minha mãe e minha professora são dois seres Incríveis,
 por quem eu rogo a Deus que recebam as bênçãos do céu.
 Minha mãe sofreu para me criar, mas foi minha professora que lutou pra me educar.
 Eu amo minha mãe do fundo do meu coração
 e tenho pela minha professora eterna gratidão.
 Mãe Deus te abençoe por ter me criado com tanto amor e carinho.
 Professora, Deus guie seus passos e ilumine o eu caminho.
 Mãe e professora são duas guerreiras de coragem.
 Não usei palavras bonitas, mais através desta escrita quero fazer-lhes a minha homenagem.

O DESTINO

Entre no submundo do crime, contrariando a minha vontade.
 Não adianta chorar o leite derramado, pois agora é tarde.

O destino foi comigo cruel e covarde.
Armando para mim uma cilada, sem dó nem piedade.

POEMAS DE P. R. S.

SAUDADE E INJUSTIÇA

Eu peço a Deus quando é que eu vou parar.
No mesmo instante peço forças para poder continuar.
Quando eu sair daqui minha vida vai mudar.
Fui injustiçado por um crime que eu não fiz, Deus me perdoe, mas um dia serei feliz.
Hoje não tenho nada, a família me abandonou.
Mas um dia tenho fé, encontro um novo amor.
Tenho algo que me fortalece, tenho uma filha linda que lá fora cresce.
Deus abençoe e lhe dê proteção, enquanto a liberdade não chega, ela está no meu coração.

PROFESSORES

São poucas e sinceras palavras,
Eu não as escrevi na emoção,
Mas com o coração.

Elas são para homenagear os professores,
Pessoas amigas
Que representam tudo de mais precioso no nosso Brasil.

Essas simples palavras tem um enorme poder,
É uma estrela que sempre há de brilhar.

É protegida e abençoada por Deus
E sempre será lembrada.
Políticos sucedidos, autoridades,
Vocês que brilham hoje
Somente por uma simples palavra: PROFESSOR.

Os professores são a solução do nosso Brasil,
E não o problema.
Políticos, autoridades que governam o nosso Brasil,
Os professores têm que ser tratados com respeito,
Igualdade social e ética.

Se algum dia,
os senhores poderosos quiserem mudar o Brasil,
comecem pelos professores
com gesto de igualdade, compreensão e ética.
Até lá prefiro ser simples, direto
E limitar-me apenas em onze letras: PROFESSORES.

RODEIO RADICAL

Alô! Povo do Estado do Paraná,

Entre trovas e rimas, minha história vou contar.
 Sou P. S, e a mais um rodeio vou narrar,
 Peço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida
 Mais uma graça nos abençoar.

Sou um peão rústico
 Lá dos confins do sertão,
 Mas sou puro de coração.
 Sou peão apaixonado
 No fundo de uma prisão.
 Entre paredes de aço,
 Em uma cela fria,
 Tenho de companheira a solidão.

Peço a Deus e Nossa Senhora Aparecida
 Que nos deem a proteção.
 Entre trovas e rimas
 Estou escrevendo esta poesia
 Com muita discrição.
 Se acreditar em mim há solução

SENTIMENTO

Houve um lugar e um sentimento.
 O lugar fica marcado e o sentimento jamais será apagado.
 Marcado em meu coração, muitas aventuras e ilusões.
 Ficou simplesmente um sentimento cheio de lembranças.
 Mas que me traz esperança de um dia viver de novo.

POEMAS DE J. S. A.

AMOR

Gostaria de me transformar em um ser alado.
 Para daqui sair voando e pousar aí do seu lado.

Hoje estamos distantes.
 Nosso amor angustiado.
 O pesar no coração, traz a reflexão de que a distância, não causa separação.

Mesmo longe de você,
 as lembranças fortalecem o nosso amor,
 com a certeza de que DEUS será nosso redentor.

Redigido está o nosso amor.
 Para sempre sem causar dor.
 Posso sentir o calor,
 Desse grandioso amor...

A TRAIIDORA

O amor de uma traidora

É máquina devastadora...
 Sem escrúpulos, trapaça,
 Enrola, enlaça.
 Com brandura de gênio,
 Engana sua vítima como presa.
 Aos olhos da compreensão humana,
 Ilude e engana,
 Mas para o Criador, que é o
 Revelador não há enganador.
 A muitos homens causa dor,
 Seguindo normas divinas.
 Que dentro de mim estão
 Aprendi a ser perdoador.
 Mas que Deus a proteja,
 Da ira de um mal feitor.

SAUDADES

Ai que saudades daquele,
 Tempo em que conheci.
 Meu grande amor.
 Que me beija como
 Um beija flor.
 Seus beijos carinhosos.
 Doces como uma flor.
 No mel da sua boca.
 Me perdia com todo amor.
 Pra ela fiz uma canção.
 Que falava da solidão.
 De estar longe
 Da outra metade do meu coração.

SAUDADES

A distância que nos separa,
 Não tem o poder de diminuir o meu amor.

Sinto tantas saudades de meu amor...
 Que com calafrios causa muita dor.

No vazio da saudade procuro a esperança de uma novidade.

De um dia ganhar a liberdade,
 Pra abraçá-la e viver com intensidade.

POEMA DE A. N.

PARA SEMPRE VOU TE AMAR

Não sei de onde vem,
 Não sei para onde vai,
 São os seus beijos,
 Que me satisfaz.

Eu adoro você minha
Linda, com o seu jeitinho
Doce, pegou o meu coração.
Eu sou feliz por ter
Você ao meu lado,
Por isso quero sempre ser
Seu eterno amado
Aquele que manda flores
E todos os dias quer te
Amar e fica te admirando
Com carinho o seu acordar,
Olhando o seu rostinho
Lindo e ver você despertar.
E dizer você é o amor
Da minha vida e
Para sempre vou
Te amar...

POEMA DE G. P. M.

O AMANHECER

Que bom abrir a janela e ver
O sol nos dar um novo amanhecer.

Somos mais uma vez arquitetos
De nossas vidas, e a obra continuar.

Ontem o alicerce quis terminar,
Porém ao ler o projeto, algo
Teria que mudar.

Busquei em meus conhecimentos
E a falha, encontrei.
O alicerce não era adequado
Para a obra que projetei.

Hoje a obra novamente continua,
Com a força e a coragem minha,
E também a sua.

Sem medo de seguir adiante,
E nem de olhar para traz,
Olhe o projeto de novo, dez ou
Vinte vezes, tanto faz,
O importante é saber que Você é capaz.
Amanhã outra vez o dia vai amanhecer
A minha obrigação e também a
Obra, não posso esquecer.

Hoje aqui de novo estou
Entre erros e acertos,
O grande dia chegou.

Ao findar do dia a obra quero entregar,
 Cem por cento, perfeita
 Talvez não irá ficar.
 Mas o reconhecimento eu terei,
 Ao corrigir o erro que está
 Embaixo toda a elegância e
 Valores da obra eu recuperei.

E quando vier o novo amanhecer,
 Eu sei que a minha cabeça
 Posso sem medo erguer.

O erro de ontem me fez rever
 O projeto e aprender, que os
 Acertos de amanhã, irá o
 Arquiteto lhe surpreender.

E você, quando vier o novo
 Amanhecer, releia o projeto para entender,
 Levante a cabeça, insista, conserte
 O erro de ontem, não desista.

Em cada obra, infelizmente
 Haverá tropeço,
 Mas em cada amanhecer
 Haverá um novo recomeço.

POEMAS DE E. F. S.

RECOMEÇO DA VIDA

Mãe!
 É ela que sofre a dor.
 Ela que amamenta.
 Troca, banha.
 Elas passam noites em claro.
 Chora junto quando você tem dor.
 Os filhos crescem se afastam.
 Muitos viram as costas.
 Filhos ingratos.
 Passam dos limites.
 Esquecem que foi ela que deu a luz,
 Gerou-os.
 É ela que luta pela felicidade, contra todos.
 Mãe! Só tu
 Com tantas qualidades tem muito amor,
 Carinho e enorme
 Simplicidade.

EMOÇÃO

Ela vem sem ter noção.

Seja devagarinho, traz tristezas.
 Mas também alegrias.
 Não pede nem licença,
 Invade o coração.
 Surpreende todos os sentimentos,
 Fraco ou forte passam,
 Nem o disfarça
 Com palavras,
 A todo momento.

VERDADEIRO AMOR

Atrás de uma lágrima triste,
 Vem sempre um sorriso de alegria.

Todo amor verdadeiro,
 Leva um sentimento profundo.
 Viver esse amor é a coisa
 Mais linda do mundo.

Quando se busca lá no
 Coração, se entrega, luta,
 Busca todos os seus objetivos.
 A felicidade
 Esquece toda ingratidão.

POEMA DE D. S

SOLDADO FERIDO

Esta noite eu tive um sonho, que jamais
 Esquecerei, sonhei que estava em uma
 Guerra, muito difícil de vencer, mas
 Soldado que é um soldado não desiste,
 Meu irmão, pode estar todo ferido,
 Que ele luta até o final. Soldado ferido luta firme
 Até vencer. Siga em frente na batalha,
 Que DEUS conta com você, sei que a guerra
 "Tá" difícil, no meu sonho pude ver,
 Mas DEUS estará contigo, nada poderá temer.
 A batalha é sangrenta, só quem é,
 Pode vencer. Pegue hoje as ferramentas
 Que Paulo nos escreveu, pegue agora o
 Capacete, calce os sapatos nos pés, pegue
 Também a espada que você fica em pé.
 Aqui tem muitos soldados para
 A batalha de Deus, homens fortes
 E corajosos que lutarão até vencer.
 Não seja, irmão covarde, pare de
 Se esconder, entre agora na batalha
 Que você irá vencer. Essa noite
 Tive um sonho que jamais esquecerei...

POEMAS DE S. A. L.

APRENDER A AMAR

Amar é olhar a escuridão e ver o sol.
 É olhar a chuva e ver o mar.
 É olhar o preto e branco e ver o colorir
 É aprender a andar sem se apoiar.
 É nascer, crescer e aprender.
 É andar para frente sem olhar para trás.
 Eu sou apenas um rapaz.

VIRTUDES

Virtudes que estão ao nosso alcance:
 O amor, o afeto, a bondade,
 A fé, a esperança.
 A caridade, o otimismo.
 E a confiança de um mundo
 Melhor. Sem dor e sem dó
 De um mundo melhor.

POEMAS DE E. J. S.

É tempo de recomeçar o que não terminou,
 Ou o que deixou de fazer.
 Recomeçar algo que você abandonou
 Ou não quis fazer antes.
 Recomeçar ou começar tudo de novo.
 Tropeçar, cair, levantar,
 Andar, correr, saltar, viver, sorrir, sonhar.
 Conquistar e brilhar.
 Começar o quê, onde, como e quando.
 Quando você aprender a perdoar,
 Viver, sonhar e ser feliz,
 Começar o que você não fez, onde você imaginou,
 Como você pensou, quando chegar a hora
 Aí é tempo de recomeçar ou começar a vida.
 Admirável é poder andar, chorar, sofrer e sorrir.
 Admirável são as lágrimas dos nossos olhos,
 Que escorem pelo nosso rosto, lágrimas de
 Tristeza ou dor.
 Admirável é pensar, fazer e acreditar
 É dormir e acordar, ver o sol a brilhar.
 Admirável é poder amar o ontem,
 Viver o hoje, sonhar o amanhã.
 É lutar, vencer, conquistar, sorrir e ser feliz.

POEMAS DE M. S.

DESTINO

Se eu pudesse te daria, olhos azuis como o mar,
cabelos longos como as folhas das palmeiras,
os lábios com a doçura do mel e a pele com cor de avelã.

Porém, ao perceber que o verdadeiro dono do poder, fez todas as coisas inspirado em você,
e simplesmente fez com que os nossos caminhos se cruzassem
e desde então sou o ser mais feliz ao acordar todos os dias e
Saber que este dono me deu de presente você.

MÃE

Mãe, não choro porque você me ensinou a sorrir.
Não sofro, porque me ensinou a amar
Não morro porque você me ensinou a viver.
Mas se algum dia você deixar de existir,
Eu choro, sofro, até morro porque você,
Me ensinou tudo,
Menos viver sem você.

POEMA DE M. R. S. L.

A vida
Me pôs
Obstáculos para
Recuar.

Persisti,
Acertei ao
Regressar!
Agora sei que,
Só
Estarei seguro
Mãe,
Perto do seu amor
Recíproco e
Eterno.

POEMA DE J. H.

SONHAR

Será que sonhar existe ou é apenas imaginação que nós temos,
por que no nosso dia a dia que vivemos,
Isso já basta para conseguirmos conquistar o que queremos.
Sonhar é ter esperança, já que não sei se sonho mais,
o meu sonho é de sonhar tudo aquilo que me faz feliz, realizar, acreditar, dormir e sonhar.
Acordar e ter a certeza de que não foi só uma imaginação.
Mas sim, algo que sinto do fundo do meu coração.

POEMAS DE V. F.

AMAR, SONHAR

Sonhar é amar,
 Amar é viver,
 Viver é querer,
 Querer é buscar,
 Buscar é querer um dia sonhar.

Porque querer é buscar a felicidade,
 A felicidade de viver,
 Viver pra sonhar
 Pra buscar a esperança de um dia amar.

Amar uma vida,
 Uma vida de sonho feliz,
 Feliz para viver,
 Viver aquela esperança de um dia sonhar,
 Sonhar com um amor.

Um amor tão bonito de um dia se tornar em realidade,
 Aquele amor que você tanto quis.

OBSTÁCULOS

Mais um dia que se vai e mais uma noite que chega,
 para mais dias de glórias que virão, diante de um universo sem fim.
 Que vem chegando bem de mansinho ao clarear de uma luz infinita,
 num abismo obscuro e profundo nas eternidades da vida.
 Porque cada ser que pensa da melhor forma para enfrentar e superar os seus problemas,
 ou seu próprio objetivo, para conseguir atravessar seus obstáculos, que ao prosseguir
 em busca infinita de seus belíssimos sonhos.

REFLEXÃO

Todos os nossos fins se tornam em começos,
 mas não descobrimos isso, porque são eternos os caminhos tomados pela vida,
 para seguirmos em busca de nossos sonhos.
 Sonhos que talvez não se tornem realidade,
 mas sim em esperança de dias melhores que virão,
 para mim, você e todos aqueles que procuram seu próprio objetivo.
 Por que sonho não existe é apenas uma fantasia que passa por nossas cabeças
 Viva o seu próprio presente porque este sim se torna muito essencial em nossa vida,
 Por que o futuro ninguém saberá dizer o que nos espera.

DIAS MELHORES

Esperança de dias melhores que virão,
 para sobreviver uma liberdade de sonhar,
 que ainda existe entre uns e outros, através de conquistar seus próprios sonhos.
 Que foi além da sua imaginação,
 para toda a glória que tanto procuraste, um dia se encontre em qualquer objeto.

Pode ser até numa simples e minúscula pedra, que está ali sozinha em uma praia deserta, mas com um grande objetivo, que é sonhar, viver para conseguir vencer.

DESABAFO DE UMA VIDA

Longe de ti são longos os caminhos que eu sigo,
 Longe de ti não há luar, nem luz e nem vontade de viver.
 Longe de ti há muitas noites escuras e muitas silenciosas,
 Há dias sem frio, sem calor, sequer uma esperança de amor
 e em um destino certo para seguir.
 Porque hoje os meus olhos são como dois velhos e pobres pássaros perdidos
 Pela noite e vagueiam em busca de seu eterno destino.

Agora eu me lembro de tuas mãos doces e carinhosas...
 E da saudade infinita que eu estou sentindo de você.

Porque até agora eu não me conhecia,
 Julgava-me que eu era uma pessoa simples, humilde e sensível,
 Mas eu não era aquela pessoa fútil e arrogante que em seus pensamentos,
 Era só eu e mais ninguém para viver.

Mas também, o que eu não era, eu não sabia e aqueles que sabiam
 Ou soubessem ninguém me dizia.

Eu andava neste mundo a procurar-me como um pobre feito louco e achei-me,
 Entre um olhar e outro olhar, uma boca e outra boca,
 numa ansiedade tão louca de viver que ninguém me acalma
 e a chama de sua alma esbrasear e apagar todas as cinzas de minha vida.

Porque no silêncio das cinzas de meu coração, agita-se uma sombra imensa,
 Uma sombra que vem acabando e roubando toda a felicidade em meu ser.

Porque a vida nos enfeita de esperança e felicidades
 para que logo após nos traga tristezas e amarguras.

Mas hoje no mundo as coisas se tornam muito fáceis e frágeis,
 Lembro-me que eu fui uma pessoa muito arrogante,
 mas com toda essa minha arrogância eu preendi que não fosse por esse caminho,
 que eu deveria seguir.

Hoje eu me tornei uma pessoa totalmente feliz
 E com uma imensa vontade de viver.

POEMAS DE P. R. F. S.

SONHO DE AMOR

Do amor de pouco entendo na vida.
 Amar alguém sem ela saber.
 Sentimento, verdade que nasce dentro de mim.
 Olhos cintilantes, cor de canela, daria tudo no
 Mundo para viver com ela.
 Amor da minha vida, luz do meu lar,

Você é tudo minha querida, para
Sempre vou te amar.

ILUSÕES DO AMOR

Por ti dei minha liberdade,
Dei minha vida, dei meu amor, em troca só ganhei sofrimento e dor.
Hoje levo no peito a dor da solidão, embora eu não mereça ainda lhe tenho no meu coração.
Razão da minha vida, razão do meu querer, daria tudo minha amada para estar com você.
Como a flor é muito linda, mas um dia vai murchar,
Assim foi meu amor, que por ti vai se acabar.

POEMA DE F. C. S.

LEMBRANÇAS DE UM AMOR

A rosa é bela, mas ela também traz os espinhos.
Sofro a saudade do meu amor tão longe, eu aqui sozinho.
Sinto a falta de seus beijos e também de seus carinhos.
A saudade é tanta que às vezes, quase me ponho a chorar.
Sei que isso é só uma fase, logo vai passar.
Por toda a minha vida, para sempre vou te amar.

POEMAS DE S. S. J.

VIVER

Esperança é que me faz viver,
Luto dia após dia com a solidão.
Sei que é difícil,
Mas não vou desistir.
Porque a esperança vive dentro de mim.

Sonho com dias melhores.
E sei que vou conseguir.
Porque tem alguém que espera por mim.

ETERNO AMOR

Vó! O meu amor pela senhora sempre vai ser eterno.
Vó, nunca vou esquecer as noites em claro que ficava acordada me esperando,
e eu na curtidão com meus amigos, que hoje em dia me abandonaram.
Mas só a senhora ficou do meu lado.
Vó! Nas horas mais difíceis da minha vida, a senhora pegou na minha mão,
e deu forças para não desistir.
Vó! Todas as noites quando faço oração, agradeço a Deus por ter uma pessoa tão especial
na minha vida como a senhora.
Obrigado por existir na minha vida.

POEMA DE A. S. N.

Eu quero a cada dia me colocar, como uma pessoa melhor
 e provar que Deus pode transformar tudo.
 Ele pode tocar fundo em nossas vidas
 e faz dessas pessoas perdidas, pessoas de honra e valor.
 De um maestro de uma orquestra,
 do Operário, da abelha mestra, do calor da inspiração,
 DEUS é a luz do meu caminho.

ELA

Ela é demais,
 A sua inteligência, e
 O seu olhar conquistou
 Meu coração,
 Desde aquele dia que conheci você,
 Eu não consigo
 Te esquecer, por te amar
 Assim, eu desejo você,
 Sem poder te tocar,
 E morro de saudades
 A cada dia e a cada
 Madrugada. Desculpe
 Se eu estou lhe escrevendo,
 Mas me faz falta
 Lembrar de novo, os
 Momentos bons que
 Tivemos. O meu coração
 Pediu para te dizer, que
 Eu estou com saudades
 De você... Querida...

POEMA DE J. S. F.

NOS BRAÇOS DA SAUDADE

Vivo nos braços da saudade.
 Estou no coló da solidão.
 Tenho por companhia o desprezo, me fazendo saudação.
 Meu Deus como é difícil viver sozinho,
 É mesmo uma adaga cravada no coração.

Minha vida era repleta de coisas boas.
 Mas agora só me acontecem coisas estranhas.
 Pois agora até o meu pobre coração,
 já não bate mais,
 agora ele só apanha.

POEMA DE L. S.

POR ONDE ANDA?

Por onde anda?
 Prometeu estar sempre do meu lado.
 Sempre segura de suas decisões, de suas palavras, e agora por onde anda?
 É muito difícil, como é difícil!
 Sonhar com você,
 Sabendo que te perdi.
 Lembrar de você sem que esteja aqui.
 Eu me sinto inseguro, viverei refém dos meus próprios sonhos?
 Aliás sonhos ou pesadelos?
 Eu sempre tive orgulho em falar que eu tinha um grande amor.
 Eu estava iludido! Iludido com suas mentiras,
 e agora que eu acordei pra vida, eu me deparei neste deserto de solidão,
 e de ressentimentos.
 E hoje ao refletir sobre você, eu cheguei à conclusão que apesar de você ter mentido,
 para mim você me enganou me fez acreditar em um mundo de ilusão, me fez sofrer, quero
 que saiba que tem o meu perdão.
 Eu acredito que você vai mudar, pois dentro de você tem um coração
 e dentro desse coração existe muita coisa boa,
 meu amor eu te amo, e quem ama perdoa.

POEMAS DE I. A. G.

MULHER

Mulher, você é linda como uma flor.
 Mulher, você nasceu para amar e ser amada,
 Sem você o que seríamos?
 Não seríamos nada, nada.
 Mulher, de você somos gerados.
 De você nasceu a luz, no seu ventre foi gerado pelo espírito santo, o menino Jesus.
 Como me orgulho de falar de você,
 Tu és tão preciosa em amor.
 Mulher, você vale mais que o ouro, a prata e o diamante.
 Deus te criou para ser mãe, namorada, esposa, companheira, amiga e compreensiva.
 Mulher, você me cativa,
 Seu perfume me deixa louco de amor por você.
 Mulher preciosa.

UNIVERSO

O universo, quem pode me contar o que existe lá em cima.
 Ah! Como eu gostaria de saber, fico aqui no meu canto,
 só olhando com espanto, as maravilhas que existem lá.
 Eu sei que existe um criador de todas estas belezas.
 Um Deus que tudo pode.
 Com o poder da sua palavra, tudo fez, tudo criou.
 Para que o homem pudesse admirar e se espantar e amar tudo o que puder enxergar.
 Agora eu sei porque Deus criou o universo,
 o céu e a lua, as estrelas, os cometas, o sol e tudo o que nele há.
 Depois criou a terra, e o homem somente para ele adorar.

FAMÍLIA

A família é muito importante na vida de um ser humano.
É nela que nos amparamos quando não existe solução para nossas vidas.
Em nossas famílias não somos perfeitos, cada um de nós tem defeitos,
os quais nós não enxergamos naqueles que nós mais amamos.
A família é tudo, sem ela não somos nada, valorize a sua.

POEMAS DE G. C.

SONHO E LUTA

Sonho de liberdade, esperança para viver em dias da mais pura verdade.
Consertando os erros, tentando viver melhor, derrotando tudo de pior,
para não precisar voltar a lutar pela liberdade.

Sonho que todos sonham juntos ou sozinhos, andando ou sentado à beira do caminho,
como um pássaro no ninho, sonhando com o momento de poder voar sozinho e contemplar
o paraíso de poder voar e sonhar.

Luto pela vida, para que a vida não lute comigo, quem luta vive numa guerra, vencendo uma
batalha a cada dia, às vezes feliz, às vezes triste, buscando o amor mútuo.

Luto por ela, sonho com ela, olhando pela janela, esperando o dia passar, vivendo com
alegria no corre-corre do dia, às vezes deixando uma lágrima rolar, sem saber que dia e que
hora a liberdade vai chegar.

TUDO PASSA

O tempo passa para todos os viventes.
Se no passado eu tivesse, agora não estaria preso no presente,
Tentando voltar ao passado.

Porque no passado eu era feliz e tudo passou, a tristeza passou, a dor passou
e a mulher que eu amava ficou no passado, que um dia esteve ao meu lado.

E os lábios antes ardentes, hoje ousam em me maldizer, pelo meu passado,
mas sigo na vida de fonte erguida, rasgando o tempo, tentando ser mais amado.

O que é já foi, e o que há de ser, também já foi,
Por que o presente pede a conta do passado.

BOÊMIO

Em longas noites, no fervor de fogo febril, na flor da idade,
Vivi intensas paixões, entre meretrizes e mulheres profanas.

Algumas vezes acordei ao sol sem destino,
perdido no tempo,
andando ao relento,

tentando me encontrar,
buscando um aconchego tranquilo de descansar.

Muitas vezes com muito medo,
voltava a me embriagar,
para escapar da dura realidade,
buscando a felicidade onde jamais poderia encontrar.

Assim, passei o meu tempo de noites boemias, noites quentes,
noites frias, tentando me esquecer da mulher que tanto me fez sofrer.

POEMA DE D. S. D.

Amor, estou morrendo de saudade.
Está difícil e não consigo te esquecer,
coração bate apertado no meu peito,
sei que não tem outro jeito,
Vou vivendo por viver.
Por que mudou assim?
Seu amor chegou ao fim?
Me deixando tão sozinho foi embora.
Eu não vou te esquecer, seu amor ainda vive aqui comigo.
Já tentei te esquecer, mas não consigo, é inútil enganar meu coração, meu amor.
Eu não vou te esquecer, o seu jeito provocante me envolvendo.
Volta logo meu amor estou morrendo.
De saudades de você.
De saudades de você.

A proposta que terminamos de apresentar faz parte da prática docente da disciplina de Língua Portuguesa ministrada no presídio em tela, com vistas a auxiliar o aluno participante da EJA no desenvolvimento de suas competências linguísticas, dada a riqueza que caracteriza o estudo da literatura, pois abrange as dimensões histórica, cultural e social dos indivíduos, além do seu caráter humanizador (CANDIDO, 1995).

Após a apresentação do Desenvolvimento Sistemático das Atividades Propostas e Análise dos Resultados obtidos na aplicação da pesquisa, com o propósito de apresentar a trajetória da pesquisa, passamos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apresenta como tema a escrita de poemas desenvolvida com alunos encarcerados, destituídos de liberdade, considerando uma possível contribuição da poesia lírica para a humanização e para a vida.

Buscamos, por meio da aplicação de um projeto didático, sensibilizar esses presidiários/alunos a partir das leituras de poemas e de canções com o intuito de que tivessem possibilidades de interpretá-las e de vivê-las, ao vivenciarem o conjunto de imagens que a carpintaria do poema levanta e o sentimento que animava essas mesmas imagens na percepção mental das imagens, e nas sensações que eles pudessem ali evocar. Inicialmente partimos do seu horizonte de expectativas, para depois ampliar seu entendimento para “além das grades”. Queremos dizer com essa expressão que “as grades” não se configuram apenas no sentido denotativo das palavras, mas no sentido de como o indivíduo trabalha as próprias condições de possibilidade como ser social. Dessa forma, mesmo preso entre as grades em uma prisão, esse aluno pode, pela poesia, viver a catarse de que já falava Aristóteles e libertar seus sentimentos aprisionados.

A pesquisa realizada, por ter sido desenvolvida em sala de aula e de forma diferenciada, levanta uma questão antiga que envolve a nós, professores, cotidianamente: tornar nossas aulas mais agradáveis e prazerosas.

Sem pretendermos justificar o exposto, precisamos tornar visível que ainda nos encontramos limitados em algumas questões, tais como a carga horária do professor, o número de turmas e o número de alunos por sala. E, apesar de todos esses problemas, o esforço de cada profissional, levando-se em conta a especificidade da sala de aula na prisão, pode fazer a diferença.

De forma mais específica, torna-se necessário lembrar que, durante a pesquisa, todos os participantes trabalharam de forma coletiva. No dia a dia, porém, na sala de aula da penitenciária em que desenvolvemos a pesquisa, o professor trabalha na modalidade individual. Esse fato, certamente, diferencia a forma de atendimento, pois cada aluno inicia seus estudos em momentos diferentes e avança conforme seu ritmo, ou seja, a heterogeneidade é imensa, cabendo ao professor fazer um trabalho que converta a situação em bons resultados.

A partir do nosso conhecimento empírico da sala de aula construímos uma Proposta de Aplicação Didática apoiados em reflexões teóricas do Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993) articulada à Estética da Recepção de Jauss (1994). O Método Recepcional busca desenvolver estudos a fim de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, de modo que auxilie tanto alunos quanto professores a respeito da importância de uma obra literária para a formação do leitor.

Um aspecto importante que podemos ressaltar é que esse método desperta também o imaginário do professor, que deve atuar como provocador que lança questões e problemas nas discussões que a literatura promove em sala de aula, buscando sempre não direcionar as interpretações dos alunos sobre o objeto das aulas, mas provocá-las. Dessa forma, percebemos que a voz do aluno pode sobressair-se também. Buscamos inspiração nesse método que possibilita um desenvolvimento em espiral em suas etapas e da possibilidade de novos ciclos, rompendo com esquemas metodológicos rotineiros, cansativos e enfadonhos.

O desenvolvimento das aulas ampliou o nosso conhecimento e o dos alunos sobre a poesia, as possibilidades de leitura, o uso dos recursos formais, das figuras de linguagem e as características da linguagem poética. Essa ampliação é um passo para alcançar, num trabalho contínuo, um dos objetivos do método recepcional, que é trabalhar o horizonte de expectativas dos alunos e, a partir daí, ir além, construir significados que se relacionem com sua própria vivência.

Quando iniciamos esta pesquisa formulamos três objetivos específicos que auxiliariam a compor esta dissertação: (i) trabalhar a concepção de literatura, poesia, recursos da linguagem, estimulando o aluno a ler e a compreender o texto poético; (ii) propor práticas pedagógicas que auxiliem o aluno a escrever e a expressar-se por meio da escrita de poemas no cotidiano, despertando a sua compreensão a respeito desse trabalho na sua formação intelectual, pessoal e social; e (iii) estimular o aluno a ler e a escrever poemas, compreendendo a escrita como uma forma de expressividade possível, dentro das grades da prisão, e como atividade relevante no processo de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, consideramos que os resultados foram positivos e que o trabalho com a literatura pode tornar-se muito consistente, pois a literatura promove reflexões, percepções, sentimentos, além do seu caráter humanizador, e as falas

dos alunos durante a prática nos possibilitaram conhecer a função e a influência da literatura na vida deles.

Como pesquisadora e professora da turma, reconheço minha responsabilidade em relação ao conteúdo de Língua Portuguesa, visto que a educação é uma oportunidade para que esses homens saiam da inércia, aprendam a desenvolver o seu potencial e as suas habilidades, bem como tenham acesso ao mundo do trabalho quando estiverem em liberdade e nele possam progredir, pois a literatura nos permite isso. Anatol Rosenfeld (1976, p. 53-54) nos coloca que “[...] a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. Permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades de existência humana”.

No primeiro capítulo, intitulado “A Prisão”, almejamos dialogar com os autores que tratam desse tema, apresentando os caminhos pelos quais passam os sujeitos da pesquisa. Pudemos compreender um pouco mais sobre como, historicamente, o aprisionamento dos seres humanos tem acontecido na humanidade. Muitas prisões foram realizadas em consequência de guerras entre povos inimigos – os chamados prisioneiros de guerra. Também a prisão foi e é vista como uma forma de vigia e de punição pelos erros ou pelos crimes cometidos. O indivíduo preso precisava ser punido como forma de uma vingança coletiva. Por isso ocorriam as torturas e os suplícios a que foram submetidos inúmeros indivíduos ao longo da história.

Assim, ao lecionarmos a uma turma de alunos encarcerados, não tivemos a pretensão de julgar esses homens, apenas apresentar-lhes novas oportunidades de conhecer a respeito da função social da literatura e da poesia.

No segundo capítulo tratamos da poesia lírica. Procuramos mostrar aos alunos a potencialidade e a influência dela na vida dos seres humanos e, em especial, de homens privados de liberdade, uma vez que “[...] a poesia pode ser considerada um grito do inconsciente, o último apelo de um ser acorrentado que pretende exprimir sua dor, seus prazeres e anseios, uma espécie de alma inquieta que já não suporta guardar para si aquele conteúdo e precisa, a partir da arte e do pensamento, manifestar-se” (SANTOS & BEIGUI, 2009).

Nesse sentido, pudemos observar que os temas mais recorrentes na escrita dos poemas são: liberdade, amor, tempo, solidão, mulher, mãe, esperança, futuro, saudade, destino, Deus, recomeço, injustiça, ilusão, sofrimento e sonhos. Dentre os temas apresentados, destacamos a mulher, que, independentemente dos crimes

cometidos contra elas, observamos que, para os alunos pesquisados, é a figura que povoa seus sonhos e pensamentos durante a permanência no cárcere. Eles as veem como um porto seguro, um possível retorno, ou seja, o referencial feminino materno é muito forte na prisão.

No terceiro capítulo apresentamos o percurso metodológico utilizado e, a partir disso, a aplicação da proposta didática se utilizou do método recepcional e da pesquisa-ação. Para a construção do projeto didático aplicado aos alunos, referendamos o método Recepcional de Bordini e Aguiar (1993).

No quarto capítulo pudemos vivenciar as oficinas e, indo além de nossas expectativas, produzimos reflexões e descobrimos percepções. Inicialmente buscamos conhecer a experiência literária dos alunos para que pudessemos desenvolver o trabalho. Isso nos possibilitou o rompimento, o questionamento e a ampliação do horizonte de expectativas, por meio da leitura, do entendimento e da escrita de poemas.

Durante a aplicação do projeto, a literatura e sua função social sempre faziam parte das discussões. Sabemos que não existem respostas imediatas, nem soluções rápidas quando se trata de pessoas privadas de liberdade, devido às situações peculiares, o que certamente justifica a necessidade de a educação acontecer dentro dos presídios.

Durante as aulas, os alunos se sentiram fortalecidos e, por isso, fizeram uso da palavra expondo suas ideias e opiniões sobre os assuntos abordados, bem como ousaram interpretar os poemas e as canções de acordo com as suas experiências. Isso permitiu a eles irem além de seus horizontes de expectativas e, por que não dizer, foram também “além das grades”, pois nesses momentos, mesmo presos em uma penitenciária, tinham a liberdade da palavra e puderam sonhar mais além. Alguns alunos entregaram, mesmo sem que a professora tivesse pedido, suas considerações por escrito sobre as aulas e seu aprendizado. Importante é que esses alunos relataram como estavam achando o projeto motivador e diferente das aulas convencionais. Percebemos, assim, que eles capturaram o encanto da poesia lírica.

Vale considerar que a Proposta de Aplicação Didática foi importante e cumpriu o objetivo do início desta pesquisa, pois colhemos uma quantidade razoável de poemas – poemas nos quais os alunos puderam se expressar com naturalidade. Faz-se necessário esclarecer que não é nosso objetivo defender o crime ou o

criminoso, apenas dar voz àquelas pessoas que, em muitos momentos, têm o que dizer, mas não têm para quem dizer. São vozes que ecoam, que gritam caladas.

Podemos perceber, nos poemas criados pelos alunos, que existe neles um sentimento lírico “[...] que não é mais do poeta do que nosso” (CROCE, 2001, p. 157), pois, ao lê-los, compartilhamos com eles as imagens que esse sentimento anima, e sentimos, em grande parte deles, o predomínio de um tom elegíaco, numa atitude psicológica de réquiem e dobre de finados que os ajuda a carpir as perdas e as decepções do passado e as tristezas do presente. Isso ocorre em razão da existência mesma, mas muito mais porque as paredes da cela e as grades da prisão amortam até mesmo a esperança e abatem as energias da juventude. Pelos poemas compostos pelos alunos, percebemos que eles conseguiram expressar o *pathos*⁵⁷ do desconsolo da vida “não vivida” que estão a viver, como ilustram bem os versos, “[...] porque hoje os meus olhos são como/ dois velhos e pobres pássaros perdidos/ Pela noite e vagueiam em busca de/ seu eterno destino”⁵⁸.

Certo é que, ao conseguir sistematizar e ordenar os afetos e as imagens, a ação de criar os poemas possibilita sentimentos vivos nos afetos e na imaginação. Esse espaço que a literatura propicia permite aos indivíduos mais liberdade em suas peças. Isso pode ajudá-los a perceberem e a purgarem seus fantasmas, num processo catártico de sentir-se e, pela expressão de palavras líricas, apalpar a própria alma.

Dessa forma, a escrita poética pôde ajudá-los a reorganizar seu mundo interior e dar um novo significado à sua dor. Quando eles escrevem, estão expressando seu íntimo e revelando a si mesmos, o que até então estava escondido. A partir dessa autodescoberta e desse autoconhecimento pode advir um processo de cura e/ou de catarse. Percebemos que, no início, escrever é um grande desafio, pois as pessoas o fazem com medo de errar e de serem banais. Todavia, ao propiciar momentos de autoestima e valorização, nossos alunos tiveram coragem de arriscar-se a dizer algo na linguagem escrita usando-se da lírica. Muitos conseguiram expressar uma paixão pela palavra, até mesmo quando revelaram suas frustrações e angústias derramadas na escrita dos poemas.

⁵⁷ O termo “*pathos*” utilizado aqui tem o sentido de disposição afetiva para viver as potencialidades humanas, mas, no caso dos oprimidos, essa disposição acaba sendo bloqueada pelas circunstâncias históricas. Assim é uma pulsão que impele para a vida, mas constantemente impedida de efetivação.

⁵⁸ Fragmento do poema “Desabafo de uma Vida”, que pode ser encontrado na página 136 desta dissertação.

Dessa forma, reafirmamos nossa convicção no ensino de literatura, da lírica, nas prisões e sua contribuição para os apenados, assim como reafirmamos enfaticamente a importância da educação nas penitenciárias.

Como se sabe, a introdução de ensino formal nos presídios foi motivada pela necessidade de tentar diminuir o índice de criminalidade no país. A educação é uma das vias para auxiliar esses sujeitos quando do seu retorno à sociedade e a assistência educacional lhe é assegurada por meio da Lei de Execução Penal – LEP (Lei Federal nº 7.210), de julho de 1984.

Apesar disso, não podemos esquecer que a escola na prisão é uma das formas de auxiliar no estabelecimento da ordem e de amenizar os ânimos, de assegurar que a organização será mantida, porque sobre os indivíduos que ali se encontram a atividade escolar se torna mais um dos dispositivos de poder. Para eles, a escola tem a função de não apenas ensinar, mas, ainda que essa função contrarie os ideais dos profissionais da educação que ali trabalham, auxilia na formação de corpos dóceis (FOUCAULT, 2013).

Para finalizar, destacamos que esta pesquisa foi elaborada buscando despertar o entendimento das pessoas que não conhecem a realidade da sala de aula na prisão, todavia que acreditem ser possível construir uma prática educativa que venha a enriquecer e a auxiliar aqueles que, momentaneamente, se encontram privados de liberdade.

Ao mesmo tempo, conhecemos o preconceito social contra essa parcela da sociedade que se encontra encarcerada, pagando pelos erros cometidos. Entretanto não será o preconceito, a vingança e o ódio que irão restaurar a normalidade de tanto de quem sofreu o dano, quanto de quem o praticou. Cabe à sociedade, na consecução das práticas sociais, pensar se está disposta a avançar na busca de caminhos e de soluções para o par “crime e castigo”. Quanto a isso, não foi nosso intuito resolver esse problema tão antigo, mas, sim, problematizá-lo e provocá-lo. Por isso deixamos a seguinte indagação: Por que o alto preço da "pena", paga pela falta cometida, no tempo de prisão, não livra o apenado do preconceito do desdém, do ódio dos que cá fora estão?

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Minima moralia**. Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português - encontro & interação**. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AVERBUK, Lígia Morrone. "A poesia e a escola". In: ZILBERMAN, Regina (Org.) et al. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. **Dos delitos e das penas**. Trad. Paulo M. Oliveira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMASCO, Rosilda de Moraes. **Lírica e sociedade: um olhar sobre a obra poética de Manuel da Fonseca**. 2012, 131 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, 2012.

BOLSONI, Betânia Vicensi. **O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora**. In: IX ANPEO SUL 2012: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012, Caxias do Sul. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1577/920>>. Acesso em: 3 set. 2016.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1993.

_____. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1988.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. In: **Estudos Avançados**, ano 19, vol. 55, p. 316-317, 2005.

_____. Entrevista a Rinaldo Gama: poesia como resposta à opressão. In: **Revista FAPESP**, ed. 87. São Paulo, maio 2003.

- _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix/Editora USP, 1977.
- BRASIL. Ministério da Justiça. DEPEN. Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/ data/Pages/MJD574E9CEITEMID364AC56ADE924046B46C6B9CC447B586PTBRNN.htm](http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMID364AC56ADE924046B46C6B9CC447B586PTBRNN.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Brasília, 2015. Disponível em: <<http://wagnerfrancesco.jusbrasil.com.br/noticias/129733348/cnj-divulga-dados-sobre-nova-populacao-carceraria-brasileira>>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. *CNJ divulga dados sobre nova população carcerária brasileira*, de 5/6/2014. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/61762-cnj-divulga-dados-sobre-nova-populacao-carceraria-brasileira>>. Acesso em: 26 jul. 2015.
- BRASIL. **Lei 17.329/2012, de 08 de outubro de 2012**. Publicado no Diário Oficial nº. 8814, de 8 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=77830>>. Acesso em: 6 maio 2015.
- BRASIL. **Lei de Execução Penal** nº 7.210, de julho de 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Portaria 276/2012. Ministério da Justiça. Lei Federal nº 12.433, de 29 de junho de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm>. Acesso em: 6 maio 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- CAMPOS, Amanda Ferreira. A formação do leitor através do método recepcional. In: **Cadernos de Ensino e Pesquisa da FAPA** - nº 2 - 2º sem, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <www.fapa.com.br/cadernosfapa>. Acesso em: 23 ago. 2016.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol. 4, nº 9, p. 803-809, set. 1972.
- _____. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Terceira Leitura/FFLCH-USP, 1993.
- _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A leitura da literatura na escola**: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico. Org. Vera Teixeira de Aguiar e Alice Áurea Penteadó Martha. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- COYLE, Andrew. **Manual para servidores penitenciários**. Publicado por Internacional Centre for Prison Studies, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009. 57 p.

CORALINA, Cora. **Fragmento do poema Premunições de Aninha de Cora Coralina.** Livro Vintém de Cobre. 2. ed. Goiânia, GO: UFG, 1984.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio.** Trad. Davi Arrigucci & João A. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CORTEZ, Clarice Zamonaro & RODRIGUES, Milton Hermes. Operadores de leitura da poesia. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. rev. e ampl. Maringá, PR: Eduem, 2009. p. 59-92.

COSTA, Néelson Barros da. As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2 – teoria da lírica e do drama.** São Paulo: Ática, 1995.

DEPEN - Departamento de Execução Penal. Secretaria da Segurança Pública e Administração Penitenciária. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Recordações da casa dos mortos.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

ELIAS, Norberto & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: JZE, 2000.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Revista Educar**, Curitiba, nº 16, p. 181-191. Editora da UFPR, 2000.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Revista Contexto e Educação**, Ijuí, vol. 2, nº 7, p. 19-24, jul./set. 1987.

FAUSTINO, Mário. **Poesia-experiência.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. **Vigiar e punir.** Nascimento da Prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 113-115.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

GOMES, Lenice. “No coração da poesia: redemoinho de palavras na sala de aula”. In: **Revista Construir Notícias**, nº 15, mar./abr. 2004.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GULLAR, Ferreira. “Poesia e realidade”. In: **Sobre arte sobre poesia**: (uma luz no chão). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 157-164.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: LIMA, Luís Costa (Coord.). **A literatura e o leitor**; textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HEGEL, G. W. Friedrich. “A Poesia”. In: **Estética**. Trad. Álvaro Ribeiro & Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 529-668.

HEGEL. A poesia. In: **Estética**: poesia. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: **A literatura e o leitor**: textos de estética de recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e poética. In: **Linguística e comunicação**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 118-162.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. “O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aesthesis* e *katharsis*”. In: LIMA, Luís Costa (Org.). **A literatura e o leitor** - textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária** (introdução à ciência da literatura). 5. ed. rev. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Armênio Amado, 1970.

LAFETÁ, João Luiz. Traduzir-se: ensaio sobre a poesia de Ferreira Gullar In: _____. **A dimensão da noite e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1996.

LEI de Execução Penal. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LYRA, Roberto. **Origem e evolução das prisões**. Disponível em: <http://www.nplyriana.adv.br/link_geral.php?item=geral30&titulo=Origem+e+Evolu%E7%E3o+da+s+Pris%F5es>. Acesso em: 30 set. 2015.

MESQUITA, Roberto Melo; MARTOS, Cloder Rivas. **Gramática pedagógica**. 30. ed. Volume único. São Paulo: 2009.

MIRABETE, Júlio Fabbrini. **Manual de Direito Penal**. 19. ed. São Paulo: Atlas, 2003 (Volume 1).

MOISÉS, Massaud. **A criação literária** - poesia e prosa. 16. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003. p. 168-176.

_____. **A literatura portuguesa**. 34. ed. reimp. São Paulo: Cultrix, 2006.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento ecossistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 44.

MOYSÉS, Lúcia Maria. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 25.

NUNES, Adeildo. **Realidades das prisões brasileiras**. Recife, PE: Nossa Livraria, 2005.

PARANÁ. **Plano Estadual de Educação no Sistema Prisional do Paraná**. Projeto de Lei nº 365/2012. Assembleia Legislativa do Estado do Paraná. Poder Legislativo. 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania. Conselho Penitenciário do Estado do Paraná. Conselheiro do Conselho Penitenciário do Estado Henrique Camargo Cardoso. Curitiba, 17 de julho de 2014. Disponível em: <http://www.seguranca.pr.gov.br/arquivos/File/admin_penitenciaria/parecerleitura.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.

PAVIANI, Jayme. **Estética mínima**: notas sobre arte e literatura. Porto Alegre, RS: EDIPURS, 1996.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman & Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEDROSO, Regina Célia. Utopias penitenciárias, projetos jurídicos e realidade carcerária no Brasil. **Revista de História**, São Paulo, nº 136, jul. 1997. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php>>. Acesso em: 20 set. 2016.

RAP, Detentos do. **Rima com rima**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/detentos-do-rap/rima-com-rima/>>. Acesso em: 24 set. 2015.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Porto: Rés, 1983.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música**: seus usos e recursos. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. São Paulo: Papyrus, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

ANEXOS

Cópia dos textos originais escritos em sala de aula pelos alunos encarcerados de liberdade durante a realização da Proposta de Aplicação Didática.

Amanhã

Eu quero hoje que o amanhã
seja diferente... apenas diferente
do hoje que vivi
Eu quero hoje que o amanhã
não seja igual
que não tenha todo o mal
que hoje eu vivi

Eu quero hoje que os ventos
do amanhã
seja suave brisa em minha vida
Eu quero hoje que amanhã minha estrada
seja comprida e florida

Eu quero hoje que o sol do amanhã
no horizonte
me apresente uma direção
Eu quero hoje que o amanhã
me faça livre o coração

Eu quero hoje que o ontem como poeira
no vento desapareça
Eu quero hoje que o amanhã
como primavera floresça

Eu quero hoje apenas sonhar,
com um amanhã... diferente

Para sempre vou te amar
 Não sei de onde vem
 Não sei para onde vai
 São seus beijos
 Que me satisfaz
 Eu ti adoro não mintro
 Ainda, com seus feitiços
 Que, pegou meu coração
 Eu estou feliz por ter
 Você ao meu lado
 Por isso eu quero ser
 Seu e ter no abraço
 Aquela que manda flores
 E todas as dias quer te
 Amar, e fica a diminuir
 Com carinho e seu acordar,
 Olhando seu rostinho
 Lindo, vi você despertar
 E dizer não é o amor
 Da minha vida e
 Para sempre vou
 Te amar.

A. S. N.

"Ela"

Ela é de mãe
 E sua inteligência e
 Seu olhar, conquistou
 Meu coração, des de a
 (Quele dia que conheci você)
 Eu não consigo
 Te esquecer, por ti amar
 Assim, eu desejo você
 Sem poder tocar,
 E morro de saudade,
 A cada dia e a cada
 Madrugada, descupa
 Se eu estou escrevendo
 Mas me falta falta!
 Lembrar de novo os
 Momentos bons que
 tivemos, e meu coração
 Pedir para te dizer que
 Eu estou com saudades
 De você... querida...

A. S. N.

O universo

O universo quem pode me
cantar o que existe lá em
cima. A como eu gostaria
de saber, fico aqui no meu
canto só olhando com espanto,
as maravilhas que
existe lá. Eu sei que existe
um Criador de todas estas
beleza. Sem Deus, que
tudo pode. com o poder
de sua palavra. tudo fez
tudo criou.

Para que o homem
pudesse admirar e se
espantar e amar tudo
o que puder enxergar

Agora eu sei porque
Deus criou, O universo
O céu e a lua, as estre-
las, as cometas, o sol
e tudo o que nele há
depois criou a terra,

E o homem somente
Para te adorar.

Mulher você é linda como
uma flor.

Mulher você nasceu para
amar e ser amada,
sem você a que ^{você não} ~~se~~ ^{nasce} ~~nasce~~,
não sabe nada nada.

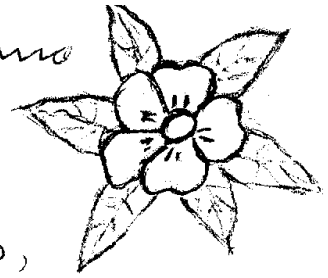
Mulher de você sabe o grato
de você nasceu a luz no seu
ventre foi gerado pelo espírito
Santo O menino Jesus
como um orgulho de falar
de você.

Tu es tão Preciosa. Em amor
mulher você vale muito mais.
que o ouro a prata e o diamante

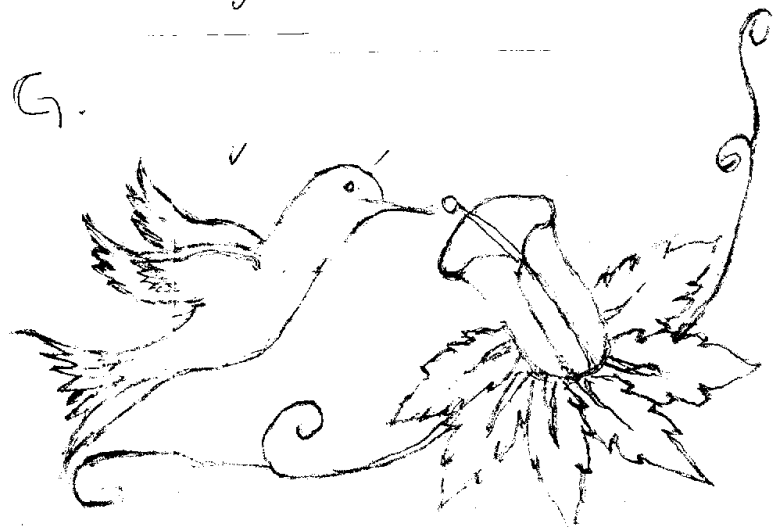
Deus Te criou para ser mãe
~~namorada~~ esposa companheira
amiga compreensiva

Mulher você me cativa
com o seu perfume.

que me deixa louco
de amar por você
mulher Preciosa



J. A. G.



22/10/2016
ok

Obstáculos

mais um dia que se vai
e mais uma noite que chega
para mais dias de glórias que
virão diante de um universo
sem fim. Que vem chegando bem
de mancinha ao clarear de uma luz
infinita num abismo obscuro e pro-
fundo nas eternidades do vida.

Porque cada ser que pensa da
melhor forma para enfrentar e su-
perar seus problemas ou seu pro-
prio objetivo para conseguir atravessar
seus obstáculos que ao prosseguir
em busca infinito de seus deli-
ssimas sonhos

V. F.

ex
03/05/2016

Reflexão

Todos nossos fins se tornam em coisas mais nos não descobrimos isso, porque são eternos as coisas tomadas pelo vida para seguirmos, em busca de nossas sanhas.

Sanhas que talvez, não se tornem em realidade, mais sim em esperanças de dias melhores que virão, para mim, nós, e todos aqueles que procuram seu proprio objetivo.

Porque sanha não existe e apenas uma fantasia, que passa por nossas cabeças, vive o seu presente porque este sim se torna muito essencial em nossa vida porque o futuro ninguém saberá dizer o que nos espera.

Dias melhores

Esperança de dias melhores que virão,
para terish uma liberdade de sonhar, que
ainda existe entre uns e outros através
de conquistas, seus próprios sonhos.

Que vai além de sua imaginação
para, toda a glória que tanto procuraste, um
dia se encontre em qualquer objeto.

fácil ver este numa simples e minúscula
pedra que está ali jazinha em uma praia deserta
mas com um grande objetivo que é sonhar, ainda para
para conseguir vencer

7

SONHO de LIBERDADE

É algo que vive dentro de nós
mas nem sempre ouvimos sua voz

liberdade perdida

De uma vida, vivida

com lutas vencidas

Para resgatar o viver

Ela nos trará confiança

É a nossa esperança

É lutar e vencer.

Poesia coletiva - 10 de
maio de 2016.

G. P. M.

O Amanhecer

Bue bom abrir a sarjeta e ver
o sol nos dar um novo
amanhecer.

Somos mais uma vez esquecidos
de nossas vidas e a obra
continua.

Quem o alicece quis terminar
podem ao ler o projeto algo
teria que mudar.

Busquei em meus conhecimentos
e a falta encontrei
O alicece não era adequado
para a obra que projetei.

Hoje a obra novamente continua
com a falta e a idade minha
e também a sua.

SEM Medo de seguir adiante
 E SEM de alhar Para Trá
 Cabe o Projeto de novo de Z ou
 MILITE VEZES TANTO FAZ
 O IMPORTANTE É SABER QUE
 VOCE É CAPAZ

AMANHÃ OUTRA VEZ O DIA VAI
 AMANHÃ
 Minha obrigação é também a
 obra não posso esquecer

Hoje aqui de novo estou
 entre erros e acertos
 o grande dia chegou

Ac Fundar o dia a obra que
 eu deixo
 quem por cento perfeita
 talvez não irá ficar

Mais o reconhecimento eu te sei
 ao corrigir o erro que está
 embora toda a elegância e
 valores da obra eu recupero sei

E quando vier o novo amanhã
 eu sei que a minha cabeça
 posso SEM Medo esquecer

Deixo de ontem Me fez seu
 o projeto e aprendo que os
 acertos do amanhã são o
 arquiteto lhes surpreender

E voce quando vier o novo
 amanhã tenha o projeto para
 entender
 Levante a cabeça insista comete
 o erro de ontem não desista

Em cada obra IMAGINAMENTE
 haverá tropeço
 Mais em cada amanhã
 haverá um novo começo

FOLHAS CAIDAS

NÃO OLHE AS FOLHAS CAIDAS DA MEJORE DA VIDA,
NEM AS SOMBRAS TERRÍVEIS DO PASSADO, POIS NA AM-
PULHETA DO TEMPO A ARCELA DA VIDA, PASSA CÔ, PASSOS
LENTOS, MAS JAMAIS PARA; ILUMINADA PELA LUZ DE
DEUS A VIDA SEGUI O SEU CAMINHO.

DOS NOSSOS SONHOS RESTA A ESPERANÇA QUE
O FUTURO VINDOURO Ó REALIZARÁ, DAS LUZES DO
~~PASSADO~~ NEGRAS DO PASSADO, JAMAIS DEVEMOS NOS
LEMBRAR, AS LÁGRIMAS COS ^{SOLUÇOS} ~~SARFAMENTOS~~ NO-
TERRÍVEL SILÊNCIO DEVEM FICAR, OS MISTÉRIOS
QUE FALRAM NO AR, NUNCA PÔ DE SE REVELAR,
ENTRE OS CÉUS E AS ESTRELAS, A VIDA VAI CON-
TINUAR.

Dia de visita

Ainda NA PENUMBRA que ANUNCIA o novo dia, onde o sol insiste em LEVANTAR e ESTENDER o seu MANTO DOURADO e OS PASSÁROS CANTAM e ENCANTAM COM ALEGRIA o dia.

A MINHA guerreira e seu fiel escudeiro, com o seu CAVALO de aço, CAVALGA PROSPERAMENTE, DESLIZANDO SOB o TAPETE negro, que se estende ALÉM do HORIZONTE.

No rosto o vento quente, à frente os passos da vida, NAS COSTAS o sol ARDENTE, OUTRAS VESZS CHUVA e FÉCIO.

A ANCIÉDADA ANUNCIA que em ALGUNS quilômetros em UMA CELA fria, TEM ALGUÉM à ESPERAR, que ao CHEGAR o tempo é pouco, ÀS HORAS JOAM como PASSÁRO LOUCO, JOAM SEM PARAR.

Po KINAL da VISITA RESTA agradecer a Deus, PELAS HORAS BENDITAS e ORAR para que tudo se REPITA, NA PRÓXIMA VISITA, ASSIM SE ELE DEIXAR.

Obrigado à você EDUARDO MINHA MUSA guerreira
& Obrigado à você KILIAN GABRIEL, meu ANSÓ -
fiel escudeiro.

Obrigado meu Deus por MAIS uma VISITA.

LAZIMAS DO POETA.

AS LAZIMAS DO POETA NAS ATOLHAM O PAPEL, ELAS ROLAM EM FORMAS DE LETRAS, BURRANDO EXPRESSÕES, FALANDO DOS SENTIMENTOS DE BAIXO DO CÉU.

DAS MÃOS DO POETA A TANTA SUJEIRA COMO O VENTO, SÃO PALAVRAS QUE DESLIZAM E EXPRESSAM O MAIS PURO DOS SENTIMENTOS, O AMOR.

OS ENIGMÁTICOS LANÇADOS AO TEMPO; FLUTUAM ATE O CORICÃO, SÃO VERSOS QUE CANTAM E ENCANTAM O AMOR, FALANDO PERFUME DA VIDA, DA FASCÍNIO DO SORRISO, DA TERNURA SUAVE DA BRISA QUE DESLIZA E PASSA NA ROSA DA PESSOA AMADA.

NO SIMPLES DESLIZAR DA PENSA, COM POUCAS PALAVRAS REVELA A EXISTÊNCIA DO AMOR.

É NO PAPEL QUE O POETA ESTRANHA OS SEUS SENTIMENTOS ADORMECIDOS AO LONGO DO TEMPO, NO DELÍRIO PELA MUSA - AMADA, EM VERSOS PELA BELEZA DAS FLORES E NO DELÍRIO DE AMORES, ENCANTA A VIDA.

PARA O POETA O AMOR E A DOR É UM PAIÃO, UM REMÉDIO AMARGO, UM PREÇO A SER PAGO, SÓ ESCREVE AQUELE QUE SENTE, SE AMOR E DOR, SÓ ESCREVE AQUELE QUE SENTE.

MÃE.

MINHA QUERIDA MÃE, PROCUREI SABER QUAL SERIA O SIGNIFICADO DO AMOR, RESUMI EM APENAS UMA PALAVRA, VOCÊ.

AO TENTAR DESCOBRIR O QUE É SACRIFÍCIO, LEMBREI DE UM EXEMPLO TÃO LINDO, VOCÊ.

PROCUREI UM SÍMBOLO DE PERSEVERANÇA E ACHEI VOCÊ.

ESPLOREI AS EXTREMIDADES DO MUNDO, PARA DESCOBRIR SE ENTRE OS HOMENS EXISTE O SINÔNIMO DE MISERICÓRDIA; ENCONTREI VOCÊ.

AO TENTAR DESCOBRIR ONDE A VIDA SE INICIA, VI QUE DEUS FOI GENEROSO E ME MOSTROU VOCÊ.

A PRIMEIRA SENSACÃO DE FELICIDADE, O PRIMEIRO CARINHO, O PRIMEIRO CHORO, O PRIMEIRO BEIJO, O PRIMEIRO PASSO, EM TUDO O QUE EU ME LEMBRO, VOCÊ ESTAVA LÁ, ME ANIMANDO E DANDO FORÇAS PARA LEVANTAR APÓS O PRIMEIRO TOMBO, É VOCÊ QUE ME LEVOU A ESCOLA, QUE ME MOSTRA E ME ENSINA COMO A VIDA É.

VOCÊ PESSOA INTEGRAL, COM FÉ INABALÁVEL, PESSOA QUE PARECE SER INCANSÁVEL, A GUERREIRA DE TODAS AS HORAS, SEM VOCÊ O MUNDO SERIA SEM GRAÇA E NÃO TERIA O EXEMPLO DO AMOR VERDADEIRO, AQUELE QUE JAMIS PASSA.

AGRADEÇO A DEUS POR TAMANHA DOÇURA, POR TER A OPORTUNIDADE DE SER FILHO DA MAIS LINDA CRIATURA, ONDE HABITA TAMANHA FORMOSURA.

VOCÊ QUE NOS FEZ DESABROCHAR PARA A VIDA, QUE ESTA SEMPRE PRESENTE COM SÁBIOS CONSELHOS, VOCÊ ANSO QUE NOS ESCOLTA EM TODOS OS MOMENTOS E COM AMOR A NOSSA FRAQUEZA EQUILIBRA.

NA LUZ DOS TEUS OLHOS DESCOBRIMOS UM MUNDO MELHOR, E NO TEU SORRISO A PAR DO PARAÍSO, ASSIM DESCOBRIMOS QUE ESTE AMOR TÃO LINDO É INFINITO.

AMOR QUE SÓ CABE EM UM NOME BENDITO, QUE EMBAIXO DO CÉU SÓ É MENOR DO QUE DEUS.

ETIQUETA DE TAMANHA GENEROSIDADE É VOCÊ MÃE, LINDA E QUERIDA, A MÃE QUE DEUS NOS DEU.

TE AMAMOS DO SEITINHO QUE VOCÊ É, CARINHOSA, ATENCIOSA E SEMPRE PRESENTE EM NOSSOS PENSAMENTOS.

TE AGRADECEMOS PELOS TEUS ENSINAMENTOS, POR NOS TORNAR PESSOAS MELHORES.

O BRIGADO POR SER A MELHOR MÃE DESTA MUNDO, PERSEVERANTE E JUSTA, TE AMAMOS.

DOS TEUS ETERNOS ADMIRADORES, Almi e Gabriel

Saúdaes

Ai que saúdae daquele
tempo em que conheci
Meu grande Amor !!!
Que me beija como
Um beija flor
Seus beijos carinhosos
Doce como uma flor
No mel da sua boca
Me perdia com todo amor
Pra ela fiz uma canção
Que falava da solidão
De estar longe
Da outra metade do meu
Coração .

J. S. A.

03/05/16

A traidora.

O Amor de uma traidora
 É máquina devastadora...
 Sem escrúpulos, trapaga
 enrola e endaga
 Com brandura de genia
 Engana sua vítima como presa.
 Aos olhos da compreensão humana
 idube e engana
 Mas para o Criador que é o
 Revelador não há enganador.
 A muitos homens causa dor
 Segundo normas Divinas
 Que dentro de mim estão
 Aprendi a ser perdoador...
 Mas que Deus a proteja
 Da ira de um mal
 Feitor

J. S. A.

08/05/26

MÃE

O AMOR INDESCRITIVEL vem
DA PESSOA, MAIS MARAVILHOSA
DO UNIVERSO...

DELA GANHEI O MAIS PURO AMOR.
VOCÊ COM TEU AMOR
ENCINOU-ME A AMOR.

MARAVILHOSA VOCÊ É!
INESQUECIVEL E SUBLIME
É TEU AMOR.

ENCANTADOR É TEU AMOR
DO TEU VENTRE EU NASCI
AMO VOCÊ MÃE
DE TODO MEU CORAÇÃO.

J. S. A.

07/05/16

Amor.

Gostaria de me transformar
em um ser alado
Para daqui sair voando
E pousar ao seu lado

Hoje estamos distantes
Nosso amor angustiado
O pesar no coração, traz a reflexão
De que a distância, não causa separação.

Mesmo longe de você,
As lembranças fortalecem nosso amor.
Com a certeza de que Deus
Será nosso Redentor.

Redigido esta nosso amor
Para sempre sem causar dor.
Posso sentir o calor
Desse nosso amor...

E. S. A.
5/5/16

O Passado

No erro do Passado
 O Presente obscuro
 Doído além do suportar...
 Como obstáculo uma pedra
 Que não acreditei!
 Por ela estilhado fiquei!
 Na solidão do abandono
 Sinto a lágrima rolar
 Procurando suportar
 Vejo os pensamentos embaralhar
 Sem forças pra vencer o Hoje
 Me agarro ao Criador
 Implorando pra vencer a dor...
 Me dando forças para me ser
 O Criador tira me temor.
 Assim encontrarei, um novo
 "Amor".
 Que não seja traidor...

J. S. A.

3/5/16

Tudo Passa

O tempo passa para todos os viventes. Se no passado eu ~~estivesse~~ estivesse, agora não estaria presa no presente, tentando voltar ao passado.

Por que no passado eu era feliz e tudo passou, a tristeza passou, a dor passou e a mulher que eu amava ficou no passado, que um dia esteve ao meu lado.

Os lábios antes ardentes, hoje curam em me maldizer, pelo meu passado, mas sigo na vida de frente erguida, rasgando o tempo, tentando ser mais amado.

O que é já foi, e o que há de ser, também já foi, por que o presente pede conta do passado.

Boemia

Em longas noites, no fervor de
fogo febril, na flor da idade
hervi, intensas paixões, entre
meretrizes e mulheres profanas.

Algumas vezes acordei ao sol
sem destino, perdido no tempo
andando ao lento, tentando
me encontrar buscando um
aconchego tranquilo de descansar.

Muitas vezes com muito medo,
voltava a me embriagar, para
poder escapar da dura realidade,
buscando a felicidade aonde
jamais poderia encontrar.

Assim passei o meu tempo em noites
de boemia, noites quentes,
noites frias, tentando me
esquecer da mulher que tanto
me fez sofrer.

Sonhar

Sera que sonhar eusti
 ou e apenas imaginação,
 que nós temos, porque me
 nesse dia e dia que vivemos,
 isso já basta para conseguir-
 mos conquistar o que quere-
 mos. Sonhar e ter esperança,
 já não se se sonho, mas, o
 meu sonho e de sonhar tudo
 aquilo que me faz feliz, reali-
 zar, acreditar, dormir e
 sonhar, acordar e ter a
 certeza de que não foi só
 uma imaginação, mas sim,
 algo que surgiu do fundo do
 meu coração.

J. H.

Lembranças de um amor
A vida é bela mas ela
também traz as espinhas e
doe a saudade do meu amor
tão longe, eu aqui sozinho.

Diante a frente de seus
beijos e também de seus
acomplos. A saudade é tanta
que as vezes, quase me
ponho a chorar. Sei que
isso é só uma fase logo
vai passar. Por toda a
minha vida, para sempre
vou te amar.

F. C. S.

* Canon Para Sempre

A VIDA
ME POS
OBSTACULOS PARA
RECUAR,

PERSISTI.
ACERTEI ~~ao~~
REGRESSAR!
AGORA SEI QUE,
SÓ
ESTAREI SEGURO,
MÃE,
PERTO DO SEU AMOR
RECÍPROCO e
ETERNO.

OS TEUS OLHOS

OS TEUS OLHOS TRAZEM A ALEGRIA DO VERÃO, O TEU OLHAR ME ENCHE DE PAIXÃO.

ATRAVESSO DESERTOS E RIOS PARA TER VOCÊ POR PERTO, A TUA PRESENÇA ENCHE DE AMOR O MEU CORAÇÃO.

ESTA SAUDADE QUE ME DÁ POR ESTAR LONGE DE VOCÊ, E QUE ME FAZ VIVER, POIS SÓ EU SEI DIZER O QUE O MEU PEITO ESTA SENTINDO.

QUERIA À TUA PRESENÇA SENTIR AGORA, MAS AS EDIFAS NÃO SÃO COMO OUTRA HORA, QUE COM TERNURA PASSAVAMOS TEMPO À FORA, E COM CARICIAS O NOSSO AMOR VIVEMOS.

AGORA OUÇO BOATOS E NÃO SEI SE DE FATO O NOSSO AMOR ESTA MORRENDO.

SEI APENAS O QUE VIVEMOS UM DIA, E FOI COM MUITA ALEGRIA QUE O NOSSO LINDO AMOR ACONTECEU.

O AMOR QUE É UMA FLOR DISFARÇADA DE DOR E MUITO SOFRIMENTO, COM ESPINHOS DE AMARGURA, QUE NEM O TEMPO CURA, TORMENTO QUE DILACERA A ALMA.

A INCERTEZA É BRUTAL CARENÇA, A SOLIDÃO, SÃO CORRENTES, O TEMPO É FERRO EM BRASA, QUE DEIXA PROFUNDAS MARCAS DE ABANDONO, NA VIDA DESTA VIVENTE.

A.M.

Emocão.

Ela vem sem ter necessidade

de ser desenvolvida, mas
tristezas.

mas também alegrias.

Não pede nome nenhum.

Inerente a consciência

surpreender todos os sentimentos
fines ou fins.

Assim.

que a disfarça.

sem palavras, exceto

a todo momento.

E. F. S

Exame da vida.

meu.

Mãe, esta que sofre a dor
esta que amamenta.

triste, branca.

ela passa noites em claro
ela chorou junto quando você tem dor
os filhos crescem, se afastam.

muitos viram as costas

filhos ingratos

Passam todos os limites

Esqueço que foi ela que deu a luz,
gerou - os

É ela que luta pela sua felicidade,
contra todos.

mãe, se tu

com tantas dificuldades tem muito amor,
carinho e ternura

simplicidade.

E. F. S.

Verdadeiras amor

atrás de uma lágrima triste

sem nunca um sorriso de alegria.

todo amor verdadeiro

traz um sentimento profundo.

livre esse amor é a coisa

mais linda do mundo.

quando se ama, busca-se não

receber, se entrega a luta

deixa todos seus objetivos.

a felicidade

é quem toda ingratidão.

Destino

Se eu pudesse te dar os
olhos azuis como o mar,
os cabelos longos como as
folhas das palmeiras, os lábios
com a doçura da mel e a
pele com a cor da areia.

Porém, ao perceber que o
verdadeiro dono do poder
faz todas estas coisas inspirado
em você, e simplesmente fez
com que os nossos caminhos
se cruzassem e desde então
sou o seu maior feliz ao
acordar todos os dias e
saber que este domo me deu
de presente você.

M. S.

"Saudade e Injustiça"

Eu peço a Deus quando é que
eu vou para

Na mesma peça forte para
pode continuar.

Mas quando eu sei daqui
minha vida vou melhor.

Fui injustiçado por um crime
que eu não fiz, Deus que me
perdeu mais um dia sou
feliz.

Hoje não tenho nada a
família me abandonou.

Mas um dia tenho fé que
encontro um novo amor.

Mas, eu tenho algo que me
fortalece, tenho uma filha
linhada que lá fora da creche.

Deus que abençoe a de proteção
em quanto a liberdade não
chega ela está no ~~meu~~ coração!

P. R. S.

Sentimentos^x

Hoje um lugar e um sentimento.

O lugar ficou marcado e o sentimento

também será apagado!

Marcado em meu coração, muitas aventuras e
iluzões.

O dia simplesmente um sentimento cheio de
lembranças.

Mas que me traz esperanças de um dia
virar de novo.

P.R.S.

Liberdade
 conto os dias,
 conto os dias.
 Era liberdade retornar,
 com muita saudade.

Da minha família
 que eu quero abraçar,
 com certeza e esperança
 de meus sonhos conquistar.

Provando a mim mesmo,
 que estando preso, também
 tenho direito de sonhar,
 fugir do sufocamento.

O Meu psicológico não deixa abalar.
 E sabendo que, talos tempos, a
 chance de alcançar,
 com o dia a dia na jornada,
 A liberdade vai chegar.

J. H. S.

OK
 Salvação Perida

Era noite eu tive um sonho, que já me
 esqueci, sonho que estava em uma
 guerra, muito difícil de vencer, mas
 salvação que é um salvação não desiste
 meu irmão não está todo perdido que ele
 luta até o fim; Salvação perdida, luta, não
 está vencer, sugar em frente no batalha
 que Deus conta com você, se que o guerra
 está difícil no meu sonho eu posso ver
 mas Deus estava comigo não pode temer
 o batalha ele é seu grande rei quem é
 pode vencer porque há os pensamentos
 que soube nos escrever, porque agora é
 capote, até a respeito nos pé, porque
 também o espírito que você deu em
 lá, aqui tem muitos salvação para
 batalha de Deus homens fortes
 e corajosos que lutaram até vencer
 não sei irmão quando vou de
 se esconder entre agora no batalha
 que você eu vencer. Era noite
 eu tive um sonho que já me
 esqueci...

L. G.

Ilusões de Amor

Por ti dei minha liberdade,
dei minha vida, dei amor, em troca
só ganhei sofrimento e dor.

Hoje leve no peito a dor da
solidão, embora não mereça,
ainda lhe tenho no meu coração.

Rezo de minha vida, rezo
de meu querer, daria tudo minha
amada para estar com você.

Como a flor é muito linda,
mas um dia vai murchar, assim
foi meu amor que por ti foi se
acabar.

P. R. F. S.

Sonho de Amor

Amor de quem vive na vida,
 Amor de quem sem ela sabe,
 Sentimento verdadeiro que nasce dentro de mim,
 Olhos sentilando luz de estrela dando tudo
 no mundo para viver com ela,
 Amor da minha vida luz do meu luar,
 Você é tudo minha querida, para,
 Sempre vou te amar!

P. R. F. S.

Sonho de Amor

Amor de pouco entendo na vida,
 Amor de quem sem ela sabe,
 Sentimento verdadeiro que nasce dentro de mim,
 Olhos sentilando luz de estrela dando tudo no
 mundo para viver com ela,
 Amor da minha vida luz do meu luar,
 Você é tudo minha querida, para,
 Sempre vou te amar!

P. R. F. S.

ENCLAUZURADO.

Neste lugar que é proibido sonhar, onde a arrogância da ignorância serpenteia o coração.

Lugar em que semeiam as mazelas como se fossem flores amarelas, cultivando o ódio no lugar da retidão, nuvens negras pairam sob cada cidade.

O sorriso não é sorriso, o ombro não é amigo e a solidão é - companheira; uma nova maneira de se viver em meio à multidão.

Este é um lugar esquecido no tempo, onde só existe o lamento e o preconceito.

Condenado já estão, não tem jeito, só falta o momento da execução, onde o carrasco é você, com os seus olhos tapados pelo preconceito, já deu jeito de fazer a execução.

A.M.

Você em minha vida

- Um dia após o outro.

E assim sucessivamente

mesmo estando distante

Sempre esteve presente...

- Sonhar com você é rotina

Nas minhas noites, sozinha

Perdida na madrugada

Você me mostra o caminho...

- Minha estrela guia, meu anjo,

Sem eu poder te tocar, eu posso te sentir,

Razão da meu viver.

Não posso deixá-la ir!

- Depois do abraço e do beijo,

Te vejo se retirar.

Abro os meus olhos, e olho para o lado,

E outra vez você não está.

- Andando eu espero.

Que esse dia chegue ao fim,

Pois a noite linda e serena

Trarei de volta para mim!

L. S.

Eu quero a cada dia, me salutar como
uma pessoa melhor, e provar que "Deus"
pode transformar tudo.

Ele toca fundo em nossas vidas e faz
destas pessoas perdidas, pessoas de branco
e salar.

Eu um maestro de uma orquestra, da
operária da abelha mestra, da salar da
espiração, Deus é a luz da meu caminho.

J. G. N.